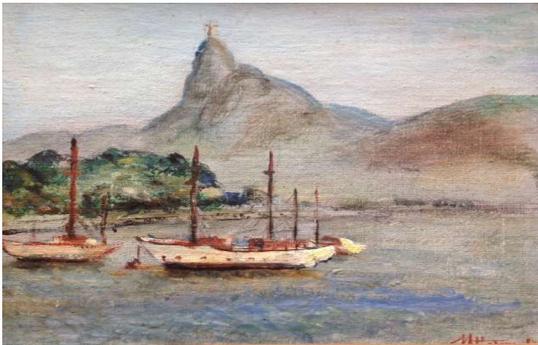




MARIA HELENA ANDRÉS

CAPÍTULO 6 - A VIDA DE ARTISTA





Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br

e www.mariahelenaandres.blogspot.com.br

APRESENTAÇÃO

Estes textos relatam a vida artística de Maria Helena Andrés desde os anos 40, seu aprendizado e a convivência com o mestre Guignard. Ela relata exposições realizadas no Chile, descreve o trabalho coletivo em tapeçarias com Maria Ângela Magalhães, os murais e grandes painéis em pintura e azulejo realizados em Minas Gerais, além de visitas a museus e encontros com professores e críticos de arte.

O eixo da obra de Maria Helena Andrés é a Unidade na Diversidade. A diversidade temática aparece em cada uma de suas “fases”, refletindo o contexto e a conjuntura vivenciados pela artista, que capta os sinais dos tempos em que vive. Profundamente ligada à natureza, as fases da terra, água, fogo, ar e éter refletem o foco de sua atenção e expressão.

Na “fase” inicial, da Terra, usa o desenho e o traço firme aprendidos com seu mestre Guignard para mostrar figuras de pessoas, familiares, cenas rurais, paisagens urbanas. Naquele momento sua espiritualidade estava relacionada ao cristianismo e o símbolo da cruz é mostrado em paisagens, vias sacras, mastros de navios. Sua viagem aos Estados Unidos, na década de 1960, a expôs ao expressionismo abstrato e também ao mundo de modo mais amplo, especialmente seu primeiro contato com o oriente, na Califórnia.

A Água aparece nas suas viagens, na “fase” dos Barcos, simbolizando mares nunca navegados, as aventuras marítimas dos ancestrais portugueses que saíram em busca de novos territórios, de novas conquistas.

O Fogo retrata a guerra e as experiências que enfrentou sozinha e com coragem, em sua viagem aos Estados Unidos, onde passou por experiências com a guerra fria, em que eram comuns os exercícios de defesa civil para se proteger no caso de uma guerra atômica.

No Brasil, a repressão exercida pela ditadura militar também é registrada na “fase” de Guerra. Para superar essa fase forte e traumática a artista migra para as madonas guerreiras e depois suavizadas.

A espontaneidade do gesto caracteriza sua “fase” do Ar e seu encontro com as montanhas e o céu do Retiro das Pedras. O ambiente do alto das montanhas e do céu de Minas já atraía a atenção de Guignard e depois de Orson Welles (o Retiro das Pedras originalmente seria um estúdio de cinema, por sugestão dele, que também se impressionou com os céus da região). Naquele momento Maria Helena inicia uma “fase” de integração com outras culturas e com a natureza, influenciada por viagens ao oriente, e especialmente à Índia, que a marcaram fortemente.

O Éter vai ao encontro das paisagens celestiais, cósmicas e etéreas. As figuras humanas e as luzes de cidades tornam-se pequenas diante dos cenários grandiosos da natureza, refletindo assim sua dimensão relativa diante da imensidão dos universos. O espectro da realidade tem muitas faixas com as quais se pode sintonizar. Pode-se retratar pessoas, bois, postes, cidades cruces, barcos, madonas. Mas também pode-se retratar céus, galáxias, outras dimensões da realidade. Aquilo que parece ser abstrato pode ser o retrato de uma outra escala ou outra dimensão da realidade. Alguns quadros abstratos são o retrato perfeito dos céus de Minas, com suas nuvens e cores; outros se assemelham a fotos de galáxias distantes, tiradas com radiotelescópios potentes.

Sua vivência se reflete também nos temas abordados da Figura ao Abstrato. A “fase” figurativa engloba os desenhos e pinturas realizados nos anos 1940/50 cuja temática é centrada nas paisagens, figuras humanas, festas e no cotidiano. Naquela “fase” verificamos uma influência grande dos ensinamentos do mestre Guignard.

Sua passagem da figuração para o concretismo se dá gradativamente, usando a linha contínua e buscando reduzir a figura ao essencial, através dos elementos geométricos, culminando na série de Cidades iluminadas. Naquele momento, nos anos 1950, Maria Helena Andrés participa do movimento concretista brasileiro, junto com seus colegas, Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Mary Vieira, Mário Silésio, Marília Giannetti Torres e Nelly Frade, entre outros. Nos anos 1960/70, a artista realiza viagens internacionais, entra em contato com artistas da *action painting* nos Estados Unidos e se encanta com o expressionismo abstrato, que aparece nas suas “fases” de Barcos, Guerra, Madonas e Espacial.

Como os próprios nomes indicam, os elementos figurativos ainda estão presentes nos desenhos e pinturas dessas “fases”. Ela expressa em cada fase de sua obra o contexto cultural em que vive, a realidade que presencia, percebe e compreende. Sua obra evolui da cruz à mandala, da aparência à essência, da matéria ao éter, do local ao cosmos.

A partir da metade de sua vida, na década de 70, a Mandala oriental predomina sobre a cruz cristã como símbolo da evolução de sua espiritualidade. Duas de suas obras, as tapeçarias na Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro, e os painéis em azulejos na Ermida de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté-MG evidenciam essa integração, quando as mandalas são trazidas para dentro dos ambientes cristãos, e Cristo é apresentado na mandala e não na cruz. Mas a própria Maria Helena observa que quem propiciou os recursos para uma viagem à Índia foram essas tapeçarias e painéis de azulejos em igrejas católicas.

Ela nunca esqueceu a figura humana e a paisagem. Em suas ilustrações feitas na Índia e publicadas em álbuns e livros ela usa os recursos do desenho para expressar as figuras e paisagens

orientais e as combina com mandalas e elementos abstratos.

Nos anos 1970/90 a artista realiza várias viagens à Índia, entra em contato com a filosofia, a cultura, a arte oriental e realiza uma série de desenhos figurativos publicados no livro *Pepedro nos Caminhos da Índia* e no *Álbum Oriente-Occidente*, integração de culturas. Realiza também pinturas que se referem às Mandalas. Vários críticos consideram essa fase de pinturas coloridas, quase abstratas, como pertencente à tendência do Abstracionismo Lírico. O lirismo e a busca pelo espiritual na arte estão presentes em toda a sua obra.

A partir de suas viagens, principalmente aos Estados Unidos e ao Oriente - cujos registros escritos se encontram em outros capítulos de sua autobiografia - sua espiritualidade cristã caracterizada pela cruz evoluiu para uma perspectiva holística e integral, representada pela mandala, o símbolo oriental para a unidade cósmica. A integração planetária, do oriente com o Ocidente, foi o foco de sua atenção durante décadas, especialmente com suas múltiplas viagens à Índia.

A partir dos anos 2000 seus desenhos, suas pinturas e litografias vão se tornando preto no branco, cada vez mais incisivos, mais gestuais, aproximando-se da caligrafia oriental. Recentemente Maria Helena tem realizado Esculturas geométricas, baseadas em desenhos da “fase” concretista, e Esculturas orgânicas que surgem dos enrolados, ou seja, de suas experiências sensoriais com papéis coloridos. A artista tem realizado pequenas colagens, montagens e Fotografias, que registram a paisagem do Retiro das Pedras, onde ela construiu a sua casa e ateliê.

Maria Helena usa uma diversidade de técnicas para se expressar: desenhos, pinturas, aquarelas, montagens, colagens, litografias, tapeçarias, pinturas em azulejo, fotografias, esculturas, textos em livros, artigos e em blogs, mostrando uma visão panorâmica da riqueza de sua obra, de suas manifestações de criatividade artística e de suas reflexões.

Há uma unidade em toda essa diversidade, com a recusa a se deixar levar pelos apelos do mercado e o compromisso com a verdade, a intuição e o *dharma* da artista, que a conduziram por caminhos variados. O fio condutor da obra está na busca de uma essência (imaterial, intangível, abstrata e espiritual) a partir das aparências (figurativas, físicas, materiais, visíveis aos olhos). Há o compromisso da vida com a arte e da arte com a educação. Maria Helena Andrés considera a arte como um caminho para o desenvolvimento e evolução humana. Estendeu a arte à vida, buscou a transcendência e a integração planetária e cósmica.

Fiel a esses princípios, percorre vários caminhos, geográfica, estética, artística e filosoficamente. A unidade se expressa em suas obras visuais e em seus textos escritos, onde Maria

Helena expressa aquilo que percebe em seu tempo. A diversidade de meios de expressão que utiliza se amplia devido a sua facilidade de incorporar as novas tecnologias da comunicação. Maria Helena exerce também sua liberdade de criação ao visitar e fazer releituras de suas “fases” anteriores e ao transformar em esculturas as linhas bidimensionais dos desenhos.

Marília e Maurício Andrés Ribeiro

SUMÁRIO

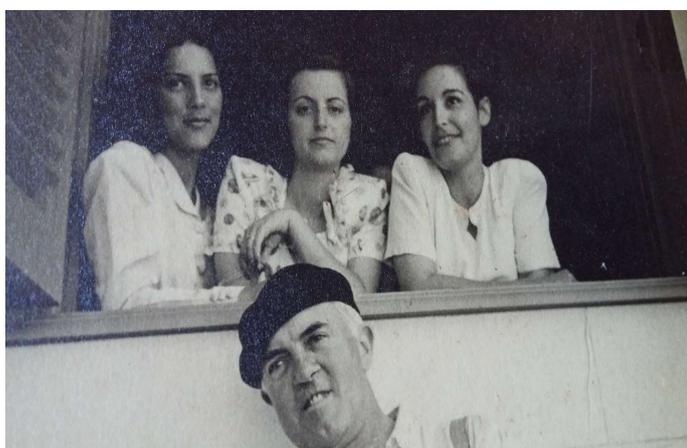
| | |
|---|----|
| 1. O CAMINHO | 10 |
| 2. PRIMEIRAS VIAGENS PARA ENTRE RIOS: MEU ATELIER RURAL | 11 |
| 3. MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA: TERRA, ÁGUA, FOGO, AR E ÉTER | 12 |
| 4. DO CARRO DE BOI AO COMPUTADOR | 14 |
| 5. ESCOLA GUIGNARD, 70 ANOS DE HISTÓRIA | 15 |
| 6. ESCOLA GUIGNARD, 75 ANOS | 18 |
| 7. PORTINARI, VISTO POR DOIS IRMÃOS | 20 |
| 8. ARTE E VIDA | 22 |
| 9. ARTE E VIDA II | 23 |
| 10. COLEÇÃO ADOLPHO LEIRNER NO MUSEU DE HOUSTON | 25 |
| 11. POEMA CONCRETO I | 29 |
| 12. PAINEL CONSTRUTIVISTA NO GRUPO ESCOLAR HERBERT DE SOUZA | 31 |
| 13. POSTES DE LUZ | 32 |
| 14. LOUVOR | 34 |
| 15. ARTE, REFLEXO DA VIDA | 36 |
| 16. NOVAS DESCOBERTAS NO MEU CAMINHO | 38 |
| 17. A CONQUISTA DO ESPAÇO | 39 |
| 18. A CHEGADA DO HOMEM À LUA I | 41 |
| 19. A CHEGADA DO HOMEM À LUA II | 43 |
| 20. FASES DE BARCOS, DE GUERRA E ESPACIAL | 44 |
| 21. ALVORADA VERMELHA | 46 |
| 22. MUTAÇÕES NA ARTE | 48 |
| 23. ENCONTRO COM PABLO NERUDA EM VALPARAÍSO | 49 |
| 24. PABLO NERUDA | 52 |
| 25. EXPOSIÇÃO NA EMBAIXADA DO BRASIL, NO CHILE | 54 |
| 26. CONSTRUTIVISMO MINEIRO EM BRASÍLIA | 57 |
| 27. HOMENAGEM A MARIA ÂNGELA MAGALHÃES | 59 |
| 28. DOM EUGÊNIO SALES E AS TAPEÇARIAS DE NOSSA SENHORA DE COPA- CABANA | 61 |
| 29. UMA FILMAGEM DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE COPACABANA | 62 |

| | |
|--|-------------|
| 30. ARTE ESTENDIDA À VIDA – TAPEÇARIA COLETIVA | 63 |
| 31. TAPEÇARIAS E MURAI | 66 |
| 32. DOIS PAINEÍ, DOIS DESTINOS | 67 |
| 33. SEMENTES DE UM QUADRO | 69 |
| 34. SERRA DA PIEDADE, UNIÃO DE VÁRIOS CAMINHOS | 72 |
| 35. PAINEL EM AZULEJO NA ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM CAETÉ I | 74 |
| 36. PAINEL EM AZULEJO NA ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM CAETÉ II | 75 |
| 37. JEQUITINHONHA I a XI | 77 – 108 |
| 38. UMA VISITA AO MUSEU DE ARTE DO RIO | 110 |
| 39. UMA VIAGEM AO RIO – TRÊS MOSTRAS EM DOIS MUSEUS | 111 |
| 40. ENTREVISTA COM O PROFESSOR CLAU CLUVER | 114 |
| 41. DIALOGANDO COM FRANCISCO JARUTA | 115 |
| 42. MEU ENCONTRO COM BENÉ FONTELES | 117 |
| 43. ILUSTRAÇÕES PARA LIVROS, MARCO ANTONIO COELHO E O RIO DOCE | 118 |
| 44. LIVRO SOBRE A ÁGUA I | 120- |
| 45. LIVRO SOBRE A ÁGUA II | 168 |
| 46. LIVRO SOBRE A ÁGUA III | |
| 47. LIVRO SOBRE A ÁGUA IV | |
| 48. LIVRO SOBRE A ÁGUA V | |
| 49. LIVRO SOBRE A ÁGUA VI | |
| 50. LIVRO SOBRE A ÁGUA VII | |
| 51. LIVRO SOBRE A ÁGUA VIII | |
| 52. LIVRO SOBRE A ÁGUA IX | |
| 53. FOTOGRAFIA, ARTE DO AQUI E AGORA | 174 |
| 54. UMA FOTÓGRAFA AMADORA | 175 |
| 55. PINTURA E FOTOGRAFIA | 177 |
| 56. O ETERNO RETORNO | 180 |
| 57. ESCAMBOS | 182 |
| 58. LEMBRANÇAS DA ESCOLA GUIGNARD | 184 |
| 59. PROFESSORA EMÉRITA DA ESCOLA GUIGNARD | 186 |

| | |
|---|-----|
| 60. HOMENAGEM AOS 70 ANOS DA ESCOLA GUIGNARD | 190 |
| 61. ESCOLA GUIGNARD, UM PONTO DE MUTAÇÃO | 192 |
| 62. VOLTA ÀS AULAS NA ESCOLA GUIGNARD | 194 |
| 63. UMA PEQUENA HISTÓRIA DE VIDA E ARTE I | 197 |
| 64. UMA PEQUENA HISTÓRIA DE VIDA E ARTE II | 199 |
| 65. ESCUTAR O CORPO | 202 |
| | |
| 66. PRÊMIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE (ABCA) 2016 | 213 |
| 67. CARTA À MINHA FILHA MARÍLIA | 216 |
| 68. OLHAR REVISITADO | 218 |
| 69. VOANDO NO AZUL | 220 |
| 70. A CONSTRUÇÃO DA COR | 223 |
| 71. A CONSTRUÇÃO DA COR II | 225 |
| 72. HOMENAGEM A MARIA HELENA ANDRÉS – SEMINÁRIO ARTE CON- CRETA E VERTENTES CONSTRUTIVAS | 227 |
| 73. MEMÓRIAS DE PRÊMIOS | 231 |
| 74. UMA HOMENAGEM NA EMBAIXADA DA ÍNDIA EM BRASÍLIA | 234 |
| 75. UM ENCONTRO NA UNIVERSIDADE DA PAZ | 236 |
| 76. MINHA PARTICIPAÇÃO NO CONSTRUTIVISMO BRASILEIRO | 238 |
| 77. RELEITURAS DO CONSTRUTIVISMO | 242 |
| 78. NO CCBB/BH UM CONVITE: COM A PALAVRA MARIA HELENA ANDRÉS | 243 |
| 79. CIRCUITO POLÍMATAS | 246 |
| 80. EXPOSIÇÃO DE COLAGENS E SERIGRAFIAS NA GALERIA DO TEATRO DA CIDADE | 249 |
| 81. GUARDIÃO DAS MONTANHAS | 251 |
| 82. A GUARDIÃ DAS MONTANHAS | 254 |
| 83. NO ATELIÊ | 258 |
| 84. RETORNO ÀS ORIGENS | 260 |
| 85. CAMINHO DAS ARTES | 262 |
| 86. ATELIÊ NA RUA SANTA RITA DURÃO 432 | 264 |
| 87. ATELIÊ NA RUA SANTA RITA DURÃO 347 | 268 |
| 88. ATELIÊ DA RUA SANTA RITA DURÃO 358 | 272 |

| | |
|--|-----|
| 89. ATELIÊ NA FAZENDA DA BARRINHA | 275 |
| 90. ATELIÊ NO LARGO DO BOTICÁRIO | 277 |
| 91. ATELIÊ EM CONSTANTE MUTAÇÃO | 280 |
| 92. ATELIÊ NA AVENIDA AFONSO PENA | 283 |
| 93. ATELIÊ DO RETIRO DAS PEDRAS I | 285 |
| 94. PAINEL DOS CONFINS | 287 |
| 95. ORIGEM DAS ESCULTURAS | 289 |
| 96. PAINEL SOBRE CHICA DA SILVA | |
| 97. ARTISTA DE CINEMA EM DIAMANTINA | |
| 98. PRIMEIRA VISITA AO PAINEL DE AZULEJOS EM DIAMANTINA | |
| 99. A INAUGURAÇÃO DO RETÁBULO A NOSSA SENHORA APARECIDA EM DIAMANTINA | |
| 100. AGRADECIMENTOS EM DIAMANTINA | |

O CAMINHO



Fotos: arquivo Maria Helena Andrés

Comecei a estudar pintura muito cedo, ainda adolescente. Desenhava retratos e caricaturas de meus familiares, nas festas de aniversário. Uma irmã do Colégio Sacré Coeur de Marie chamou um dia meus pais e recomendou: “Esta menina precisa estudar pintura”. Entrei para o curso de Carlos Chambelland, no Rio, onde tive uma formação acadêmica, copiando modelos de gessos e modelos vivos. Em 1944, quando Alberto da Veiga Guignard foi convidado pelo então prefeito Juscelino Kubitschek para liderar a Escola do Parque Municipal em Belo Horizonte, fui uma das primeiras a me inscrever no curso.

Guignard significou para mim a abertura para o novo, o despertar da minha energia de criatividade. Precisava largar a iniciação acadêmica e partir em busca de maior liberdade dentro da arte. Encontrei-a no convívio com os colegas, no ambiente do Parque Municipal, na poesia da natureza. Guignard abria a percepção e a sensibilidade dos alunos mostrando anjos e guerreiros nos muros velhos, mandalas nas águas do lago, e as formas abstratas que se formavam nas nuvens.

“Reparem os céus de Minas Gerais, são de um azul metálico, brilhante...” Assim íamos seguindo o mestre e nós desenvolvemos à luz do seu entusiasmo. Abrir a percepção, descobrir a peculiaridade de cada aluno era seu lema constante. Guignard tinha como assistente Edith Bhering, sua ex-aluna, vinda do Rio.

Entre os colegas que participaram dessa primeira turma, estavam artistas conceituados na arte brasileira, tais como, Mário Silésio, Amílcar de Castro, Solange Botelho, Marília Gianetti, Mary Vieira, Holmes Neves, Chanina, Wilde Lacerda, Nelly Frade, Ione Fonseca e Célia Laborne (hoje conhecida como jornalista).

Permaneci na Escola Guignard somente três anos. Em 1947, casei-me com o médico Dr. Luiz Andrés Ribeiro de Oliveira, e apesar de ter uma vida de dona de casa e mãe de seis filhos, nunca parei de me dedicar à arte. Enquanto meu marido estudava e fazia concursos, constituindo a sua carreira como médico, eu elaborava também a minha como artista plástica.

1 de abril de 2009

PRIMEIRAS VIAGENS PARA ENTRE RIOS: MEU ATELIER RURAL



Foto: Arquivo Maria Helena Andrés

Na década de 50, para chegarmos a Entre Rios de Minas tínhamos de tomar um trem. Com as crianças ainda pequenas, eu me ajeitava no vagão carregando malas e mamadeiras. A

contemplação da paisagem, o barulho das rodas nos trilhos, o apito nas curvas e o cheiro de fumaça embalavam os passageiros. Alguns chegavam até a dormir.

Lá fora as cenas se sucediam com rapidez, verdes e mais verdes, gado pastando na relva, casinhas, igrejinhas, um verdadeiro presépio em movimento. Depois de uma hora de viagem descíamos em Jeceaba. Ali o Chico Marzano nos esperava de jardineira e, durante a viagem até Entre Rios, já estávamos sabendo das novidades.

Na cidade, em frente ao casarão, os cavalos já nos esperavam para uma nova viagem. Tínhamos de trocar de roupas, tirá-las das malas e ajeitar nos picuás. Alguns pertences poderiam ser colocados a tiracolo, nos embornais.

Lembro-me da primeira vez que viajei a cavalo para a fazenda. Levei um tombo e virei notícia na cidade. Mais tarde, inaugurada a estrada de rodagem, viajávamos de carro de Belo Horizonte para Entre Rios dentro de uma perua: seguia a família com latas de leite, sacos de laranjas, as crianças cantavam o tempo todo.

Eu levava um bloquinho e ia desenhando os postes de luz cortando a paisagem com suas estruturas metálicas. Uma nova série de desenhos e pinturas nasceu daquelas viagens pelas estradas de Minas. As “cidades iluminadas” que hoje figuram nos museus e colecionadores, tiveram suas origens naqueles desenhos rabiscados em blocos de rascunho, onde a estrutura dos postes era uma constante. Na fazenda da Barrinha organizamos um atelier de pintura. Quadros enormes ali foram feitos.

Durante essas temporadas, longe da agitação da cidade, eu tinha tempo para estudar. Aproveitava o silêncio para ler e escrever. Naquela época eu já me interessava pelo lado interno da arte, aliando o conhecimento teórico à experiência de vida. Buscava analisar o fenômeno artístico apoiando-me em críticos, filósofos e pensadores. Os primeiros estudos do livro “Vivência e Arte” foram incentivados por minha cunhada Lourdes Andrés Resende. Líamos juntas e discutíamos o pensamento de Jacques Maritain, Tristão de Athayde, Maurice Dennis, Mário Pedrosa, D. Marcos Barboza, Rainer Maria Rilke e muitos outros. O livro foi prefaciado por Alceu Amoroso Lima e editado pela Agir Editora no Rio de Janeiro, foram feitos ali, na região do Campo das Vertentes. O quadro “Casamento na Roça” criado nessa época, testemunha os costumes regionais.

Mais tarde, em 2004, surgiu em Entre Rios de Minas o IMHA (Instituto Maria Helena Andrés), com a finalidade de proporcionar à população o despertar de novos valores e o resgate das antigas tradições. Através dele foram realizados três Festivais de Inverno, que divulgaram a arte contemporânea e estimularam novas vocações no campo das artes.

O Campo das Vertentes cresceu culturalmente. Novas ONGS foram criadas e as

manifestações folclóricas da região tiveram maior visibilidade.

Em 2009, devido à crise econômica global, o festival não aconteceu. No entanto, a população se organizou espontaneamente, criando um “Mutirão de Arte”.

5 de agosto de 2009

MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA: TERRA, ÁGUA, FOGO, AR E ÉTER



Fotos: Arquivo de Maria Helena Andrés

Em todos esses anos de arte pude constatar várias fases, partindo da realidade exterior para a realidade interior do imaginário, do desconhecido. Vivenciei, ao longo de minha trajetória artística os cinco elementos da matéria: terra, água, fogo, ar e éter. A fase da terra começou com temas do cotidiano, meu mundo de família, crianças, cenas da fazenda, paisagens de Belo Horizonte, quase tudo dentro de certo lirismo herdado de Guignard. Saía para o campo munida de pranchetas e aquarelas, a fim de captar diretamente da natureza sugestões para a minha pintura. Os filhos estavam em volta, também desenhando, meu marido ajudava-me no preparo das telas. Considero pertencente a esta fase, também, os quadros concretistas que são “cidades iluminadas” e aqueles que têm uma referência a temas bíblicos, inclusive o símbolo da cruz.

O elemento Terra cedeu lugar ao elemento Água, mas o símbolo da cruz ainda continuou nos mastros dos veleiros. A forma já não era estática e geométrica, sugeria o movimento e transparências. Os veleiros anunciaram-me as primeiras viagens internacionais, numa necessidade de conhecer o mundo, de conscientizar-me de novos caminhos, novas experiências. Conheci nos EUA um grupo da Action Painting. Experimentei a espontaneidade da pintura gestual, ligada ao Zen budismo, a forma direta de se perceber o “aqui e agora”.

O terceiro elemento da matéria, o fogo, explodiu em 1965, na Fase de Guerra, representando a destruição e a purificação pelo fogo, para atingir novos planos mais elevados. Os mastros dos navios tornaram-se agressivos, pontiagudos, e a fase de Guerra, em preto e branco, motivada pela

tensão política da época, durou um ano. Foi uma denúncia à violência, opressão e ao medo. Daí veio a necessidade de paz, a própria agressividade da fase de Guerra, influenciando as primeiras madonas barrocas, num retorno ao nosso barroco de Minas Gerais. As primeiras madonas eram agressivas, guerreiras, para depois tomarem a direção dos céus, anunciando a fase dos astronautas. As madonas barrocas, ligadas à nossa tradição, foram uma porta entre a Terra e o Céu, entre a Guerra e a Paz. Elas me conduziram para novos caminhos.

O quarto elemento da matéria, o Ar, manifestou-se em 1966 com a série de naves interplanetárias. Veio a conquista do espaço, a tecnologia humana vencendo as barreiras e desvendando o cosmos. Os quadros dessa fase chegaram ao Rio, numa exposição no Copacabana Palace, ao mesmo tempo em que o homem pisava na Lua pela primeira vez.

O quinto elemento, o Éter, é representado na minha trajetória com a forma circular da Mandala, que em termos orientais, corresponde a uma necessidade de integração, de criar uma Gestalt, uma forma inteira, onde todos os lados são iguais. A partir de então comecei a me interessar pelas filosofias orientais e por estudos comparativos entre as culturas do Oriente e do Ocidente.

12 de agosto de 2009

DO CARRO DE BOI AO COMPUTADOR



Fotos: Euler Andrés e Maria Helena Andrés

Residindo longe do eixo Rio – São Paulo onde aconteciam os eventos, eu me expressava nos

anos 50, dentro do construtivismo de maneira própria. Ia todos os fins de semana para a fazenda do meu sogro em Entre Rios de Minas. Ali desenhava cenas da vida rural, buscando a simplificação da figura como uma necessidade interior de disciplina e concentração. Suprimir detalhes, valorizar a cor chapada pura, sem nuances, era para mim também uma busca espiritual da essência da forma, síntese espontânea, intuitiva, conquistada com o exercício constante e ininterrupto do desenho. Os pequenos desenhos da década de 50 foram guardados em pastas diferentes, de acordo com o destino que poderiam ter mais tarde, na pintura, na escultura ou na arte aplicada. Desenhos daquela época estão sendo tridimensionados com o auxílio do computador pela arquiteta Elena Andrés Valle e depois transformados em esculturas de ferro, sob a orientação do arquiteto Alen Roscoe. Esta série de desenhos que denomino de pré- concretista, foi um caminho do figurativo ao abstrato e está possibilitando, no presente, uma caminhada em direção a outros espaços.

23 de agosto de 2015

ESCOLA GUIGNARD, 70 ANOS DE HISTÓRIA





Fotos: internet e do arquivo de Maria Helena Andrés

Éramos 40 alunos, jovens cheios de vida, pertencíamos à primeira geração de artistas que estudou com Guignard em Minas: Amílcar de Castro, Mário Silésio, Marília Giannetti, Mary Vieira, Nelly Frade, Gavino Mudado, Leda Selmi Dei Gontijo, Heitor Coutinho, Arlinda Corrêa Lima, Farnese Andrade, Letitia Renault, Jeferson Lodi, Petrônio Bax, Vicente Abreu e Wilde Lacerda. Fomos direcionados por um mestre que viera do Rio para nos conduzir. Guignard viera cheio de ideias novas, trazendo panoramas abertos para o aprendizado de arte em Minas. Deixara o Rio de Janeiro, onde já era considerado um dos maiores professores de arte do Brasil e também um dos maiores artistas brasileiros.

Viera da Europa lecionar no Rio, na Fundação Osório e participou do grupo *A Nova Flor de Abacate*, onde foi mestre de grandes artistas, tais como Iberê Camargo, Geze Heller, Alcides da Rocha Miranda, Vera Mindlin, Elysa Byington e Werner Amacher. Era amigo de Cândido Portinari, Roberto Burle Marx e também foi considerado por escritores e poetas. Cecília Meireles lhe dedicava versos, o grupo de intelectuais de São Paulo veio a Belo Horizonte para participar com Guignard e os artistas modernos da inauguração da Semana de Arte Moderna em Belo Horizonte, realizada em 1944. Guignard era um revolucionário, lutava contra o academismo vigente na época. Achava que o academismo amarrava os artistas.

Seu método de ensino, baseado no despertar pessoal de cada aluno, assemelhava-se aos ensinamentos de Johannes Itten na Bauhaus de Weimar, na Alemanha.

Despertar em primeiro lugar a sensibilidade, o olhar atento para a natureza, as árvores, os céus, as nuvens, os desenhos que se formam nas paredes velhas, nas pedras, no corte das árvores, nas sombras do chão. Ver os círculos que se formam nas águas quando ali atiramos uma pedra. Observar o olho humano, mandala cheia de vida e de mistérios.

O parque era sempre cheio de motivações para o nosso imaginário de jovens artistas. Passávamos horas debaixo daquelas árvores, sentadas em banquinhos, desenhando com lápis duro,

6H. O desenho nos dava a possibilidade de praticar o exercício da concentração, uma meditação espontânea, sem intenção de ser meditação.

Paralelamente ao desenho de observação, ensinado debaixo das árvores, Guignard nos orientava também, dentro do ateliê. Fazíamos retratos e figuras do natural, como nas academias de Belas Artes.

Muitas vezes acompanhávamos Guignard a Ouro Preto, para desenharmos aquela cidade histórica, e ao Rio de Janeiro para expormos nossos trabalhos.

Na década de 60 eu era professora da Escola Guignard e ali ocupava a cadeira de desenho de criação. A Escola estava situada no parque municipal de Belo Horizonte, nos porões do Palácio das Artes. Ali Guignard e Franz Weissmann lecionaram; mais tarde seus alunos os substituíram. A Escola era pobre, sem recursos, mas rica em talentos. Vários artistas saíram dali e seguiram mais tarde seu próprio caminho.

Na década de 60 assumi a direção da Escola num período de crise financeira. Procurei vários ex-alunos e todos se prontificaram a dar aulas voluntariamente, sem nenhuma remuneração, até que a crise passasse.

Tomamos a decisão de procurar apoio no governo de Minas. Acenamos para os poderes públicos em busca de ajuda e convidamos o Dr. José Guimarães Alves para dirigir a Escola e ligá-la à Imprensa Oficial. Lembro-me das reuniões improvisadas debaixo das árvores. Foi uma época tumultuada, cheia de imprevistos, mas também coroada de êxito. A solidariedade e o idealismo prevaleceram sobre a iminente derrota. Era necessário oficializar a Escola. A fim de legalizar o pagamento dos professores o novo diretor organizou um concurso público de Notório Saber ou Vênia Leandia. Todos fomos concursados e, de acordo com a lei, passamos a pertencer ao quadro de funcionários da Imprensa Oficial.

Na década de 70 pedi demissão da Escola Guignard para me dedicar às minhas pesquisas na Índia e preferi me aposentar pelo INSS.

Agora a Escola Guignard enfrenta um novo desafio, com a demissão de professores, muitos deles com mais de 20 anos de experiência, e que procuram seguir a filosofia do Mestre Guignard. Se a forma de seleção de professores proposta hoje por órgãos governamentais fosse implantada no início da criação da Escola, o Mestre Guignard seria o primeiro a ser demitido. O notório saber do Guignard seria ignorado para seguir uma legislação burocrática.

Reescrevo aqui três citações para reflexão:

“Não se ensina ninguém a ser artista ditando-lhe conceitos teóricos, como não se ensina ninguém a ser poeta ditando-lhe regras gramaticais”. (Maria Helena Andrés, citação do livro *Vivência*)

e Arte, Editora Agir, 1966)

“Não se exige de uma artista plástico o talento de redigir com clareza o que ocorre em seu mundo interior de vivência estética. Às vezes, entretanto, acontece esta maravilhosa casualidade, este dualismo, do pintor ser também escritor. Então eles nos legam textos que se tornam preciosos porque iluminam direções e espaços, motivos e razões, anseios e reflexões que não são os nossos” (Clarival do Prado Valadares, apresentação do catálogo *Maria Helena Andrés*, referente à exposição da artista na Galeria Goeldi, Rio de Janeiro, set. 1965)

“Para ser artista não é necessário ser doutor”, dizia Amílcar de Castro a seus alunos.

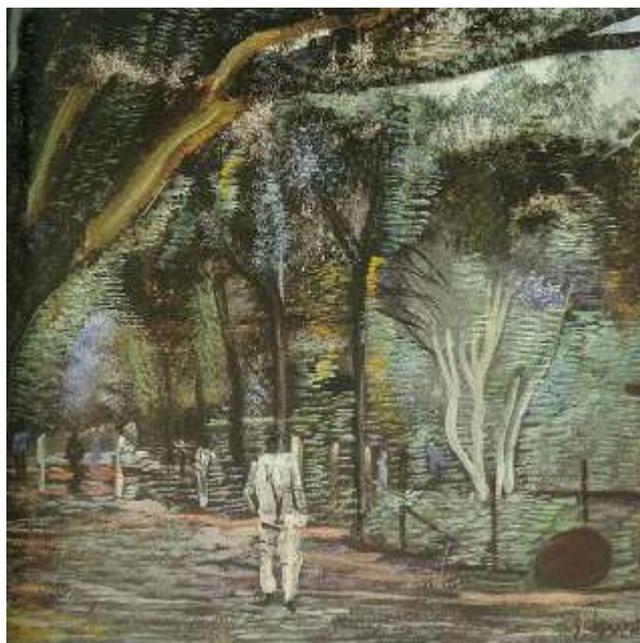
A Escola Guignard sempre foi uma Escola pautada pela liberdade de criação, uma experiência bem-sucedida durante 70 anos. Se ela quase fechou suas portas por falta de recursos financeiros, hoje corre o risco de se distanciar da verdadeira proposta de Guignard.

Espero que, a partir de agora, possam surgir novos parâmetros para a avaliação de professores do ensino de arte, pautados pelo fazer artístico e pela experiência em ateliês.

12 de janeiro de 2016

ESCOLA GUIGNARD, 75 ANOS





*Fotos da internet

A Escola Guignard festejou, no dia 28 de fevereiro, 75 anos de sua inauguração.

Recebi uma comunicação, via internet, me convidando para esta celebração no parque municipal.

Os professores e ex-alunos subscreviam o convite com um pequeno cartaz de nosso mestre Guignard. Neste evento eu seria homenageada.

O carinho do convite me sensibilizou. Sou muito ligada a esta Escola que frequentei há 75 anos atrás. Preparei-me para comparecer, mas tão logo estava pronta para sair de casa uma chuva forte caiu sobre Belo Horizonte.

Acompanhei o evento à distância. Mandaram-me fotos. Ali, estavam muito alunos, gente jovem, com vontade de fazer arte. As fotos são lindas, parecem pinturas de Renoir. Jovens com pranchetas estavam sentados no gramado desenhando o ambiente poético do parque, exatamente como fazíamos há 75 anos atrás. No momento, os alunos seguem a orientação do professor Gouveia.

Um toque saudoso na minha memória me fez recordar o meu tempo de estudante, quando Guignard iniciou aquele curso moderno rompendo o ensino acadêmico de Belo Horizonte. Guignard promoveu a ruptura do academicismo que se instalara em Minas Gerais. Fomos pioneiros de novas ideias e de uma nova arte. Ali, debaixo de árvores frondosas, a sombra de bambuzais, nós nos dispúnhamos a buscar dentro de nós mesmos uma recriação da natureza. O mestre estava ali para nos incentivar. Jogava uma pedra no lago para observarmos os círculos que ali se formavam, mandava os alunos observarem as nuvens no céu, as árvores e as raízes retorcidas. Os alunos observavam a natureza e desenhavam com lápis 6H. O lápis duro não possibilitava o uso da borracha e os alunos ficavam atentos aos detalhes da natureza. No silêncio, eles também descobriam a própria natureza interna.

Mas, voltemos ao evento no parque. Estamos em 2019 e não em 1944. Achei a ideia de voltar ao parque uma iniciativa sensacional porque possibilita um diálogo com o passado.

De longe, desejo sucesso para todos os alunos e professores. Seguir o caminho da arte é benéfico, porque desperta o que temos de melhor dentro de nós. Que este seja o caminho de vocês, alunos iniciantes em arte.

Meus agradecimentos aos professores e ex-alunos da Escola que me convidaram e a todos aqueles que dão continuidade à nossa Escola Guignard.

7 de março de 2019

PORTINARI, VISTO POR DOIS IRMÃOS



Fotos: Tasso Marcelo/AE e internet

Portinari, amigo pessoal de Guignard, recebia com o maior carinho os seus alunos e foi por meio dessa amizade que pude acompanhar de perto a elaboração dos painéis mais famosos de toda a sua carreira artística: os afrescos da Igreja da Pampulha e os dois painéis “Guerra e Paz” pintados para a sede da ONU em Nova Iorque.

Aprendi muito com o mestre. Frequentava aquele ateliê no porão de uma casa antiga em Cosme Velho e ali o via pintar os retirantes e toda a série trágica do nordeste brasileiro. Assisti Portinari pintar “Guerra e Paz”, dois grandes painéis monumentais. Guerra e Paz foi pintado num prédio em construção no bairro de Botafogo, cedido ao mestre para realizar com maior facilidade o seu trabalho que exigia mais espaço. Fui ao Rio especialmente para vê-lo pintar.

Meu irmão mais novo de 12 anos estava interno no colégio Santo Antonio de Niterói. Fui buscá-lo para ver o mestre pintar. “Fique sabendo que isso é um privilégio imperdível”. Ficamos horas observando Portinari pintar. Ele teria de subir andaimes para alcançar os pontos mais altos, subia e descia com agilidade. Foi naquela ocasião que o meu irmão Antonio Eugênio resolveu dar

uma de crítico de arte e comentou que não gostava do amarelo, ali naquele determinado lugar.

Portinari olhou para trás, viu o menino e não comentou o fato, apenas perguntou: “O senhor por acaso é pintor?”. Aquele palpite inconveniente me fez remeter o jovem irmão para a casa de tio Ênio, em Copacabana.

Transcrevemos o depoimento Luiz de Salles Coelho, irmão de Maria Helena:

“Portinari vinha do Rio acompanhado de sua equipe de artistas. Portinari subia em escadas para pintar, ajudado sempre por seu irmão Leo.”

Lembro-me da Escola de Belas Artes no parque e do filho de Portinari, que tinha um pouco menos que a minha idade, e brincamos juntos naquela visita que fizemos à Igreja da Pampulha. Hoje vejo que se tornou importante matemático, e PhD pelo MIT. Além de professor, o João Cândido Portinari - este o seu nome - encarregou-se de organizar e tomar conta da memória e obras do pai. É o presidente do “Projeto Portinari”. Há poucos dias apareceu na mídia participando de uma importante iniciativa e que vale a pena comentar. Portinari havia sido convidado pelo Governo brasileiro para pintar o painel Guerra e Paz, que o Brasil ofereceria à ONU para ser colocado na entrada de sua sede em Nova York. Juscelino, presidente e incentivador das artes e artistas ficou sabendo que Portinari não seria convidado para a inauguração do painel duplo em NY, por ser comunista. Não pensou duas vezes. Mandou montar o painel no Teatro Municipal do Rio, para que seu autor e o público o pudessem admirar em um ambiente digno. Fica aqui um apelo e sugestão ao João Cândido. Numa homenagem a JK, por que não culminar trazendo-o também para BH? Lugares e patrocínio não hão de faltar para esta exposição aos mineiros: Museu da Pampulha, Palácio da Liberdade, Palácio das Artes, Casa FIAT da Cultura, e até mesmo Inhotim...

31 de dezembro de 2010

ARTE E VIDA



Foto: arquivo pessoal

As artes plásticas possibilitam uma reflexão sobre o que motivou determinado impulso

inconsciente, e nos fez seguir determinada direção. Cada artista tem seu próprio caminho. Cada ser humano tem seu próprio processo.

Reconhecê-lo através da sua própria arte é anexar arte e vida.

Arte e vida tornou-se um único processo, quando descobrimos o que nos moveu a seguir os movimentos vindos do inconsciente.

É necessário estar aberto, receptivo. Então o que já existe dentro de nós poderá vir à tona. Proporcionar esta abertura para o novo, é tarefa do educador.

Guignard foi antes de tudo um grande educador.

O encontro com Guignard possibilitou-nos um descondicionamento das fórmulas acadêmicas. Todos os alunos receberam da mesma fonte, mas cada um seguiu uma direção diferente.

Dar livre curso à emoção através da cor e ao mesmo tempo disciplinar a mente com o exercício do lápis duro, foi tarefa inicial exigida pelo mestre.

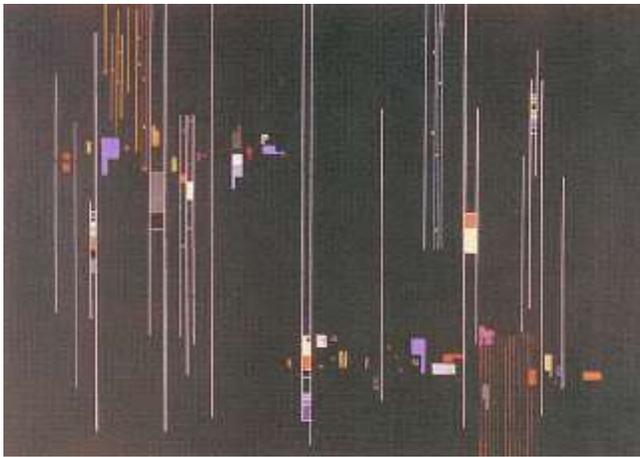
Havia incentivo, entusiasmo. Havia cooperação e ajuda mútua. Havia estímulo e apoio às ideias novas. As tendências vieram à tona, nos diversos tipos psicológicos dos alunos. Alguns continuaram pintores, outros se tornaram gravadores, escultores, decoradores, jornalistas e escritores.

Hoje a arte se estende à vida em todas as situações.

Escolhi a pintura e o desenho seguindo uma complementação mútua de cor, transparência, linha, textura. Os livros vieram da necessidade de dar testemunho e também de estimular outros artistas a fazerem o mesmo: refletirem sobre seu próprio caminho, conscientizarem o seu processo. Cada um descobrirá o seu no momento adequado. Arte é autodescoberta e autoconhecimento.

11 de agosto de 2015

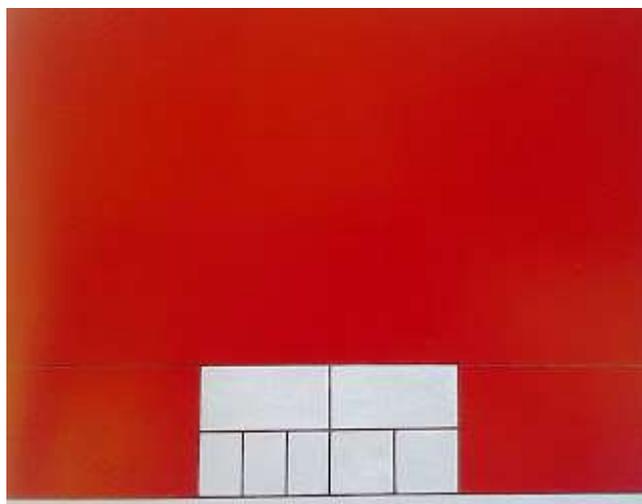
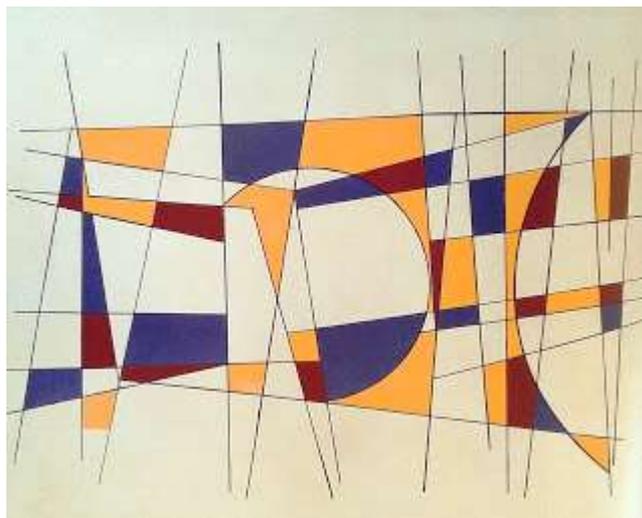
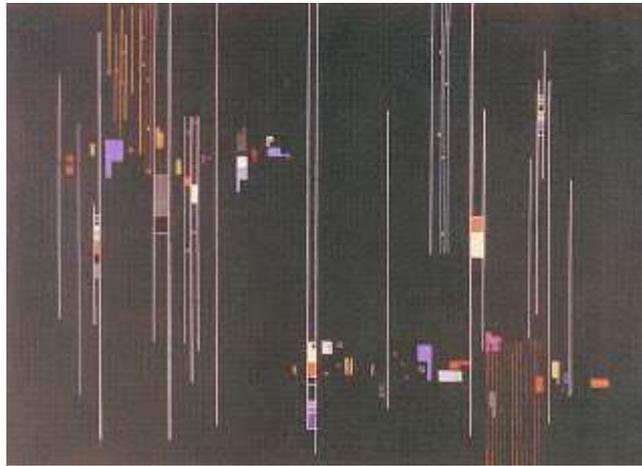
ARTE E VIDA II

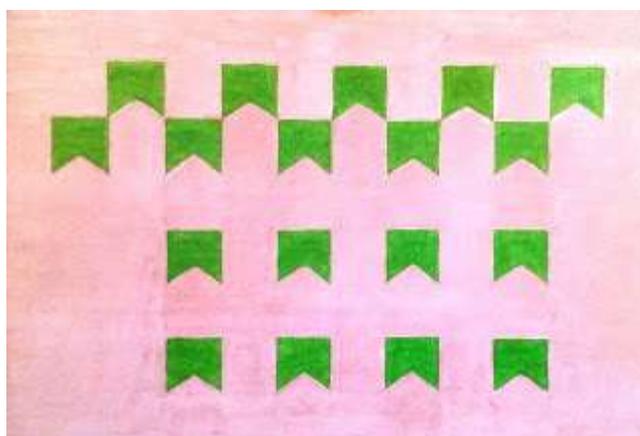
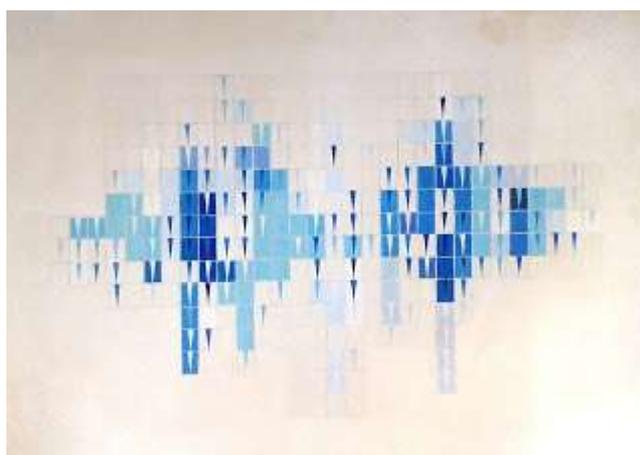


Fotos de arquivo

Pintar livremente, deixando fluir a espontaneidade.
Escutar em silêncio as direções que vêm de dentro
sem conceitos e fórmulas.
Seguir o entusiasmo da descoberta
sentindo que as coisas surgem motivadas pelo toque inicial.
Este toque é necessário e promove mudanças na história das artes.
Guignard abriu as janelas da criatividade em Minas
e deixou entrar luz.
A ele se achegaram aqueles que estavam preparados
para a grande viagem.
Arte é uma passagem, um itinerário a seguir.
Altos e baixos pela frente.
Sucessos, fracassos, noites de descoberta, madrugadas de vigília.
Nosso mundo interior vem à tona para surpresa e alegria.
Surgem crianças, paisagens, cidades iluminadas,
barcos, veleiros, foguetes espaciais.
O cosmos se revela em cores e transparências imaginárias.
Tudo faz parte de um todo, não tem nada separado.
Como uma árvore crescemos, nos subdividimos em galhos,
uns altos, outros baixos, alguns se escondem, outros buscam os céus.
São várias as mensagens que surgem no caminho.
Somos instrumentos para transmití-las.
Nossa vida é um processo
e os acontecimentos não são por acaso:
uns motivam os outros.
Dar testemunho, falar, escrever:
“Arte é um caminho”.
Unir todos os caminhos num só.
Novas sínteses, novas mandalas.
Vida e arte se resumem nesta busca
e caminhando encontramos nosso destino comum.

COLEÇÃO ADOLPHO LEIRNER NO MUSEU DE HOUSTON





*Fotos de arquivo

Conheci Adolpho Leirner quando ele veio a Belo Horizonte me procurar, nos anos 1980. Naquela ocasião ele estava formando a sua coleção de pinturas construtivas de artistas brasileiros.

Desde aquela época pude vislumbrar a importância de deixar nas mãos de um renomado colecionador de São Paulo o que de certo modo representava o início de minha história artística, a entrada na arte não figurativa. Não tinha muitas telas disponíveis, mas me senti feliz de participar daquela coleção.

A coleção de Adolpho Leirner deixou o Brasil para estar presente no Museu de Houston, nos Estados Unidos. Ali ela pode ser vista por milhares de pessoas, viajar pelo mundo, ser televisionada, pesquisada, transformada em livros. Enfim, pode mostrar que a arte brasileira atingiu um patamar elevado de seriedade, equiparado à de outros países do primeiro mundo.

O Brasil é um país sério e a coleção Adolpho Leirner é o testemunho disso. A coleção causou um impacto quando chegou aos Estados Unidos e ali em Houston apresenta o elevado nível de nossa arte.

Volto ao começo do concretismo, quando ele surgiu no Brasil. Foi o impacto causado pelas ideias vanguardistas de Max Bill, a abertura da 1ª Bienal de São Paulo e o prêmio dado ao artista brasileiro Ivan Serpa, considerado o papa do concretismo.

Foi a minha amizade com o casal de artistas de São Paulo, Maria Leontina e Milton Da Costa, que me possibilitou uma abertura maior para essa tendência. Milton da Costa e Maria Leontina vinham até Belo Horizonte para me visitar e eu participava sempre de reuniões na residência deles em São Paulo. Eles assistiram a minha entrada no construtivismo e a eles devo apoio e incentivo. Nos corredores das primeiras bienais de São Paulo alguma coisa nova surgia e conseguia levar nossos artistas à formação de um grupo de alcance internacional.

Adolpho Leirner percebeu isto e registra em seus depoimentos o início de sua coleção com uma pintura de Milton Da Costa. Na coleção de Leirner participo como artista independente e como independentes viajamos pelo mundo.

Recentemente pude ver, com emoção, no YouTube, a abertura da exposição construtiva brasileira em Zurich, na Suíça. A repórter falava ao microfone, tendo por detrás dela um quadro de Mário Silésio, nosso companheiro de arte.

Realmente, o testemunho dado pelos artistas ultrapassa as reivindicações políticas para alcançar um nível transcendente que unifica os povos, sem conflitos. Percorrer uma exposição de arte construtiva nos leva a um estado elevado de concentração e meditação.

A arte construtiva propõe uma forma impessoal, sem fronteiras regionalistas, que congrega os irmãos desse planeta num todo espiritual, transcendente. Isso porque o seu processo exige disciplina e muita concentração. Exige limpeza, clareza e desligamento do mundo real para a construção de uma outra realidade artística. A cor teria que ser pura, a forma clara, sem nuances. O artista teria que criar a partir dos elementos plásticos disponíveis: cor, linha, forma que seriam organizados em determinado espaço. Isto significava mergulhar dentro de si mesmo em busca da ideia primordial que se transformaria numa forma nova, completamente desligada da figuração externa.

Nós os artistas independentes de Minas, que não participamos dos movimentos concreto e neoconcreto, estamos juntos nessa coleção. Na época formávamos um pequeno grupo e hoje podemos ser vistos nas imensas salas do Museu de Houston, no Texas. Sair do Brasil é uma conquista, participar de coletivas internacionais faz parte da união planetária, tão sonhada pelos pensadores espiritualistas. Nosso recado foi dado e hoje está visualizado nos imensos salões desse museu americano.

Estar presente no mundo, dar testemunho de nosso país, projetá-lo coletivamente e possibilitar o estudo de um momento importante da arte brasileira, foi o que realizou Adolpho Leirner ao vender a sua coleção para um grande museu americano.

23 de janeiro de 2017

POEMA CONCRETO I





Fotos de Maria Helena Andrés

Para ilustrar a minha participação no movimento concretista da década de 50, escolhi para as próximas postagens alguns poemas concretos escritos na época.

ESCULTURA

A forma branca se eleva
Se eleva como uma prece
Se elevando
Levantando
Eleva
A alma também
Forma branca
Alva
Brilhante
Forma esguia
Forma pura
Forma síntese da vida

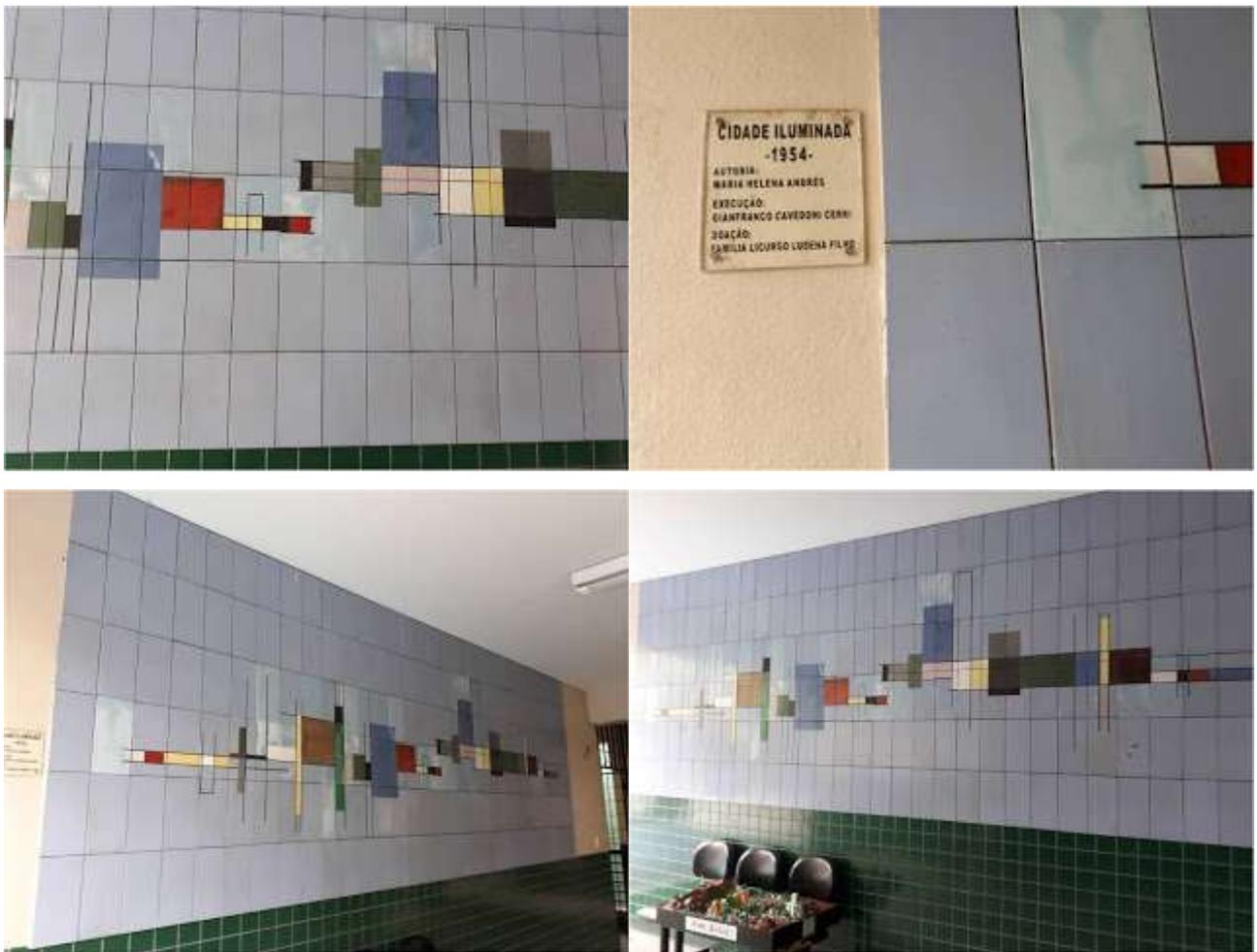
Vida
Plena
Plenitude

Forma pura
Musical
Levantando

Se elevando
Se eleva como uma prece

PAINEL CONSTRUTIVISTA NO GRUPO ESCOLAR HERBERT DE SOUZA





*Fotos de arquivo e de Rosa Maria Machado de Souza.

Estou diante da tela do computador, vendo desfilarem as fotos concretistas de meu painel executado na década de 1950 para a residência de Licurgo e Antonieta Lucena. Eles eram nossos vizinhos na rua Santa Rita Durão e pretendiam inaugurar uma casa nova com o meu painel.

Foi uma encomenda muito prazerosa, criei o projeto e solicitei a colaboração do ceramista Juan Franco Cerri, para o trabalho feito em cerâmica.

O painel construtivista ficou por muitos anos enfeitando a fachada da casa dos Lucena. Às vezes eu passava de carro e parava para vê-lo.

Ali ficou até que um dia o casal resolveu demolir a casa para, naquele local, construir um prédio.

Foi quando me telefonaram pedindo uma sugestão. Queriam colocar o painel num local onde tivesse visibilidade. Descobrimos o lugar ideal, o Grupo escolar Herbert de Souza, num bairro da periferia de Belo Horizonte. A transferência foi também executada por Cerri e hoje ocupa um espaço no Grupo Escolar, alegrando as paredes por onde passam crianças.

Há alguns anos, fui visitar o grupo, conversei com as crianças, tiramos retratos juntos.

É importante ressaltar a generosidade de Licurgo e Antonieta, doando o seu painel para benefício público.

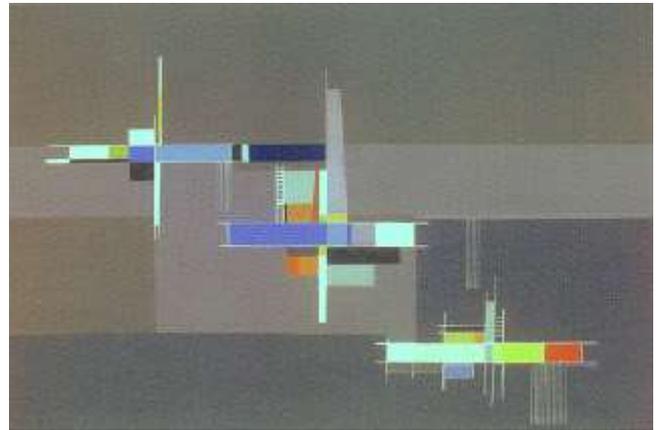
As fotos desta postagem foram tiradas por Rosa Maria Machado de Sousa, bióloga e analista social que trabalha na URBEL. Ela estava fazendo um trabalho com os alunos da escola integrada sobre situações de riscos (geológicos e ambientais), desde que a escola Municipal Herbert de Souza fica próximo ao córrego do Onça, bairro Aarão Reis. Ficou emocionada quando viu o meu painel, pois é grande amiga de meu filho, Maurício Andrés.

A cidade e as crianças agradecem esta iniciativa.

14 de agosto de 2018

POSTES DE LUZ





*Fotos de arquivo

Quando eu era menina, gostava de soltar papagaios na rua. Era um prazer vê-los subir, ganharem os céus, seguirem o vento, sustentarem-se no ar. Fazíamos nós mesmos os papagaios de papel de seda e a disputa entre os amigos era de ver quem chegava mais longe, mais perto do céu.

Mas, os postes e fios elétricos significavam sempre a morte dos papagaios. Impossível salvá-los das correntes elétricas: também havia o perigo de puxá-los, restava apenas assistir à sua decomposição no tempo, as cores desbotando com a chuva, as caudas sendo arrancadas pelo vento. Este foi o meu primeiro contato com os postes da CEMIG.

Depois eles voltaram insistentemente nos meus desenhos e assumindo significados diferentes de acordo com a época, e a vivência do momento.

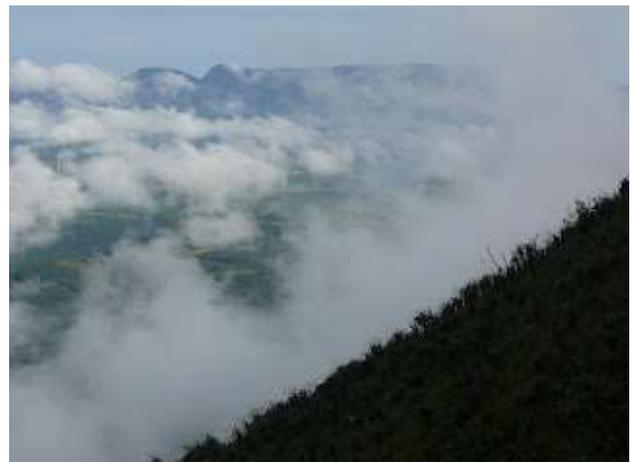
Vieram de longe, acompanhando o meu caminho na arte. Significavam a cruz da Via Sacra, a força de Tiradentes, a guilhotina da Revolução Francesa. Receberam cores nas Cidades Iluminadas e nos barcos, morreram na minha fase de Guerra.

Em outro painel, realizado para um grupo escolar no bairro Céu Azul em Belo Horizonte, os postes ganharam um significado lúdico. Transformaram-se em torres e castelos. Parecem pagodes chineses, lanternas iluminadas.

As estórias da infância estão sempre exercendo um efeito mágico sobre minha arte. Relacionei o conteúdo do painel com as mil e uma noites e ele saiu espontâneo e descondicionado. Não existe separatividade entre o que ficou marcado na infância e o que estamos vivenciando no presente. Arte e vida estão ligadas no eterno agora.

19 de novembro de 2019

LOUVOR





· Fotos de Euler Andrés Ribeiro

Aleluia

Cantam sinos

Sinos cantam

Aleluia

Aleluia

Alegre

Noiva

Noiva

Noivado

Aleluia

Aleluia

Sinos dobram

Noiva

Noivo

Cantam juntos

Aleluia

Vida

Espaço

Céu

Estrelas

Aleluia!

30 de julho de 2018

ARTE, REFLEXO DA VIDA





Fotos de arquivo

Quando, em 1961, eu me encontrava nos EUA em viagem de estudos, passei por uma experiência que só mais tarde viria refletir na minha arte. O país estava sendo mobilizado para um treinamento de guerra. Havia instruções nos hotéis, na TV, sobre como proceder em caso de ataque atômico.

A partir de 1964 o Brasil encontrava-se sob a ditadura militar, muitos jovens eram presos, torturados e mortos, muitos ativistas se autoexilaram e muitas obras de arte foram censuradas.

A minha fase de guerra nasceu do impacto provocado por essas experiências. As estruturas que sustentavam a composição dos quadros tornaram-se mais fortes e agressivas, as transparências menos líricas.

Nessa fase predominou o desenho em preto e branco, às vezes com ligeiro colorido.

Substituí o carvão pela aguada e aumentei o tamanho dos desenhos. Os traços foram estruturados com pedaços de isopor que eu molhava no guache ou na tinta plástica, substituindo o pincel. Comecei a sentir que o pincel cria uma distância entre a mão e o desenho. Necessitava de uma certa velocidade emocional que muitas vezes se perdia nessa distância. As aguadas foram feitas com uma esponja retangular, usando maior ou menor quantidade de tinta para modular as sombras. Entre os mastros e escombros, procurei sugerir a figura humana.

A fase de guerra foi exposta no Brasil na década de 60 na Bienal de São Paulo, bem como em Washington D.C., Paris e Roma.

A fase espacial trouxe novamente o lirismo à minha arte. Entre a guerra e a paz tive uma fase de madonas barrocas que me levaram a uma direção menos trágica e me devolveram a cor.

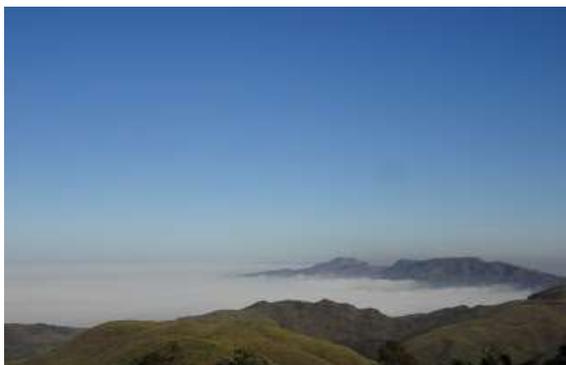
Desde 1966 comecei a pesquisar o tema fascinante da conquista do espaço, imaginando as futuras viagens em naves tripuladas. Meu sonho de viagens fantásticas transportou-se dos barcos para as naves interplanetárias.

Substituí a pintura a óleo pelo acrílico, material mais adequado aos artistas que trabalham com transparências e nuances.

Preparo as telas com liquitex gesso sobre linho e continuo substituindo os pincéis por outros materiais mais diretos tais como estopa, esponja, pedaços de isopor etc.

12 de setembro de 2016

NOVAS DESCOBERTAS NO MEU CAMINHO



Fotos: Maria Helena Andrés e internet

Quando voltei ao Brasil depois de uma viagem dos Estados Unidos, em 1961, a arte abstrata levantava bandeiras na Bienal de São Paulo, com o grande prêmio dado a Manabu Mabe. Eu trouxera dos americanos uma bagagem de impressões e vivências marcantes que definiam direções para o meu trabalho. Naquele mesmo ano, havia sido convidada a apresentar uma sala especial na Bienal, com desenhos em papel veludo, sugerindo veleiros. Voltara dos Estados Unidos com quatro exposições individuais no meu currículo, e uma acolhida amistosa pelos dirigentes de museus e galerias. Naquele momento, a Bienal significava a abertura para a fusão oriente-ocidente através da linguagem artística. Passei 1 mês em São Paulo percorrendo a Bienal. Parava diante dos quadros do japonês Tessai, estudando sua vida e sua obra.

Ele de certo modo significava para mim o gosto pelas viagens, a aventura de percorrer muitas cidades, conhecer pessoas, falar línguas diferentes. Significava a emoção da pintura, a necessidade de expressar e a reflexão, o silêncio e o vazio. Na pintura japonesa o vazio é necessário como é

necessário este vazio para chegarmos à nossa vivência de paz.

Tessai percorrera 10.000 milhas andando a pé pelo Japão e lera 10.000 livros. Sua pintura refletia algo mais que uma simples exposição emocional, mas convidava ao silêncio, a meditação.

Agora, revendo os meus passos no caminho, posso assegurar que este pintor japonês, foi realmente o grande exemplo que precisava encontrar naquele momento. Atualmente, os meus passos pelas montanhas vão descobrindo em Minas, as paisagens do Japão.

1 de fevereiro de 2016

A CONQUISTA DO ESPAÇO



Foto: Maurício Andrés

“A sonda norte americana Voyager 1, lançada em 5 de setembro de 1977, entra em um mundo até agora inexplorado, ultrapassando os limites do nosso Sistema Solar. Faz 35 anos que ela deixou a Terra e, a mais de 18 bilhões de km de nosso planeta. A Voyager 1 está prestes a se tornar o primeiro objeto de fabricação humana a ultrapassar esse limite e alcançar o espaço interestelar. Carrega um disco chamado “Voyager Golden Record” contendo imagens e sons representativos da história de nosso mundo: um gráfico com a posição da Terra no espaço, a estrutura do DNA, sons de animais, uma seleção musical e ainda mensagens em 55 línguas diferentes.” (Jornal Hoje em dia, 6/9/2012)

Relembro a minha fase de pintura espacial, realizada nos fins da década de 60, em meu ateliê em Belo Horizonte. Em 1969, quando Neil Armstrong pisou na lua pela primeira vez, eu inaugurava

uma exposição desses quadros no Rio de Janeiro. A semelhança das fotos publicadas pela mídia celebrando o evento, com meus quadros espaciais, despertou a atenção de jornalistas que foram me entrevistar sobre aquela coincidência.

Transcrevo algumas críticas da época sobre a minha fase espacial:

“O artista é o grande pioneiro, como sempre foi, da conquista universal. Quantas vezes descemos em Vênus com um poema? Quantas atmosferas foram criadas com a matéria pictórica, quantos azuis transpassados. E tudo num ato de amor, num voo, num desejo panorâmico de ver, conhecer e habitar de felicidade.

“Um destes artistas é a mineira Maria Helena Andrés, que exporá dia 5 na Galeria do Copacabana Palace, e que marca a primeira exposição de temas interplanetários”. (Walmir Ayala em “Os engenhos voadores”, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1969)

“Maria Helena Andrés, sobretudo em suas grandes telas, com domínio perfeito da técnica, espatulada, organizada e rítmica, obtém efeitos de grande beleza cromática. São aparentes suas referências dramático-poéticas, de naves naufragadas ou aviões estraçalhados no espaço.” (Aracy A. Amaral, São Paulo, 1968)

“Maria Helena Andrés andou sempre adiantada em sua época, desenhando, pintando, escrevendo coisas que sequer seus contemporâneos pensariam ou acreditariam, tais como suas naves e viagens interplanetárias. Dessas viagens pelo onírico às viagens reais pelo mundo, levou e trouxe conhecimentos que, numa troca de valores, consolidaram sua estatura de intelectual e artista, e uma filosofia de vida singular. Tem lugar definido nas artes plásticas do nosso país e é orgulho de todos nós.” (Mari’Stella Tristão, Estado de Minas, 1988)

“Por volta de 1964, Maria Helena Andrés, fundindo o significado simbólico das embarcações com chamamentos diretos da contemporaneidade, passou a figurar, na mesma crescente diluição quase abstrata, máquinas voadoras num universo de sonho e luminosidades metálicas.” (Roberto Pontual, Rio de Janeiro)

“Há muito familiarizada com os temas que sugerem caminhadas espaciais e aeronaves passeando o céu, a artista obtém na monumentalidade mural, um extraordinário efeito. Sobre uma imensa superfície azul repousa uma viagem. O percurso taticamente mantido sem insinuações explícitas, estabelece a possibilidade vital do voo criativo. O público caminhará à esteira do sonho.” (Celma Alvim, apresentação do catálogo da exposição de pinturas realizada na Sala Manoel da Costa Athayde, Museu da Inconfidência em Ouro Preto, fevereiro de 19)

“Há uma longa fase de sua pintura em que os barcos, navios, se tornaram bastante visíveis. Depois, por volta de 1964, ela passou a figurar máquinas voadoras hoje cristalizadas numa pintura

que se pode chamar de “figuração científica”, pois refletem a preocupação da artista pelos últimos acontecimentos da “era espacial”: os cosmonautas chegando à lua. Toda esta pintura reflete um temperamento sonhador, talvez um tanto romântico, com projeção de estados oníricos”. (Márcio Sampaio, “Maria Helena Andrés: Arte vivida dia a dia”, Revista Minas Gerais - Ano 1, nº 1, Belo Horizonte, março/abril de 1969).

7 de setembro de 2012

A CHEGADA DO HOMEM À LUA I



Fotos de arquivo e da internet

Encontrei nos meus arquivos o texto abaixo, escrito em 1969, quando o homem chegou à lua.

Quando, no silêncio do ateliê, tomamos uma tela branca e começamos a elaborar um novo quadro, não temos conhecimento muito claro do que se processa por detrás das pinceladas. Criamos porque sentimos necessidade de dizer, de proclamar alguma coisa que nos emociona, seja uma paisagem, uma figura, uma ideia, uma intuição. Lírica ou agressiva, realista ou abstrata, a forma de arte é uma exteriorização daquela ideia que se esboça vagamente. Brotando do inconsciente sem imposições externas, ela transmite a nossa emoção diante do mundo e pressentimentos claros do

que está por acontecer no futuro. Toda a minha fase de naves interplanetárias antecedeu a chegada do homem à lua.

Naquela época em que o homem pisava pela primeira vez o solo de outro planeta e regressava à terra triunfante, vivemos e sentimos o impacto das histórias fantásticas que se transformam em realidade. Aquilo que pressentíamos apenas, ou sonhávamos, isto é, conhecer e explorar o mistério das estrelas, aí estava ante nossos olhos assombrados. Eles desceram realmente na lua, foram vistos pela TV, escutados pelas transmissões de rádio!

Os artistas da atualidade, criados neste ambiente de procura científica do desconhecido, inspiram-se e às vezes até adiantam-se às conquistas espaciais. Através da imaginação descortinamos a lua e outros planetas. Não são poucos os pintores e desenhistas, escultores e gravadores que se preocupam com o que anda por lá, nas regiões inexploradas deste céu imenso. Acompanhamos em imaginação as experiências que se fazem no mundo e, se não pudemos pisar realmente o solo lunar, navegamos pelo espaço cósmico procurando um lugar ao sol para o nosso pouso.

Artistas abstratos como Danilo de Preti e Mabe nos dão testemunho desta preocupação com o espaço interplanetário. Pintaram paisagens imaginárias, não as paisagens a que nos acostumamos a ver. Minha fase interplanetária foi um reflexo das preocupações espaciais. São naves que transportam seres humanos, levam cidades, oficinas, máquinas, fábricas, numa imigração futura para mundos nunca dantes percorridos.

22 de agosto de 2016

A CHEGADA DO HOMEM À LUA II



Foto da internet

O texto abaixo dá continuidade ao meu depoimento sobre as viagens espaciais, escrito quando o homem pisou na Lua em 1969.

Fico empolgada com a curiosidade humana em descobrir coisas novas, avançar para o desconhecido, tentar alcançar com as mãos o impossível. As primeiras experiências do homem no espaço me impressionaram vivamente, e agora, a lua atingida, televisionada, irradiada, pisada por três homens da Terra, constitui algo fantástico, inacreditável.

A Terra inteira foi sacudida por um impacto de tensão e euforia, esquecendo-se preconceitos e ressentimentos para generalizar o feito desses homens que, nascidos e criados em nosso planeta, foram a um outro mundo e voltaram.

O feito dos astronautas americanos não pertence apenas aos EUA, mas ao mundo inteiro. Sentimos que a inteligência humana poderá se estender a limites do quase impossível, com o auxílio da máquina, sua companheira inseparável.

São os cérebros eletrônicos funcionando, transmitindo, refletindo, desvendando mistérios. E, ao lado deles, o homem com suas faculdades, suas iniciativas, seu espírito criador, sua personalidade.

Mas, vivendo ao lado da máquina, o homem não pode se transformar em simples peça das engrenagens eletrônicas; ele vive, pensa e sente. E para não ser transformado em “robô”, é preciso que, não somente pensamento, mas também sentimento, iluminem as direções do futuro.

Sentindo e humanizando a ciência, seus caminhos não serão marcados apenas pela precisão fria dos computadores. Um novo humanismo será necessário, tendo por finalidade as intercomunicações espaciais. Projetando-se em direção ao espaço interplanetário, as investigações do homem beneficiarão também a Terra.

Quando os homens chegaram à lua, minha exposição já estava encaixotada para seguir para o Rio. E por sorte chegou na hora, constituindo uma pequena, mas sincera homenagem aos acontecimentos que tanto nos fascinaram. Estamos vivendo a época das grandes mudanças, o artista é sempre um mutante em potencial.

É isso que faz a transformação na arte e na vida, a interpenetração de ideias do passado com as vivências do presente para se construir o futuro.

29 de agosto de 2016

FASES DE BARCOS, DE GUERRA E ESPACIAL



Fotos de arquivo

Descobri em meus arquivos de 1969 algumas anotações sobre o processo que me conduziu dos barcos às naves espaciais.

A fase de barcos teve início em 1959, antes da minha viagem de 4 meses para os EUA. Os barcos, que têm sido uma constante em minha arte, tiveram seu início no desenho. Os primeiros barcos, ainda da fase abstrata geométrica, já estavam sugeridos nos desenhos a bico de pena realizados em 1959. Mais tarde, parti para uma experiência em papel veludo, usando o crayon conté. Comecei a pesquisar transparências, valores de claro e escuro, nuances equilibradas dentro de uma estrutura que se firmava nos mastros. Para conseguir transparências mais sensíveis, graduava a intensidade das sombras, colocando o papel sobre uma tela que me permitia maior flexibilidade. Os barcos, considerados por crítico americano como “a imaginação em movimento”, marcaram de certo modo esta procura constante do movimento e tensão espacial. Apesar das transparências e passagens atmosféricas, não podiam fugir a uma estrutura. Talvez por isso mesmo escolhi os veleiros, pela estruturação que os mastros me proporcionavam.

Depois veio a série de Guerra. Quando eu estava nos EUA em 1961, em viagem de estudos, o país estava sendo mobilizado para uma invasão. Havia instruções nos hotéis, nas TVs e rádios, de como proceder em caso de ataque atômico. A fase de Guerra nasceu desse impacto. As estruturas são mais fortes e agressivas, as transparências menos líricas. A sugestão de mastros ainda continua e a figura humana começa a aparecer cheia de tragédia.

Em 1968 as conquistas espaciais começaram a me fascinar e minha pintura, sendo uma evolução da fase de guerra, modificou-se, antecipando os últimos acontecimentos que movimentaram o mundo: os primeiros passos do homem na lua e a sua volta à terra. Deixei o tema de guerra, um protesto contra a destruição e a violência, para me empenhar imaginariamente na direção da lua e das estrelas, compondo as plataformas espaciais, os foguetes e as naves tripuladas. Eram naves interplanetárias conduzindo homens, mulheres, máquinas, fábricas, cidades, para mundos inexplorados. Existia a necessidade de um colorido mais alegre do que a fase de guerra e do brilho às vezes metálico, às vezes transparente dos engenhos voadores. As figuras humanas, pequeninas, marcavam a monumentalidade das máquinas. Eram sugeridas, ora dentro das janelas, ora através de filmagens. Refletores, faróis, investigavam o espaço, procurando novos rumos para o pouso final. As cores eram vivas, transparentes, e o dinamismo era uma constante. No último quadro, pintado 1 mês antes da chegada do homem à lua, a figura de um astronauta saía da cápsula. Mais tarde, admirada, confirmei pela TV alguns aspectos do que já imaginara desde 1966. O artista muitas vezes antecipa os fatos, prevê situações. Identificando-se com o fantástico, cria símbolos que

só mais tarde, com o correr do tempo se realizam.

Os quadros da fase espacial, foram uma consequência de intuições, identificações e pressentimentos, mas também toda uma pesquisa iniciada 10 anos antes, quando ainda em papel veludo, desenhava meus barcos.

No meu processo de trabalho, sempre escolhi temas sensíveis, comuns a toda uma coletividade, e neles procurei inspiração para meus quadros.

5 de setembro de 2016

ALVORADA VERMELHA





Fotos de Ivana Andrés e de arquivo

O quadro “Alvorada Vermelha” deu início à minha fase de guerra.

Pintado logo pós a minha viagem aos Estados Unidos, simboliza o clima de guerra que se espalhou pela América do Norte ao Sul.

Viajei no auge da guerra fria, quando a ameaça da bomba atômica assustava os americanos.

Naquela viagem assisti a um treino de guerra em Nova York.

O impacto de uma guerra atômica é terrível, a gente sente a morte de perto.

Hoje, com o coronavírus, a morte continua a amedrontar.

Os artistas de modo geral são pessoas mais sensíveis a essas vibrações que se espalham pelo mundo. Naquela ocasião era a guerra fria, a bomba atômica.

Eu cheguei aos Estados Unidos com a minha fase de barcos, desenhos líricos, em papel veludo. Ali fiz quatro exposições, com muito sucesso. Tive contato com grupos ligados à “Action painting” e fiz um curso em Nova York na escola Art Students League, com o professor Theodorus Stamus. Ali conheci artistas ligados ao zen budismo e pude perceber a espontaneidade do “Aqui e Agora” na arte, bem como a importância da arte como forma de meditação.

Voltando ao Brasil, retomei a pintura, e o “Alvorada Vermelha” marcou o início de uma nova fase, uma denúncia à violência a à guerra.

Nos Estados Unidos, a guerra fria, no Brasil a violência, a tortura e a morte nas prisões da ditadura, demonstrado por mim nas telas de guerra.

Por isso mesmo o quadro é um símbolo daquele clima da época.

Foi pintado no Brasil na época em que chegaram as tintas acrílicas.

“Alvorada Vermelha” é um ponto de mutação. Não somente na sua temática explosiva, como em sua técnica.

Substituir o óleo pelo acrílico estava na época sendo introduzido nos Estados Unidos. A tinta acrílica possibilita maior leveza, uma semelhança com a aquarela.

O quadro foi pintado em 1968, sob um clima de grande tensão no planeta.

Eu me lembro de pintar na ocasião, com pedaços de esponja rasgados e pedaços de isopor também rasgados. Era necessário um contato direto da minha mão com a tela. O pincel me parecia criar distância.

No momento da criação usamos de recursos criados na hora.

Voltando ao “Alvorada Vermelha”, ele significou uma mudança no meu processo. As cores vermelha e preta teriam que falar por elas mesmas, sem recursos literários.

E foi assim que o “Alvorada Vermelha” foi pintado. Ele já participou de uma Sala Especial na Bienal de São Paulo, denominada “Arte abstrata efeito Bienal” organizada por Cassimiro Xavier, crítico de arte.

Hoje este quadro está em Lisboa, na casa de Antônio Eugênio de Salles Coelho e Renata Guerra. Este quadro atualmente, tem servido como inspiração para várias releituras.

Que a sua denúncia à guerra e à opressão seja compreendida por todos, é o que eu desejo no momento. Que esteja em boas mãos.

13 de setembro de 2020

MUTAÇÕES NA ARTE



Fotos de arquivo

Minha pintura desde 1960, quando deixei a fase geométrica de cidades iluminadas, caracterizou-se pelo dinamismo e a transparência. A estrutura era feita através de traços negros, que constituíam o arcabouço da composição. Havia a necessidade das passagens atmosféricas, mas também alguma coisa que as sustentassem no espaço. E assim escolhi os veleiros porque tinham mastros, as correntes e canhões porque eram elementos agressivos e decisivos para compor a guerra e as formas metálicas das naves espaciais.

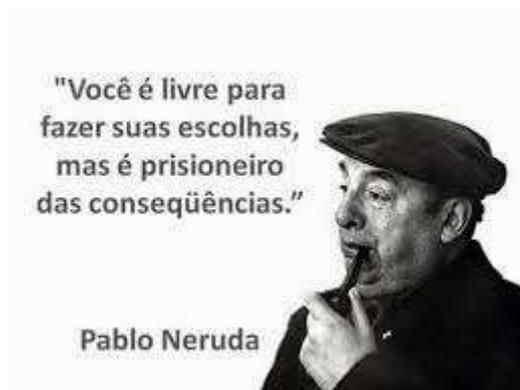
Minha pintura daquela época não era apenas cósmica, não figurava galáxias ou estrelas. Colocava no espaço objetos estranhos, naves tripuladas, aviões supersônicos, foguetes lunares. Naquele momento eu pintava comunicações no Cosmos, projeções espaciais, o cinema e a TV no espaço, a fuga para os planetas mais próximos, os passeios e as viagens do futuro.

Quando em 1965, introduzi a colagem em meus quadros, já procurava este contraste do espaço fluido, cortado por um objeto quase sempre brilhante ou transparente. As primeiras colagens ainda pertenciam à fase de guerra e sugeriam a dramaticidade necessária ao tema, eram correntes, rodas, sempre um pequeno toque de colagem, apenas para dar um impacto novo à composição.

Mas nem sempre usava colagens. Poderia obter o mesmo resultado pintando algum objeto estranho, um farol por exemplo. Muitos dos quadros expostos em 1969 no Rio foram pintados numa fazenda distante 2 horas de Belo Horizonte, lugar onde era possível me concentrar um pouco e ver as estrelas brilharem no escuro com maior intensidade, perceber os satélites artificiais cortando a noite e sonhar com algum disco voador pousando na várzea. Mas, apesar de desejar muito, nunca cheguei a ver nenhum disco.

19 de setembro de 2016

ENCONTRO COM PABLO NERUDA EM VALPARAÍSO



Fotos: internet

Thiago de Melo e Nemésio Antunes, este último artista e diretor de museu, levam-nos para uma visita a Valparaíso, cidade mais importante do Chile. Rodamos 2 horas por uma estrada moderna e asfaltada, ladeada de campos férteis cultivados.

O carro é um Impala último tipo e, nos intervalos de conversas sobre arte, escutamos música sinfônica pelo rádio. Descemos ao longo da costa até Valparaíso, cidade antiga, tipicamente colonial, com a arquitetura que lembra às vezes Ouro Preto.

Thiago nos leva até a casa de Pablo Neruda, que nos espera para um drink. De longe o primeiro impacto: a arquitetura da casa subindo morro afora, cheia de cores variadas e bizarras. À porta, logo de entrada, surpreendeu-nos um imenso cavalo branco de madeira com o rabo virado para o visitante. Subimos por uma escadinha estreita, Thiago levando um presente para Neruda – cebolas enormes, brilhantes, rosadas, em cima de uma abóbora comprada na feira – isto é presente que se leve para um poeta?

Mas Neruda é o poeta da terra, já fez uma ode à cebola num de seus livros. Recebe-nos alegremente, leva-nos a tomar whisky em seu barzinho. Matilde, sua terceira esposa, é cheia de vida, sorri para todos e oferece a Thiago um regalo em papel prateado, embrulhado em fita rosada. São versos do Thiago, traduzidos para o castelhano. O ambiente é cordial e alegre e a exuberância do adido cultural brasileiro mistura-se à gentileza natural do chileno.

Vamos até um restaurante em frente ao mar, onde se pode ver o Oceano Pacífico de perto, por sobre as ondas, como se estivéssemos em um navio. Através das vidraças divisamos os barcos atracados, as gaivotas aos bandos sobre as águas. Comemos mariscos e peixes de sabor estranho, ainda não experimentados. Neruda come camarões e Regina em sua frente divide o prato com Nemésio.

Matilde, a mulher de Neruda, recita em voz sonora os poemas de Thiago. Deve estar habituada a isto e os poemas de Thiago em castelhano ganham uma sonoridade diferente. “Los barcos naciem, como naciem dolores.”

Ficamos emocionados com os versos e a ênfase dada por Matilde às palavras do poeta. Escutamos por 15 minutos até que Thiago, eufórico e comovido, levantou-se e beijou a mulher de Neruda. Enquanto isso, o grande poeta chileno continua a comer camarões...

Depois do almoço o programa continua, sem Neruda e esposa. Vamos conhecer o Centro Brasileiro de Valparaíso, situado no 2º andar de um edifício na zona central da cidade. A sala ampla, com painéis modernos exhibe fotografias de jardins de Burle Marx. Meus quadros serão expostos nesta sala daqui a um mês, quando terminar a exposição de Santiago.

De volta a Santiago, Juita e Fernando nos esperam no quarto para saber das novidades. Todos os dias vamos ao quarto do embaixador doente, que fica sempre muito contente de nos ver. A bondade de Fernando, sua simpatia pessoal e senso humano faz dele um embaixador querido e estimado por todos. Não há chileno que não o conheça, nem lhe preste homenagem, desde o mordomo da embaixada, até a mais simples criança de escola primária. O Brasil conquistou um grande caminho na solidariedade das nações irmãs da América Latina, colocando à frente dos interesses nacionais nestes países, estes dois brasileiros, Fernando Alencar e Thiago de Melo. (Trecho do diário de viagem ao Chile, 1963)

Transcrevo abaixo alguns versos de Pablo Neruda:

O Teu Riso

*Tira-me o pão, se quiseres,
tira-me o ar, mas
não me tires o teu riso.*

*Não me tires a rosa,
a flor de espiga que desfias,
a água que de súbito
jorra na tua alegria,*

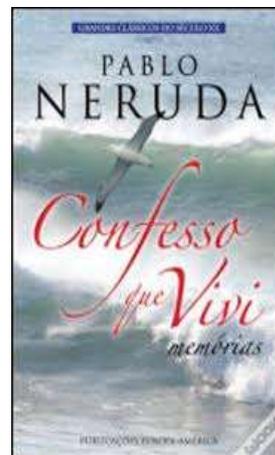
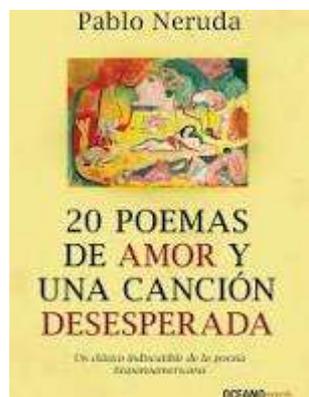
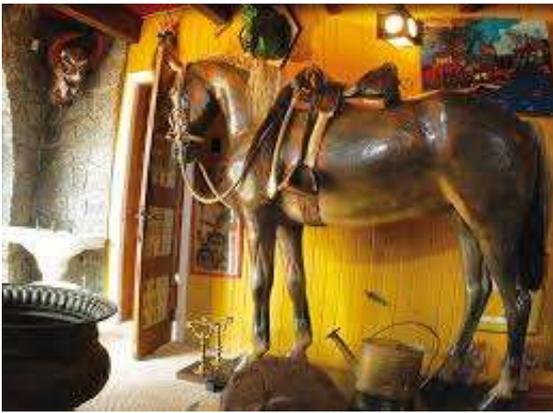
*a repentina onda
de prata que em ti nasce.*

*A minha luta é dura e regresso
por vezes com os olhos
cansados de terem visto
a terra que não muda,
mas quando o teu riso entra
sobe ao céu à minha procura
e abre-me todas
as portas da vida.*

14 de abril de 2015

PABLO NERUDA





Eu estava no Chile, na embaixada do Brasil, quando inaugurei a primeira exposição de desenhos sobre papel veludo. Estava inaugurando a Galeria da Embaixada. A exposição teve como curador o poeta Tiago de Melo, adido cultural do Brasil naquele país e organizador da exposição e de todos os eventos culturais. Tiago era muito conhecido no Chile, tinha contato com todos os artistas.

Juíta Salles de Alencar, a embaixatriz, esposa do embaixador Fernando Alencar, com sua espontaneidade e simpatia, acolhia a todos na embaixada. Fiquei conhecendo vários artistas,

trocamos ideias e quadros.

Tiago de Melo me fez chegar até Pablo Neruda, o grande poeta chileno, conhecido internacionalmente. Neruda tinha uma casa de campo à beira mar, na “Isla Negra” em Valparaíso e foi ali que nos conhecemos. A casa era decorada com obras de arte e atualmente tornou-se o Museu Pablo Neruda.

Um imenso cavalo de madeira chamava a atenção do visitante. Uma atmosfera mágica ia nos mostrando um passado sujeito a mudanças, inclusive provocadas por terremotos.

Durante o almoço, num restaurante de frente para a praia, serviram frutos do mar. Neruda se sentou ao meu lado, numa varanda que dava para o Pacífico.

Tudo muito bem-organizado, restaurante de luxo, gente muito alegre e comunicativa. Acontece que eu não gostava de mariscos e aquele era o prato principal. Procurei disfarçar, comi um pouco para não ser mal-educada. Neruda percebeu e cochichou no meu ouvido.

- “A senhora não gosta, me passa o seu prato, ninguém vai perceber nada”.

Segui os conselhos do poeta e trocamos de prato. Ninguém viu, estavam em outras conversas. Durante o almoço falamos muito sobre arte e política no Brasil. Era 1963 e havia no Brasil uma grande efervescência política.

Naquela viagem tive a oportunidade de conhecer Neruda, um poeta latino- americano cujas palavras atravessaram os Andes e se projetaram no planeta. Ali, sentada à beira mar, as palavras de Neruda me abriram novos caminhos e sua atitude, cordial e simpática, me permitiu conhecer este outro aspecto de Neruda, a solidariedade.

A solidariedade é uma forma de perceber o outro, e nesse caso, foi uma cumplicidade que envolveu duas pessoas com paladares diferentes.

Segue poema de Pablo Neruda:

“SONETO XVII

Amo-te como a planta que não floriu e tem
dentro de si, escondida, a luz das flores,
e, graças ao teu amor, vive obscuro em meu corpo
o denso aroma que subiu da terra.

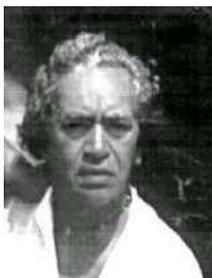
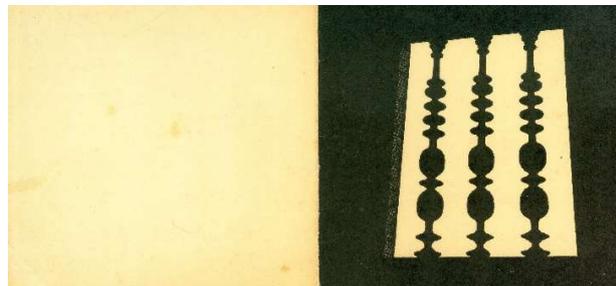
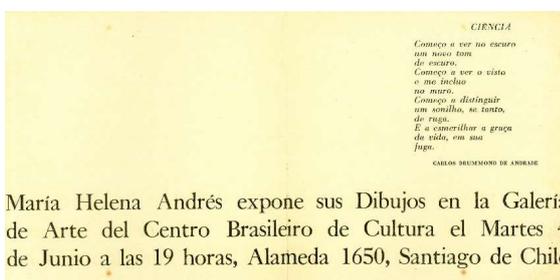
Amo-te sem saber como, nem quando, nem onde,
amo-te diretamente sem problemas nem orgulho:

amo-te assim porque não sei amar de outra maneira,
a não ser deste modo em que nem eu sou nem tu és,
tão perto que a tua mão no meu peito é minha,
tão perto que os teus olhos se fecham com meu sono.”

*Fotos Da Internet

22 de novembro de 2020

EXPOSIÇÃO NA EMBAIXADA DO BRASIL, NO CHILE



Fotos: internet e arquivo da autora

No aeroporto de Santiago descemos sozinhas com nossas malas, eu e Regina Alves. Meus desenhos são observados pelo encarregado da alfândega, tenho de anunciar que vou fazer uma exposição.

Já estamos rodando sobre ruas chilenas. A sede da embaixada brasileira é uma casa imensa, decorada com gosto e distinção.

Juita, a embaixatriz, é minha prima e dela partiu o convite para uma exposição individual em Santiago. Fernando Alencar, o embaixador, está de cama, foi operado do fígado.

Aos poucos os personagens desta mansão vão aparecendo, quase todos chilenos, apenas 3 brasileiros. Tudo é calmo e solene dentro destas imensas paredes e as notícias do Brasil chegam semanalmente, mas já filtradas pela distância. As greves e ameaças ficaram para trás e João Goulart é tido no Chile como um grande presidente. A simpatia de sua estada aqui, a simplicidade de não

exigir nada, é lembrada por todos.

À tarde nos encontramos nos aposentos da embaixada. Conheço muitos brasileiros e o famoso poeta Thiago de Melo, adido cultural do Brasil no Chile, um nortista moreno de enormes cabelos, cabeça de Beethoven brasileiro.

Meus desenhos são desembaraçados da pasta e espalhados pelos tapetes do quarto. O embaixador escolhe 4 para sua coleção, a senhora do 1º secretário prefere um azul. E assim, são distribuídos antes mesmo de serem expostos.

Já arrumei a exposição com a ajuda de Regina e Thiago de Melo: 22 quadros dependurados em fios de nylon e suspensos no espaço protegidos por 2 vidros enormes. O catálogo contém versos de Carlos Drummond de Andrade. Em cada catálogo procuram um poeta que em seu conteúdo transmita uma mensagem irmã à do artista. Muita honra para mim a afinidade! ...

Saímos para uma volta pelas ruas. Os chilenos são morenos e altos, vestem-se bem encapotados neste inverno, dentro de casacos de lã. Paramos numa banca de jornal para ler as notícias sobre o Papa, morto às 2 horas e 40 minutos de hoje.

4 de junho

As duas salas do Centro Cultural Brasileiro estão cheias de quadros meus. Não foi possível um coquetel de inauguração por causa da morte do Papa, mas assim mesmo lá estavam os artistas e críticos chilenos e os diplomatas brasileiros.

Puseram-me no meio dos chilenos para fazer intercâmbio, fizeram-me ser fotografada mostrando os quadros. A receptividade parece ter sido boa, pois compraram-me quase a exposição toda. Lembro-me de Washington, Nova York e todas as outras exposições no Brasil.

O intercâmbio Cultural feito por Fernando e Thiago tem dado excelente resultado. A galeria é simpática e central e ali se reúnem os artistas para bater papo todas as noites de 6 às 8. Brasileiros e chilenos se confraternizam no mesmo ideal comum, trazendo em sua mensagem de arte, toda a aspiração de um povo sensível e humano. Os quadros são trocados entre os artistas e vendidos aos ricos da terra. O intercâmbio traz um laço de amizade entre os povos vizinhos separados pela cordilheira. Os meus ficarão no Chile, entre apreciadores de arte, e outros seguirão rumo a novas terras, carregados pelos diplomatas, que já possuem uma verdadeira galeria ambulante. No próximo mês já serei conhecida em Roma e Beirute, simultaneamente... (Trecho do diário de viagem ao Chile, 1963)

Transcrevo abaixo trechos do “Estatuto do Homem”, de Thiago de Melo:

ESTATUTOS DO HOMEM

(Thiago de Melo - trecho)

Art. 1º

*Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida,
e que de mãos dadas
trabalharemos todos pela vida verdadeira.*

Art. 2º

*Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.*

Art. 3º

*Fica decretado que a partir deste instante
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra,
e que as janelas devem permanecer o dia inteiro
abertas para o verde, onde cresce a esperança.*

Art. 4º

*Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais duvidar do homem.*

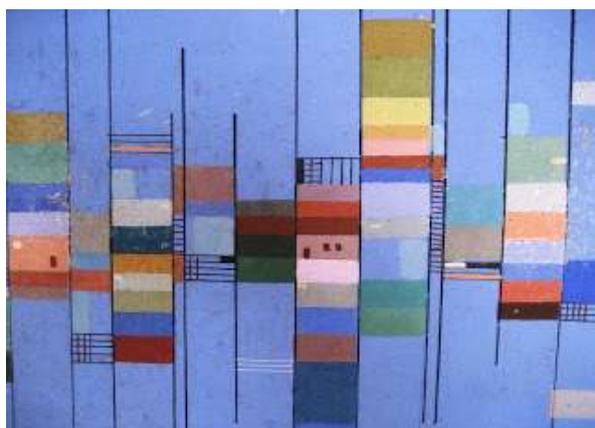
*Que o homem confiará no homem,
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.*

Parágrafo único

*O homem confiará no homem
como um menino no outro menino*

31 de março de 2015

CONSTRUTIVISMO MINEIRO EM BRASÍLIA



Fotos: Maurício Andrés

Recentemente fui procurada por uma jornalista do jornal “Hoje em Dia”, que tem correspondência em Brasília, para dar um depoimento sobre Athos Bulcão e o movimento concretista brasileiro iniciado em São Paulo em 1951. Este movimento teve repercussão nacional e internacional, congregando artistas que buscavam os mesmos ideais de disciplina e construção. Para mim ele foi um encontro do que eu já vinha buscando, o despojamento do supérfluo e a busca da essência da forma. Aprendi com Guignard a usar a “linha contínua” para croquis rápidos ainda como artista figurativa. Esses exercícios possibilitaram uma série de desenhos que hoje estão sendo revisitados nas esculturas que, a partir do ano 2000, foram tri dimensionadas no computador por minha neta Elena Andrés Valle.

Quando estive em Brasília há pouco tempo atrás, visitei a exposição “Arte para crianças” no CCBB. Lá estava Athos Bulcão, revisitado em seus azulejos de forma interativa. As pessoas podiam modificar a composição, mudando a disposição dos azulejos. Seguem trechos da entrevista, publicada em 24/04/2011 no caderno “Mosaico”:

“Pioneira do Concretismo em Minas Gerais, a artista plástica Maria Helena Andrés observa na 1ª. Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, que a mostra causa grande impacto em Athos

Bulcão. Contemporânea do artista, Maria Helena Andrés não chegou a conhecê-lo e recorda-se dele apenas ao telefone. Naquela ocasião, os principais artistas brasileiros eram todos figurativos: Di Cavalcanti, Portinari e Guignard. “Eu participei na primeira Bienal com dois quadros, ainda como artista figurativa”. Durante a efervescência do Concretismo, Minas Gerais ofereceu escultores como Franz Weissmann (1911-2005), Amílcar de Castro (1920- 2002), Mary Vieira e Lygia Clark (1920-1988). Na pintura, Mário Silésio (1913- 1990), Marília Gianetti (1925 – 2010) e Nelly Frade (1913-1988), entre outras, incluindo a própria Maria Helena, como testemunha viva e participante da época. “Íamos juntos para São Paulo para participar das exposições.” O concretismo brasileiro começou lá. Foi uma época muito importante, que teve grande repercussão nacional. Foi um movimento que chegou até a poesia e as artes gráficas. Nós éramos jovens, fazíamos a arte com muita disciplina, pureza e precisão e íamos para São Paulo para assistir palestras de Mário Pedrosa e Ferreira Gullar, um dos poetas fundadores do neoconcretismo.”

Sobre o concretismo, segue um trecho do meu livro “Vivência e Arte”, publicado pela Agir em 1966: “A pintura concreta libertou-se da tradição, procurando um caminho diferente e completamente novo. Um quadro concreto não poderia ser julgado dentro do mesmo critério de um outro abstrato ou figurativo. Ele visava transformar uma ideia (não um tema ou sujeito) em forma concreta. Nesta realização, deveria esgotar todos os seus recursos. Não se admite um quadro ou uma escultura concreta sem essa clareza de expressão e executado dentro de uma técnica confusa e complicada. Para isto servia-se, às vezes, de materiais novos que permitiam maior pureza e simplicidade na realização. Os concretistas desejavam uma expressão exata e não apenas sugerida de sua ideia. A arte abstrata poderia sugerir, a arte concreta teria de afirmar, para ser verdadeira. O emprego de formas geométricas simples, de cores exatas e de composições equilibradas dentro de leis matemáticas veio alertar o artista e despertar-lhe a consciência da técnica, tão desprezada pelos primeiros modernistas. Este foi um dos aspectos mais fortemente positivos dessa fase, que beneficiou, com essas noções, não só seus adeptos, mas seus adversários. Se o concretismo procurou criar uma pintura objetiva, anti-sentimental, visando somente a uma ordem estética, o abstracionismo voltou à contemplação interior e deu largas à intuição.” Na minha experiência concretista eu sempre ouvia música e meus quadros serviram de partitura musical para a apresentação dos músicos Artur, Regina e Alexandre na exposição “Linha e Gesto”.

27 de abril de 2011

HOMENAGEM A MARIA ÂNGELA MAGALHÃES

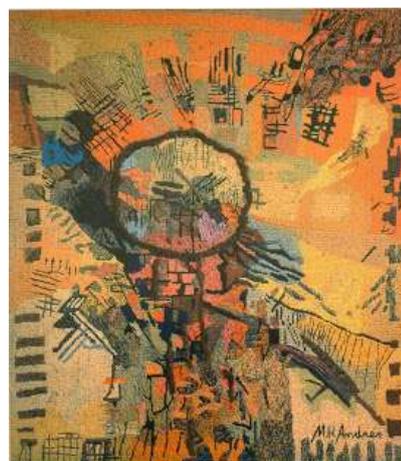


Foto: arquivo Maria Helena Andrés

Maria Ângela Magalhães foi uma grande amiga que tive a felicidade de conhecer em vida.

Éramos primas duas vezes e tínhamos grande afinidade não só na arte, como na maneira de pensar.

Na década de 60, experimentamos pela primeira vez uma parceria na arte. Eu desenhava pequenos projetos em pastel e ela, com sua equipe, executava a tapeçaria.

Trabalhamos juntas durante muito tempo. Ângela tinha uma sensibilidade extraordinária para transportar para o bordado o que eu desenhava no papel. As cores ganhavam formas, matizes, relevos, tudo isto realizado por bordadeiras eficientes, algumas tendo de se deslocar de Niterói até o Rio.

As três tapeçarias da Igreja de Nossa Senhora de Copacabana atravessaram a Baía de Guanabara várias vezes.

Ângela marcava os pontos, tingia as lãs, ensinava os matizes e nuances.

Trabalhar com Ângela foi para mim uma experiência rara. Além de sermos muito amigas tínhamos também uma comunicação através de sensibilidades semelhantes.

Ângela respondia positivamente ao que eu estava necessitando no momento exato. As tapeçarias de N. Senhora de Copacabana mobilizaram a minha primeira grande viagem à Índia.

Eu havia perdido o meu marido e buscava obter recursos através do meu trabalho para me ausentar do país. Foi quando recebi um telefonema de Ângela: “Helena, o cardeal não concordou com o fato de você doar gratuitamente o seu trabalho. O cheque destinado a você dá para pagar a sua viagem ao oriente...”

Agradeço ao cardeal, à Ângela e às bordadeiras esta oportunidade de realizar outros trabalhos do outro lado do mundo. Foi nesta viagem que desenei o livro “Pepedro nos caminhos da Índia”. Transcrevo o texto de Maria Ângela Magalhães para uma exposição de Tapeçaria, na

Galeria Guignard, em Belo Horizonte, na década de 60:

*As luas, os mastros, os mistérios,
as velas que pretendem voar!
E, no entanto, prendê-las à terra.
Amarrá-las ao concreto e limitado da lã.
O desenho não nasceu somente para ser tapete.
Houve que surpreendê-lo,
mostrando-lhes possibilidades
ocultas.*

*E, nisto a busca apaixonada
da verdade, de cada forma,
de cada cor,
de cada desejo.
Percorremos, meses a fio,
a larga estrada
que nos levou da ambição
do que nos propusemos,
ao que, realmente, conseguimos.
Dar ao desenho de Maria Helena Andrés,
outra face,
numa outra matéria.*

11 de maio de 2009

DOM EUGÊNIO SALES E AS TAPEÇARIAS DE NOSSA SENHORA DE COPACABANA



Fotos: arquivo e internet

Cerca de 6000 fiéis acompanharam, há alguns anos, o velório de Dom Eugênio Sales no Rio. Uma pomba branca, símbolo do Espírito Santo, pousou sobre o caixão e ficou durante toda a tarde perto do corpo. Dom Eugênio morreu tranquilamente enquanto dormia, uma morte serena de quem seguiu seu caminho ajudando os fiéis e praticando a justiça.

Durante o regime militar ele, como chefe da Igreja Católica, ajudou perseguidos e refugiados políticos a saírem do país.

“Estima-se que 4000 a 5000 pessoas tenham recebido ajuda do então cardeal arcebispo do Rio para fugirem”. Fui acompanhando pelos jornais, especialmente a Folha de São Paulo, as notícias referentes à Dom Eugênio e relembro a sua atuação justa e coerente diante de outros fatos, não políticos. Na década de 1970, recebi a encomenda de realizar 3 projetos de tapeçaria para a Igreja N. Sra. de Copacabana, no Rio de Janeiro. O projeto era de grande responsabilidade e eu, como artista, me empenhei de corpo e alma na sua realização. As tapeçarias foram executadas no Rio por minha prima Maria Ângela Magalhães que ali dirigia um artesanato da mais alta qualidade. Maria Ângela, com seu talento artístico, interpretava os projetos transformando a técnica do pastel no bordado. Ela mesma tingia as lãs e orientava as bordadeiras. As tapeçarias da Igreja eram enormes, duas para a nave principal e outra, também monumental, para a capela ao lado. Tudo isto foi feito com muito amor e dedicação. Resolvi não cobrar da Igreja: “Meus projetos são de graça!” Isto foi declarado na época, mas o cardeal, que liderava as reuniões, não concordou com a minha resolução. “Todos os outros artistas cobraram, esta artista precisa receber também. ”



Decidiram me enviar um cheque com o valor dado pela equipe de produção.

Por incrível que pareça, esta atitude do cardeal me possibilitou realizar a minha primeira grande viagem à Índia.

Naquela ocasião eu não tinha recursos para as passagens, foi de grande importância para mim a decisão que foi tomada.

Até hoje relembro com muita gratidão este fato e costumo repetir: “Foi o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales que me possibilitou realizar a minha primeira grande viagem à Índia.” Agora posso dizer que o cardeal me deu a oportunidade de iniciar um diálogo inter-religioso.

18 de novembro de 2014

UMA FILMAGEM NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE COPACABANA

Fotos: Maurício Andrés

Estamos na Igreja Nossa Senhora de Copacabana no Rio de Janeiro. Na década de 70 fui convidada a realizar os projetos de 3 tapeçarias para essa igreja, duas para a nave principal e uma para a capela do Santíssimo. A proposta era realizar a monumentalidade de um mural. As duas da nave principal medem 5x 2,50 metros e a da capela preenche um espaço horizontal de 12 x 2,50 metros.

Aqui na capela do Santíssimo são realizados casamentos. Viemos, meu filho Maurício e eu, com o objetivo de fazer uma filmagem sobre as tapeçarias para um documentário sobre minha trajetória na arte, a ser feito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Enquanto a câmera desliza sobre a grande tapeçaria horizontal vou recordando o que motivou a criação desse painel colorido, destinado ao culto católico. Para esse tema eu teria que me concentrar um pouco na história. Revejo nele a chegada dos navegantes portugueses na cidade do Rio de Janeiro. Ali estão os mastros e velas que transportaram o cristianismo para esta terra. Enquanto o fotógrafo registra a obra, eu procuro recolher as minhas lembranças.

Em seguida nos dirigimos à nave central onde existem duas tapeçarias, cujo tema busca configurar um dos aspectos mais transcendententes do cristianismo: a comunhão dos santos e o caminho de volta ao Pai. Lembro-me de ter me concentrado no tema buscando o recolhimento necessário para transmitir o caminho que nos leva das sombras para a luz.

Buscar espaços superiores cheios de luz é um dos caminhos de transcendência. Nesse primeiro painel, sombra e luz estão registrados. Há um desejo de alcançar o sol que a todos ilumina. Multidões buscam a realização da unidade. No painel à direita há uma celebração da chegada à casa do Pai, vencendo todos os obstáculos. Esta foi minha concepção ao projetar os painéis. Transmutar as energias sombrias que nos prendem à terra e chegar à plenitude do encontro com Deus.

Volto à realidade do presente. Passa uma senhora com um vaso de flores. Ela se aproxima e pergunta se precisamos de alguma coisa.

“Estou aqui dando um depoimento sobre os painéis, sou a autora deles. Foram realizados aqui no Rio de Janeiro por Maria Ângela Magalhães na década de 70. Ela realizou uma série de tapetes a partir de meus desenhos feitos em pastel sobre papel veludo.”

“Que bom”, respondeu ela, “assim eu posso explicar para as pessoas o significado das tapeçarias, o que você idealizou quando projetou o seu trabalho.”

14 de dezembro de 2015

ARTE ESTENDIDA À VIDA – TAPEÇARIA COLETIVA



Foto: Maurício Andrés

Visitei no Rio, em Copacabana, um grupo de artesãs que se dedica a um trabalho coletivo, sem pretensão de expor em galerias, vender quadros, ganhar prêmios.

A arte para eles não é forma de sobrevivência, mas uma extensão da arte de viver, uma forma de unir as pessoas, entusiasmar as crianças, arte interativa, feita por um pequeno grupo de seis mulheres, todas mães de família, num apartamento discreto na agitação de Copacabana.

No meio de carretéis coloridos e retalhos, elas se reúnem, donas de casa, crianças, jovens, buscando a realização de uma tapeçaria coletiva.

Para esse trabalho de energias conjugadas usam retalhos de roupas, punhos de camisas dos maridos, pedaços de saias coloridas, gravatas e uma variedade incrível de tecidos com texturas diferentes.

Nas tapeçarias desse grupo de artesãs cariocas senti uma aspiração comum de alcançar uma

harmonia final no conjunto diversificado de várias mãos. Unidade na multiplicidade é a meta de qualquer obra de arte.

Mesmo trabalhando cada uma em sua casa, foi possível observar uma sincronicidade na escolha das cores, na textura dos retalhos, no estampado dos panos.

Esse fenômeno de sincronicidade é a evidência da empatia que percorre as diversas mãos e une as diversas pessoas na aspiração de achar a cor necessária e a forma adequada para a realização de uma obra de arte sem ego nem sentimento de posse.

As tapeçarias não têm dono, pertencem a todos. Quando nascem os bebês a história bordada vai ornamentar o quarto da criança e ali fica por algum tempo.

Os bebês crescem visualizando a história dos pais, dos avós, sentindo-se perpetuados também nas cenas mais importantes da família, nas festas juninas, nas comemorações de Natal, carnaval, páscoa, nos bolos de aniversário, no soprar das velas.

Quando crescem, também ajudam nos bordados, recortam bichinhos, dão ideias. As ideias são aproveitadas e, no entusiasmo da descoberta, novos tapetes vão chegando e viajando por várias casas.

Enquanto Marina, a jovem avó, vai me mostrando os tapetes, o netinho recorta um pano com a tesoura e outra netinha enfia a agulha com as mãos pequeninas. Todos trabalham, crianças, jovens e adultos.

A arte do cotidiano ali é resgatada no anonimato. Os tapetes pertencem a todas, e se prolongam nos filhos que nascem e alegam as famílias. As crianças crescem vendo as cenas que mais comoveram seus pais, no decorrer de sua história. Na colcha dos avós cada casal foi representado com suas características, seus gostos, seus objetivos pessoais. As artesãs moravam muitas vezes fora do Rio, os tapetes iam e vinham nas barcas de Niterói e no bordado, entre as cores das lãs, um sentimento coletivo se comunicava. Na minha experiência com a arte coletiva da tapeçaria, tive a oportunidade de sentir a alegria das bordadeiras na missa de inauguração das três tapeçarias que até hoje ainda ornamentam a igreja de Nossa Senhora de Copacabana, no Rio.

.....

A realização pessoal do artesão está na sua contribuição individual a uma obra coletiva.

Artesãos do passado deveriam se enriquecer interiormente quando contemplavam as grandes catedrais onde esculpiam anjos, ornatos, arabescos. Aquela multidão de artistas anônimos fez erguer catedrais, basílicas, igrejas barrocas, palácios no oriente, no ocidente ou em qualquer parte do mundo.

A arte feita anonimamente segue seu caminho pelo mundo, unindo as pessoas através do

mesmo sentimento de amor.

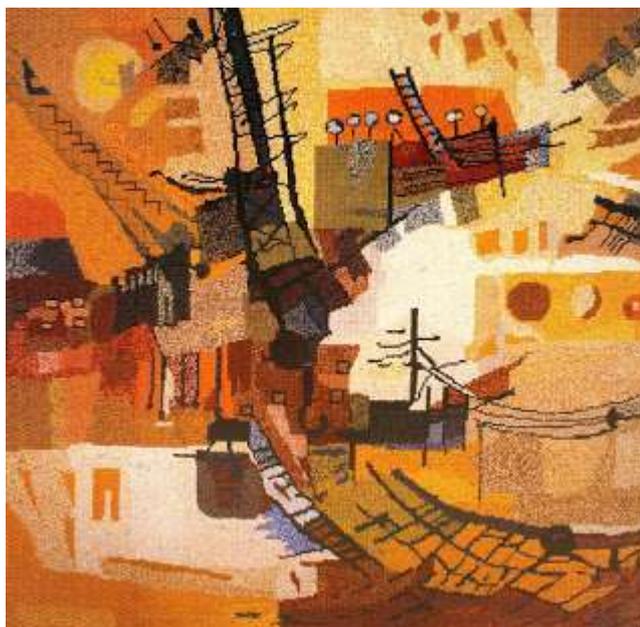
A arte do momento liberta-se aos poucos dos antigos padrões do passado do mito do sucesso, da valorização da mídia, da ambição material, para reconduzir o ser humano à sua real posição no planeta, sua ligação com a natureza e com o universo.

O desenvolvimento de todas as potencialidades humanas é uma necessidade do mundo de hoje e está ao alcance de qualquer um. O encontro do homem consigo mesmo, seja através da meditação, da arte ou do trabalho, constitui forma de equilíbrio indispensável para sua integração. O ser humano total é aquele em que corpo e alma se harmonizam.

“Apague os faróis e acenda a luz interna”. Essa frase, encontrada na sinalização do trânsito, motivou uma reflexão sobre o uso da energia nas diversas civilizações. Ela nos mostra a necessidade de usarmos a nossa energia interior e descobrirmos a fonte da criatividade e sabedoria que sempre existiu dentro do ser humano em estado latente.

No despertar do novo milênio estão surgindo iniciativas de reconduzir a arte ao seu papel de harmonizadora da sociedade. A arte coletiva é uma dessas iniciativas.

TAPEÇARIAS E MURAIIS



Fotos: Maurício Andrés e arquivo pessoal

Transcrevo abaixo um texto que escrevi em 1969, sobre tapeçarias e murais:

“Quando em agosto deste ano realizei na Galeria do Copacabana Palace uma exposição de pinturas da fase interplanetária, outra série de meus trabalhos já se elaborava no Rio, numa rua de Botafogo, entregue a uma equipe de artesãs. Ao mesmo tempo em que eu pintava e expunha a série de astronautas, outras mãos trabalhavam em meus tapetes.

Os 12 tapetes serão expostos em Belo Horizonte em 6 de outubro, na Galeria Guignard. Há dois anos projetei uma série de pequenos estudos sobre os barqueiros do São Francisco, tendo como finalidade a execução de um mural. No entanto, não tendo podido realizar o trabalho, guardei os estudos em meus arquivos, para algum tempo mais tarde entregá-los ao Artesanato da Providência, dirigido por Maria Ângela Magalhães e Gilda Carneiro. Seria a oportunidade de ver realizado o que eu planejava para o mural, mas que não pudera executar.

Encontrei nesse artesanato a possibilidade de dar sequência ao meu estilo de arte, contribuindo até para maior enriquecimento com os recursos próprios da tapeçaria. Nuances e transparências não precisavam ser suprimidas e poderiam ser sugeridas com lãs de vários matizes e a mistura de materiais novos. Acompanhei o trabalho vindo ao Rio todos os meses, mas deixando à orientadora de meus estudos, Maria Ângela, a iniciativa de criar pontos e inventar recursos novos dentro do metier. A pintura individualista, criada e executada por uma só pessoa, vem sendo substituída nestes últimos tempos pelas equipes de arte com um responsável e vários colaboradores. É necessário, no entanto, que essas equipes sejam bem entrosadas, que haja a adequação perfeita das mãos que executam com aquelas que criam o projeto. Dentro deste

esquema a criatividade é distribuída e reforçada para que se possa fazer alguma coisa de maior vulto, com a responsabilidade dividida entre vários.

Meus cartões são desenhados em pastel sobre papel veludo, permitindo desde o início imaginar o efeito a ser conseguido no aveludado das lãs.

Orientadas por Maria Ângela, as artesãs transformam o projeto em tapeçaria.

A tapeçaria e a pintura mural têm raízes comuns. Ambas exigem certa monumentalidade, a captação de um conjunto global, concentrado em determinado espaço. Portanto, quanto maior e mais muralística, mais apta estará a tapeçaria para preencher a finalidade à qual se destina, que não é simplesmente decorativa, mas visa a integração a determinado conjunto arquitetônico. Daí a razão para considerar os projetos de mural mais adequados para tapeçaria do que os estudos para um quadro. O mural exige um pouco de reflexão, o exame detalhado de cada espaço, de cada forma. A espontaneidade tem de ser corrigida e orientada pela inteligência. A monumentalidade exigida pelo mural não é a simples ampliação de figuras ou cenas, mas a visão global de determinada ideia, a síntese de um conjunto. A tapeçaria pode ambicionar também a conquista desta monumentalidade. Isto porque tapeçaria não é somente arte decorativa, mas deve expandir-se a campos mais amplos.

Pretendo conduzir meus tapetes ao mesmo destino do mural. Acho que é um caminho sério, os recursos são grandes, possibilitando maior enriquecimento daquilo que imaginei um dia num simples cartão colorido.

14 de dezembro de 2015

DOIS PAINEÍIS, DOIS DESTINOS





*Fotos de arquivo

Hoje vou fazer uma comparação entre dois painéis, ambos criados no meu atelier no Retiro das Pedras._

Cada um seguiu seu rumo. Um ficou no aeroporto e não viajou. O outro ficou em casa e correu o mundo.

Todos dois nasceram no Retiro, um deles, o mais antigo, de doze metros por dois e meio foi encomendado para o Aeroporto de Confins.

O outro, muito menor, ficou aqui no Retiro decorando minha sala.

O primeiro era importante, assistia ao desembarque dos viajantes.

O segundo esteve algum tempo no Cine Belas Artes, mas voltou para o Retiro.

Aqui está até hoje. Foi filmado e levado para o YouTube.

Hoje pode ser visto e escutado, pois ganhou música de Beethoven, “Color Sonata” ...

Agora o pobre coitado do mais velho encomendado para figurar no “desembarque internacional” ali permaneceu por algum tempo, vendo os turistas desembarcarem.

Viu gente abrindo as malas, mostrando as compras fora do Brasil....

Viu gente pagando impostos, gente assustada chegando.

O painel viu as pessoas, as pessoas não o viram. Que triste destino este de estar fiscalizando as malas, no Aeroporto Internacional.

Com a reforma do Aeroporto, o pior aconteceu. O painel que tinha 12 metros ficou reduzido a seis. Não se sabe o paradeiro das outras partes.

Triste sina, pobre painel, foi pintado no mesmo lugar deste outro que aqui está.

O maior, muito garboso, tinha tudo para brilhar, mas por pouco tempo pode ostentar sua grandeza...

Não ganhou música, nem viajou pelo mundo como seu irmão menor, mais simples e mais humilde.

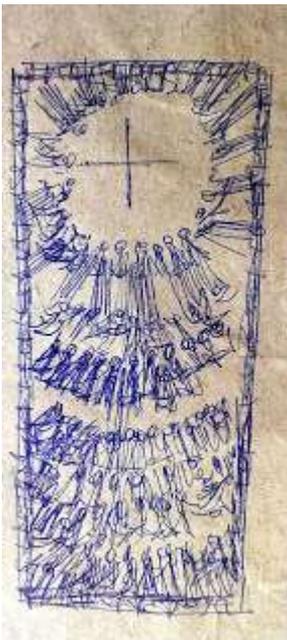
Hoje Color Sonata, criado por João Diniz, está viajando para qualquer lugar do mundo.

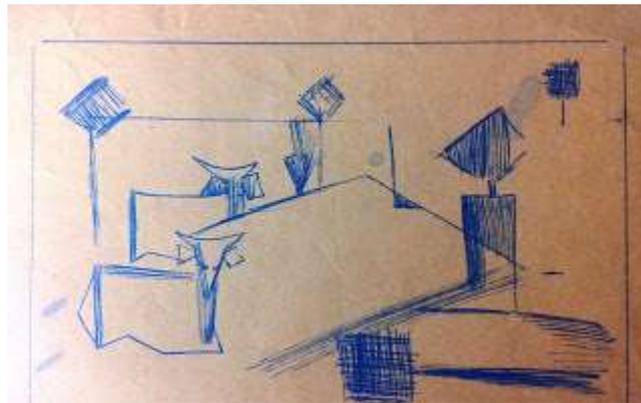
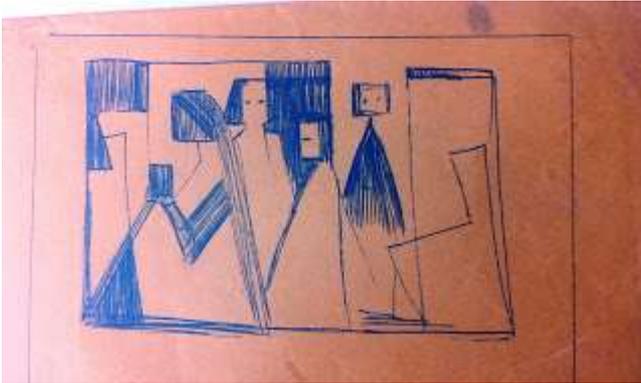
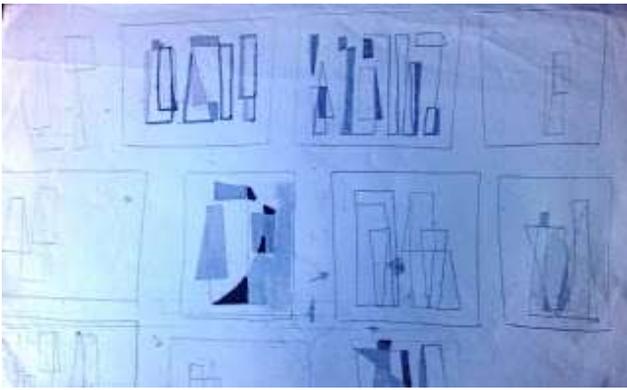
Através da internet, os dois painéis, que nasceram e foram criados no mesmo espaço, navegaram pelo mundo de forma bem diferente!

O que ficou em minha casa teve uma sorte melhor.

15 de outubro de 2018

SEMENTES DE UM QUADRO





*Fotos de arquivo

Nos meus painéis, o conteúdo teria de ficar presente. Para cada painel realizei uma série de estudos. Desenhos em lápis, caneta, pastel e aquarelas.

Eles foram as sementes de um painel. São rabiscos com tinta de tinteiro ou de caneta BIC. Canetas preciosas que servem para tudo, até para assinar cheque.

Canetas azuis ou pretas

Escolho a que está na bolsa

E vou rabiscando

Até que os desenhos apareçam.

Eles chegam como as nuvens
Vão surgindo devagar.
Se não rabiscamos
Eles vão embora.
Tenho sementes de vários quadros
Painéis e tapeçarias
De grandes dimensões.
Elas nascem
Do pequeno
Do desenho rabiscado.
Assim como nascem
As palavras
De um poema
De um artigo
De uma tese
De um discurso
De uma carta.
As ideias vão surgindo
Na ponta da caneta.
Hoje existem canetas de nanquim
Nada de perder tempo molhando
As peninhas
Nos vidros de nanquim
Vindos da França.
São pequeninas
(como as linhas ficavam suaves...)
As peninhas “jilots” não existem mais
Foram condenadas
Ao esquecimento.
Mas produziram desenhos que hoje
Valem ouro.
Naquela época
Não valiam nada.

Eram apenas
Uma diversão
Para ocupar o tempo
Enquanto as crianças
Dormiam.
Hoje não existem mais
Acabaram
Viraram peça de museu.

29 de janeiro de 2018

SERRA DA PIEDADE, UNIÃO DE VÁRIOS CAMINHOS



Fotos: Maurício Andrés

A Serra da Piedade é um dos pontos mais conhecidos dos arredores de Belo Horizonte, local de meditação e romaria à Nossa Senhora da Piedade. A imagem da Pietá esculpida por Aleijadinho

está colocada na nave central da ermida. No alto da montanha, a UFMG colocou um observatório astronômico, onde os estudiosos podem observar as estrelas.

Frei Rosário ali viveu por muitos anos, administrando obras, conduzindo os romeiros e meditando dentro de uma gruta. No silêncio de suas meditações ele começou a perceber, por intuição, a união de todos os caminhos. Frei Rosário, muito à frente do seu tempo, começou a organizar uma biblioteca ecumênica destinada ao século XXI. Estando de viagem para a Índia, recebi a encomenda de trazer para a biblioteca os livros mais antigos da filosofia hindu. Viajei para a Índia com esta missão. Minha filha Eliana, como professora de ioga, ficou encarregada de escolher os livros.

Numa carta enviada para Frei Rosário, fizemos um relato da viagem. “Encontramos os volumes mais antigos da Bhagavad Gita e das Upanishads. Também nos informamos sobre a obra completa de Sri Sankarãcãrya, considerado um dos maiores sábios da Índia, aquele que difundiu de forma clara e acessível a filosofia Advaita.” Entre os livros que agora fazem parte da biblioteca ecumênica da Serra da Piedade estão os Vedas, escrituras sagradas mais antigas dos hindus, que se dividem em quatro: Rig Veda, Yajur Veda, Sama Veda e Atharva Veda. O Rig Veda é considerado um dos textos mais antigos da humanidade. Acredita-se que ele data de 1200 anos A.C ou até mais.

Quando Frei Rosário me procurou em Belo Horizonte para realizar os painéis das capelas da ermida de Nossa Senhora da Piedade, eu acabava de escrever um capítulo para meu livro Os caminhos da Arte relacionando os hinos védicos com o canto gregoriano. Meu trabalho estava voltado para a integração do Oriente com o Ocidente através da música religiosa.

Em relação aos dois painéis, Frei Rosário me trouxe indicações bíblicas que eu deveria ler para me inspirar nos temas encomendados. Era importante ler textos do Antigo e Novo Testamento, para uma informação histórica.

Antes de começar os trabalhos, fui várias vezes à Serra da Piedade contemplar as montanhas, que se assemelham às do Retiro das Pedras, onde moro. Tirei fotos, fiz estudos de tamanhos variados. Era importante penetrar não somente no espírito das montanhas, em sua transparência e fluidez, como também recuar até a nossa tradição barroca de arabescos e curvas. Numa das capelas a figura de Jesus Cristo foi colocada no centro de uma mandala, símbolo cósmico de integração tanto no oriente como no ocidente. Na outra capela, São José está representado como guardião de Jesus. Deixei os projetos com o competente artista Juan Carlos Cerri, professor da UFMG, que realizou, juntamente com uma equipe de assistentes, os painéis em azulejo.

7 de maio de 2010

PAINEL EM AZULEJO NA ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM CAETÉ I



Fotos: Maurício Andrés

Quando Frei Rosário me procurou em Belo Horizonte para realizar os painéis das capelas da ermida de Nossa Senhora da Piedade, eu acabava de escrever um capítulo para meu livro *Os caminhos da Arte* relacionando os hinos védicos com o canto gregoriano. Meu trabalho estava voltado para a integração do Oriente com o Ocidente através da música religiosa. Em relação aos dois painéis, Frei Rosário me trouxe indicações bíblicas que eu deveria ler para me inspirar nos temas encomendados. Era importante ler textos do Antigo e Novo Testamento, para uma informação histórica.

Na capela do Sagrado Coração de Jesus na Ermida de Nossa Senhora da Piedade em Caeté escolhi a forma circular da mandala, com a figura de Cristo ao centro trazendo luz e sabedoria para o mundo. Mandala significa círculo em sânscrito. Universalmente a mandala é símbolo da integração e da harmonia. Significa também a concentração de energia, o universo, a procura da paz interior. A cor azul simboliza a sabedoria de Cristo transmitida através dos séculos. Escolhi a mandala pelo seu significado universal de integração e paz, usado no Oriente como forma de meditação. O símbolo da

mandala com o Cristo no centro foi usado no Ocidente numa pequena tela de Hieronymus Bosch, hoje pertencente ao Museu do Prado em Madrid. Ali o Cristo ilumina as pessoas para vencerem e superarem os sete pecados capitais. O psicólogo Carl Jung usou a mandala como integração final do processo de individuação do ser humano.

A figura do Cristo ao centro nos faz lembrar o Cristo interno de cada um de nós e a centelha divina que a todos pertence. “O Reino dos Céus está dentro de vós” nos disse Jesus. No Santuário da Serra da Piedade a lembrança do nosso Cristo interno está representada nessa pequena capela, onde os devotos acendem velas e, durante a época do Natal, armam presépios. Tiramos fotos em frente ao painel, agradecendo nossa presença nesse santuário de paz e desejando a paz para todos os brasileiros e para todas as pessoas.

28 de dezembro de 2015

PAINEL EM AZULEJO NA ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM CAETÉ II





Fotos: Maurício Andrés

Na Capela do Santíssimo Sacramento ou de São José, na Ermida da Serra da Piedade, procurei seguir o estilo barroco da ermida, para dar continuidade ao todo do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, a padroeira de Minas Gerais. Lembro-me de Frei Rosário dizendo: “Você foi escolhida para realizar esses painéis por ser uma artista espiritualista. ”

A figura de São José é representada em pé, como guardião do sacrário. Procurei representar São José como aquele que foi designado para cuidar de Jesus e de Maria, segurando com a mão direita um bastão. Na parte de baixo, como num filme, procurei sugerir passagens da Bíblia.

A capela de São José foi escolhida para as orações e quando ali chegamos freiras e fiéis estavam rezando o terço. Há bancos na frente, que imaginei serem reservados ao clero. Diariamente as pessoas rezam ali, diante do Santíssimo.

Quando saímos do templo e nos dirigimos ao carro as freiras nos cercaram: “Você é Maria Helena, que bom a conhecer, você recebe diariamente nossas orações.” Para mim foi importante ouvir isso. A alegria que elas tiveram ao me encontrar naquela manhã chuvosa valeu como um prêmio. Fiquei pensando no quanto a nossa arte vai se espalhando pelo mundo a fora e nas pessoas que atingimos. A arte cristã, destinada ao culto, é a forma de unir as pessoas, de trazer harmonia e paz para esse mundo tão conturbado.

Saímos de lá com a certeza de que a Nossa Senhora da Piedade, colocada na nave central e criada pelo grande artista mineiro, Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, é o símbolo da nossa

Minas Gerais hoje tão devastada.

A Mãe ali está, carregando Jesus em seu colo, protegendo o povo de Minas, os peregrinos que chegam e elevando as vibrações para o alto. Está ali para dar momentos de paz para os mineiros e para todos os brasileiros.

O Santuário de Nossa Senhora da Piedade é um lugar que merece ser visitado não só por sua beleza natural, no alto das montanhas, como também pela vibração de amor e compaixão por esse povo que aqui vive e que através de gerações chega até a ermida e silenciosamente recebe a energia da Protetora.

18 de janeiro de 2016

JEQUITINHONHA I

Hoje descobri, no meio dos meus guardados, algumas pranchas desenhadas, com textos referentes a uma viagem organizada pelo artista Paulo Laender com um grupo de artistas pelo Vale do Jequitinhonha.

Fui convidada a participar do grupo. Eu acabava de chegar de uma longa viagem à Índia e o Vale do Jequitinhonha me pareceu muito semelhante ao que pude sentir na minha viagem para o outro lado do mundo.

Viajar com o objetivo de colher semelhanças entre os povos da Terra me pareceu muito importante.

Unir o Oriente ao Ocidente era o meu objetivo logo que cheguei da Índia.

Além disto ainda favorecia o fato de que o Serro, terra de meu pai, está situado no Vale do Jequitinhonha.

Abaixo estão alguns textos em forma poética, escritos na época, 1978, com alguns desenhos originais.



Diamantina I

Diamantina.

Lua cheia,

Brilho nas

Pedras do chão,

Frio, umidade,

Serestas.

O ônibus seguiu

Com os outros.

Ficamos,

Porque a cidade

Nos chamou.



Diamantina II

O tempo se esconde

Atrás das janelas

De Diamantina.

Anjos azuis

Tocam

Os portais coloniais.

De onde vem esta alegria,

Entrando em sintonia,

Com a vibração

De sons e cores,

De música e pintura,

E dança e poesia,

Tudo junto?



*Fotos e ilustrações de Maria Helena Andrés

JEQUITINHONHA II



Diamantina III

Vejo anjos coloridos,
bailarinas de luz,
vejo crianças sorrindo,
como os artistas,
descendo as ladeiras,
de Diamantina.
Os deuses das montanhas

Se esconderam
Nas muralhas
Da cidade.
Ninguém os vê
Mas de noite
Eles saem
E tocam
Serestas
Até o dia raiar.



*Ilustrações E Fotos De Maria Helena Andrés

JEQUITINHONHA III



Agora, as crianças descobrem
debruçadas sobre o chão
esfregando lápis cera
no papel
E em vez de surgirem pedras
surgem estrelas do céu.
Elas descobrem criando,
que a Terra e o céu se assemelham.
Para elas, o espaço
é muito maior do que um teto.
Não moram em apartamentos
nem sobem de elevador.
Não ganham brinquedos prontos,
comprados no "Shopping Center",
mas tudo vira brinquedo.
É só começar.

Crianças desenhando

Agora, as crianças desenhavam

Debruçadas sobre o chão,

Esfregando lápis cera

No papel.

E, em vez de surgirem pedras,

Surgem estrelas do céu.

Elas descobrem criando,

Que a Terra e o Céu se assemelham.

Para elas, o espaço

É muito maior do que um teto.

Não moram em apartamentos,

Nem sobem de elevador.

Não ganham brinquedos prontos,

Comprados no "Shopping Center",

Mas tudo vira brinquedo.

É só começar.



*Ilustrações e fotos de Maria Helena Andrés

JEQUITINHONHA IV

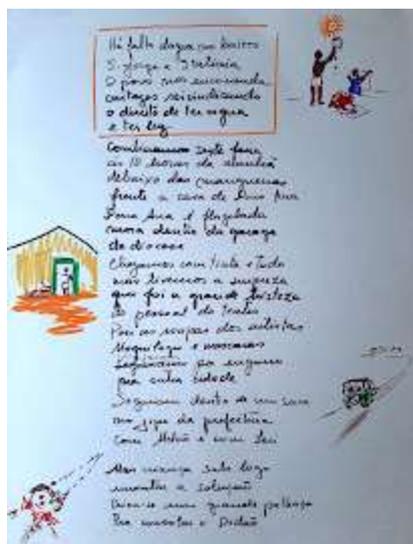


ENCHENTES

Chamo Maria Madalena
Dias dos Santos
Não tenho casa”
Marias Madalenas
Quantas temos?
“A lama tampou a porta
Acertou pra dentro”
“Foi preciso subir em cima
Tirou tudo enlameado”
“Aí a gente entrou pra morar”
“Eu não tenho casa não.
Moro com meu irmão
Ele me emprestou a casa
Mas vem pra cá.”
“Deus me ajuda que eu dou
Providência,
Quando ele voltar”
A casa é boa
Repartidinha
E as panelas brilham
Nas prateleiras.
E há potes
Encostados nas paredes.
Minha casa, chuva derruba
E vim morar aqui com a irmã.
Fiquei aqui nesta garagem do bispo
Até Deus ajudar.

Foi no mês de fevereiro,
Minha casa foi inundada.
Eles queriam que nós
Morássemos no Mutirão.
Mas nós temos casa.
A nossa é lá no alto do morro.
Ave Maria, se a água
Vem ali e vem aqui!

MANIFESTAÇÕES POR FALTA D'ÁGUA



Há falta d'água nos bairros
São Jorge e Itatiaia
O povo nos encomenda
Cartazes reivindicando
O direito de ter água
E ter luz.
Combinamos sexta feira
Às 10 horas da manhã
Debaixo das mangueiras

Em frente à casa de Dona Ana.

Dona Ana é flagelada

Mora dentro da garagem

Da diocese.

Chegamos com tinta e tudo,

Mas tivemos a surpresa

Que foi a grande tristeza

Do pessoal do teatro.

Pois as roupas dos artistas

Maquiagem e máscaras

Viajaram por engano

Para outra cidade.

Seguiram dentro de um saco

No jipe da prefeitura

Com Melão e com Leri.

Mas criança sabe logo

Inventar a solução

Criou-se um grande palhaço

Pra consolar o Dedão.

A vida é um grande teatro

E as surpresas aparecem

De repente.

Temos de achar soluções

De maneira independente

Dos planos que fizemos.

Não fique triste, Meleca

Nem caroço, nem Dedão.

E falem pro Boca Roxa
Que a “melhor cousa do
Mundo é ser palhaço.”
Cantemos juntos, de mãos dadas
Uma canção bem alegre.
Porque hoje a meninada
Comemora e agradece.
Pedem todos, insistentes:
“Fique aqui, não vá embora...”
Temos muito a improvisar
Dentro dos nossos recursos
De criar.”
Hoje vamos ajudar
Nosso bairro a pedir água
E no sábado que vem
Correremos a cidade
Carregando os cartazes
E cantando em procissão.
Então lembraremos
De todos vocês,
Do Meleca, Boca Roxa,
Do Caroço e do Dedão.
Pois as crianças deste bairro
Foram as primeiras
A aplaudir os palhaços
Quando eles
Desceram as ruas

De caminhão.

(Sábado teremos de novo

Os palhaços

Na praça de Araçuaí

Para a manhã de despedida).



*Ilustrações De Maria Helena Andrés



PALHAÇOS

Aglomeração na praça

Radio Pam tocando

Anuncia a chegada

Do bando de artistas

A sensação é de se estar

Num circo ambulante.

Onde se chega há destaque

E muita admiração.

As crianças chegam logo.

"Nunca vi tanto menino

Sair desses buraco tudo..."

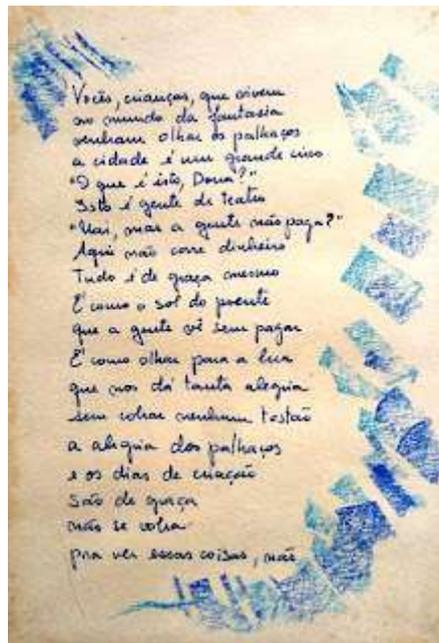
Os palhaços se reúnem

Pintando a cara.

Maquiagem no gramado

Sob olhares assombrados

Das crianças.

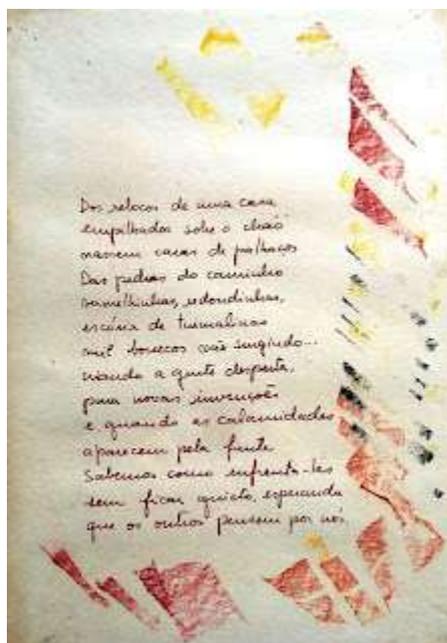


Vocês, crianças, que vivem
No mundo da fantasia,
Venham olhar os palhaços.
A cidade é um grande circo.
“O que é isto, Dona?”
Isto é gente de teatro.
“Uai, mas a gente não paga?”
Aqui não corre dinheiro,
Tudo é de graça mesmo.
É como o sol do poente,
Que a gente vê sem pagar
É como olhar para a lua
Que nos dá tanta alegria
Sem cobrar nenhum tostão.
A alegria dos palhaços
E os dias de criação
São de graça.

Não se cobra

Para ver essas coisas, não.

IMAGINANDO VENDO REBOCOS



Dos rebocos de uma casa

Empilhados sobre o chão

Nascem caras de palhaços.

Das pedras do caminho

Vermelhinhas, redondinhas,

Escória de turmalinas,

Mil bonecos vão surgindo...

Criando a gente desperta

Para novas invenções.

E, quando as calamidades

Aparecem pela frente,

Sabemos como enfrentá-las

Sem ficar quieto, esperando

Que os outros pensem por nós.



*Fotos De Paulo Giordano

*Ilustrações De Maria Helena Andrés

JEQUITINHONHA VI



BURRINHOS

“De que vale a vida do interior

Sem o burrinho?

Somos gente pobre

Não temos carro.

Pode faltar petróleo,

Mas vamos

Andar montados.

Meu nome é Antonio de Assis

O biscateiro, faço de tudo.”

Pra que serve cangalha de burro?

“É por conta do balaio

Pra carregar as frutas.

Cada um tem seu burrinho

Que trabalha nas fazendas.

A semana inteira

Carregando madeira

Mandioca, cana

Para os patrões.”

Hoje é dia de sábado

Eles estão encostados

Na calçada, conversando baixinho.



BAIXA QUENTE

A rural da prefeita traz a turma

De artistas

Pra Baixa Quente.

Os homens vieram atrás

Na carroceria tomando pó.

E a cidade inteira

Corre pra nos acudir.

O interior é o mesmo

No mundo inteiro.

O mesmo comportamento.

Criança espiando curiosa,

A poeira no chão,

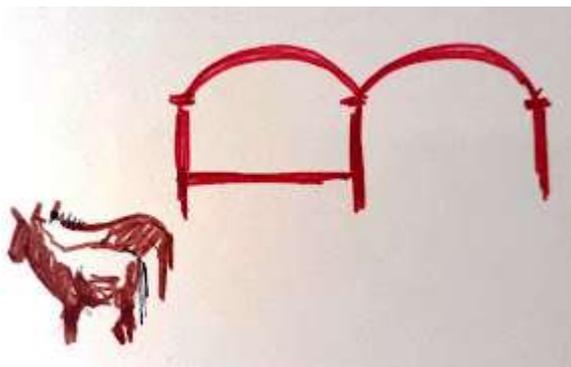
E o burrinho amarrado na cerca

Em frente à casa.

Lá na Índia eles têm

Sempre uma vaquinha,

Mas a atitude simples,
Do povo é a mesma.
Vem passando um porco
Se esfriando na água
Escorrida das casas.
Galinhas correm pelas ruas
Como na Índia.
Quanto mais sertão, mais Índia.
O homem é o mesmo
Em sua essência.
Não existe diferença.
A criança é a mesma
Esticadinha, faz pose
Para o fotógrafo.
Querem sair no retrato
E ver a cara depois.



*Ilustrações de Maria Helena Andrés

JEQUITINHONHA VII

PARTEIRA



Médica de São Paulo, radicada em Coronel Murta, Silvia Prates Mendes, está há dois anos em Itapuã. Conversamos debaixo de goiabeira.

Silvia começou a trabalhar com a natureza, buscando integrar o seu conhecimento de médica paulista com a sabedoria popular.

As parteiras são responsáveis pela criança mesmo depois de grande, como padrinho e madrinha. Parteira é a companheira que acompanha a mulher no parto, ou antes, desde a gravidez. São pessoas que aconselham e com isso, têm acesso a uma população muito maior.

Já que são responsáveis pela criança, devem levar ao posto para vacinar. As parteiras têm autoridade sobre a população. Usam “simpatias”, rezam para Nossa Senhora do Bom Parto, amarram cordões para o parto ser mais rápido. As parturientes ficam psicologicamente tranquilas. Quando as crianças demoram a nascer, usam a calça do pai. Isto chama a criança.

A alegria das parteiras é pegar a criança nos braços.

Fazem um caldo de galinha com tempero para a mãe, que deve guardar um resguardo. A mãe deve fazer um repouso absoluto, senão fica prejudicada para o resto da vida.

Soubemos da história de uma mulher que não engravidava. Tomou uma raiz com cachaça e teve um filho. O menino passou a ser chamado de “filho da cachaça”.

Famílias por aqui costumam ter 10 filhos, pois não usam anticoncepcionais.

Os pais querem os filhos como mão de obra para o trabalho. Depois de uma certa idade, os filhos se tornam independentes.

Silvia às vezes é parteira, outras vezes é Juiz de Paz.



*Ilustrações De Maria Helena Andrés

* Foto De Paulo Giordano

JEQUITINHONHA VIII

O sertão é um pouco de nós mesmos,

A infância perdida na distância.



É a manga madurinha

Dependurada no pé,

Jaboticaba dando

A árvore coberta

Dos pés à cabeça

De frutos pretinhos

Bem brasileiros.

Galo cantando de madrugada,

Rompendo o silêncio da noite

E abrindo os passos

De um outro concerto

Cujos componentes

Se escondem sob as folhagens

Das árvores.

Ouvimos o som, sem ver o maestro.

Leite fresco, de vaca ou de cabra,

Carne seca no almoço

Muita pimenta.

Gente vai cedo para fora de casa

Sentados de cócoras,

Conversando.

O calor é escaldante

Feito a Índia.



De 10 da manhã

Às 4 da tarde.

Não se faz nada

Porque o sol,

O grande rei,

Não deixa.

A água é pouca.

Baixa quente é o barão
a terra
o forno de adobe
cavado no chão

Sertão,

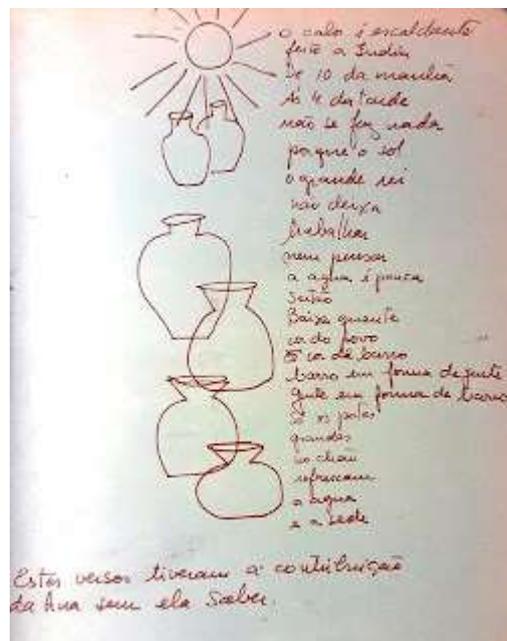
Baixa quente

Cor do povo

É cor de barro

Barro em forma de gente

Gente em forma de barro.



Só os potes

Grandes

No chão

Refrescam

A água

E a sede.

Barro deitado

No céu do forno.

O céu do forno

Tem dois furos

Por onde passa o

Calor.

E o barro

Toma cores

Diferentes.

Fica preto,

Fica vermelho.

*Ilustrações de Maria Helena Andrés

JEQUITINHONHA IX

FESTA NO MORRO

Fomos todos convidados para uma festa no morro, com lua cheia no céu e muita gente dançando. Faz-se roda e lá no centro sempre tem um par dançando, os outros batem compasso, cantando. No batuque da folia a roda faz união. Pois depois de algum tempo batendo palmas, cantando a gente vê o vizinho como irmão.



Antigamente era diferente,

As pessoas mais idosas

lam uniformizadas,

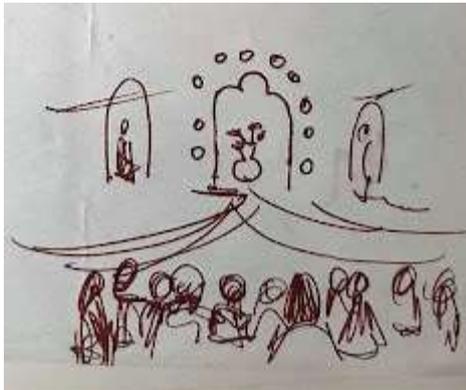
Camisa branca, calça preta,

Chapéu de palha.

Começava a dança no sábado

E só terminava

Na segunda feira à noite.
Três dias seguidos
De dança sem parar.
A gente tomava
Só um gole
E dançava a noite inteira.
Hoje em dia a gente moça
Se embebeda primeiro
Pra depois entrar na dança.



REI E RAINHA

As ladeiras são vermelhas
Com buracos no caminho.
Há luzes nas ribanceiras,
Gente cantando e subindo.
Do rei só vejo a coroa de prata,
E da rainha também.
Às vezes, fazendo esforço,
Vejo os dois frente a frente.
Lá em cima, na Igreja,

Vão tirar a coroa

E passá-la para outro casal

Que será rei até a outra festa.



A irmandade de Nossa Senhora do Rosário

Chefiado pela Igreja

Tenta guardar os valores

E a tradição dos negros.

Conservam seus instrumentos

E seus cânticos também.

Nesta festa antigamente

Se a rainha fosse branca

O rei devia ser preto.

E se o rei fosse branco

A rainha era preta.



As músicas dos escravos
Seus batuques e congados
Seus ritmos acelerados
Tamborzeiros, dançarinos,
Continuam batucando
Através das madrugadas.
E na janela aberta
O coro está cantando
Entre fogos de artifício
E o colorido das luzes
O coro canta:



“Esperança nossa

Querida mãe

Rainha da paz

Socorre sempre

Todos os mortais.

Com todos os anjos e santos

Proclamamos a vossa glória.

Eis o mistério da nossa fé.

Bendito, louvado seja”,

Canta o povo em sintonia.

Antes do padre comungar

O rei e a rainha

Recebem o vinho

No cálice de ouro.



CÂNTICOS RELIGIOSOS

Ouvimos Folia de Reis
Cantadas pelas crianças
E aquilo nos lembrou
A toada de outras
Crianças na Índia.
Música circular,
sem princípio nem fim.

*Ilustrações De Maria Helena Andrés

JEQUITINHONHA X



TAMBORES

No fogão de lenha

Entre panelas e latas

Dois tambores azuis

Se esquentam ao fogo

Para produzir o som.

A madeira dos tambores

É oca por dentro.

O tamborim é de tabua

Em forma de hexágono

E tem couro dos dois lados.

O som dos tambores

É feito com as mãos

O corpo serve para fazer música.

Nosso corpo é o próprio som.

E se escutarmos o pulso

Também escutamos som.

Tudo é som na natureza

Tudo é ritmo

Vibração compasso e música.

ATABAQUES

Os atabaques vermelhos

Tem símbolos coloridos

De sentido universal.

Há a cruz de Cristo

A mandala

O sinal de paz e amor
E até uma flor de lótus
Com mil pétalas abertas
Enfeita o tambor dos negros.
Há músicas que nasceram
Há 300 anos atrás.
Mas agora no presente
Não são partes de concertos
Mas vivem na alma do povo
E na boca das crianças
Transmitidas com carinho
Pra viver a tradição.
Segue a procissão pra cima
Levando rei e rainha.
O povo carrega nas mãos
Rosas e mais rosas de papel.



27 de novembro de 2021

JEQUITINHONHA XI

FIM DA VIAGEM

Termina aqui esta viagem ao Vale do Jequitinhonha, integrando um grupo de artistas de várias áreas de arte.



Fomos todo o tempo de ônibus, entrando pelo sertão, como observadores e criadores. O importante era fazer o povo participar de todos os eventos, principalmente as crianças.



Eu acabara de chegar de uma viagem à Índia e via paisagens semelhantes em pleno sertão brasileiro.

No Jequitinhonha fui encontrando uma arte profundamente ligada ao povo e estendida à vida de toda a comunidade. 40 artistas de todas as áreas ali estavam para participarem de uma integração das artes, uma criação que incluía música, dança, artes plásticas, fotografia, vídeo, cinema, poesia, literatura.

Nos eventos de arte e educação tive como assessora a jovem artista Ana Horta. Ana me acompanhou durante toda a viagem e na volta descemos as duas em Diamantina, para dar prosseguimento à pesquisa. Muita coisa aconteceu depois, a vida continuou, cada um seguiu seu destino.



Guardei os textos originais e alguns desenhos que ainda podem dar uma ideia do que se passou naquela jornada artística. Uma viagem cheia de surpresas e coroada da alegria de chegar até o povo, torná-los coautores de um projeto coletivo.

Música, canto, alegria acompanhava a caravana. Seguíam para o Norte de Minas, para o Vale do Jequitinhonha.



Naquela época não foi possível visitar a cidade do Serro, terra do meu pai. Mas o Serro está sendo revisitado atualmente por um grupo de primos, muito interessados em pesquisas de nossos antepassados. É um grupo na internet chamado “Vila do Príncipe.”

*Ilustrações De Maria Helena Andrés

*Fotos De Paulo Giordano

UMA VISITA AO MUSEU DE ARTE DO RIO



Foto: arquivo de Maria Helena Andrés

Sempre gostei de desenhar e pintar veleiros. Talvez seja pela estrutura dos mastros que energeticamente sustentam a fluidez das velas – navegantes do espaço. No momento me encontro no Museu do Rio de Janeiro, junto à baía da Guanabara. Do outro lado da baía, está Niterói, abrigando outro museu, obra famosa de Oscar Niemeyer. Deste museu onde estou observando os barcos em frente, imagino o túnel que está sendo criado para se chegar até lá, onde estão outras obras de arte.

O diretor do MAR - Museu de Arte do Rio, nos mostrou os diversos espaços destinados às obras do passado e do presente.

O MAR é um grande navio parado no porto, um navio ancorado e cheio de obras primas da arte brasileira. As obras vão desfilando aos nossos olhos, mostrando o Rio desde épocas remotas, quando ainda não havia a fotografia, um Rio de Janeiro sempre belo, desde a época do descobrimento até os dias de hoje. Começamos pela parte de cima, onde estão os paisagistas vindos de outras terras, até os andares de baixo com enormes salões. Neles a arte moderna e a arte contemporânea vão descortinando outra história, a do Brasil ventilado pelo sopro da Europa, brasileiros se unindo a outras terras, num abraço confraternizador. Isto porque o abraço feito através da arte é sempre confraternizador, ele nos lembra que somos todos irmãos e não existem diferenças. Colecionadores nos mostram o quanto de amor foi necessário para reunir obras em seu precioso acervo, cedido com generosidade ao público. Acervos bem escolhidos devem ser mostrados e, no momento, parabênizo o acervo da coleção Fadel, sobre o construtivismo brasileiro. As obras da

exposição Vontade Construtiva têm uma sequência, se harmonizam em qualidade e precisão. Ali estão os meus grandes amigos do passado, Volpi, Maria Leontina, Mário Silésio, Marília Giannetti, Franz Weissmann, Amílcar de Castro. Meu quadro está junto deles e vai me trazendo lembranças da época, quando o concretismo surgiu no Brasil, para nos conduzir à disciplina do traço, da linha, das cores chapadas, da valorização da forma por ela mesma, sem necessidade de significar algo. Um passeio pelo concretismo é uma caminhada até nossa própria origem indígena e a fusão harmoniosa desta origem com a mensagem vinda de fora, do continente europeu.

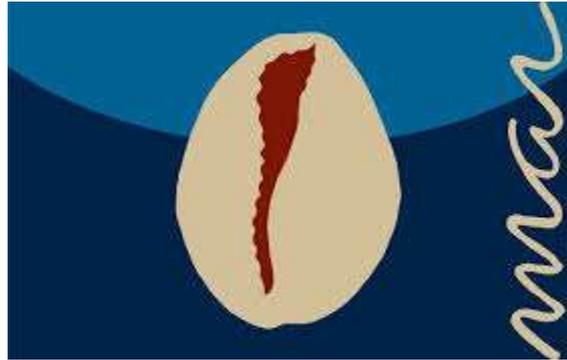
“Eu nunca te encontraria, se já não estivesses comigo”. Esta frase de Saint Exupéry nos faz lembrar a razão pela qual o construtivismo vigorou com tanta energia no Brasil, que já estava há séculos preparado para recebê-lo.

A coleção construtivista de Fadel é uma joia de arte que deve ser mostrada e, sobretudo, muito estudada. Os curadores revelaram uma vontade construtiva na forma harmoniosa como colocaram os quadros nas paredes.

Fui convidada para pronunciar uma palestra sobre o construtivismo em Minas. Recordei aspectos ainda não divulgados, do nosso pequeno grupo, que abraçou com entusiasmo as novas ideias vindas de São Paulo, da 1ª Bienal e assimiladas e transformadas nas montanhas mineiras. Ali estavam presentes o diretor cultural do museu, os curadores Paulo Herkenhoff e Roberto Conduru. Ao final ficou decidido que eu voltaria em junho para repetir a palestra para um público maior.

UMA VIAGEM AO RIO – TRÊS MOSTRAS EM DOIS MUSEUS





*Fotos de Marília Andrés e da internet.

Dando continuidade A minha viagem de três dias ao Rio de Janeiro, registro aqui algumas reflexões sobre duas mostras importantes: no MAM (Museu de Arte Moderna) e no MAR (Museu de Arte do Rio).

A arte contemporânea

Se estende à vida

Ela não fica parada

Em museus, mas percorre

Espaços variados.

No Brasil

Começou com Lygia Clark

E Hélio Oiticica, sempre presentes

Sempre lembrados.

Hoje os artistas estão mostrando

Suas criações

Que não são somente quadros

Pendurados nas paredes.

No MAR, Adriana Varejão

Inaugurou
A bandeira do MAR.
Solenemente ela se eleva
Para o espaço e pode ser contemplada
Pelas pessoas que passam.
No MAM, o artista Wilson Piran
Criou um grande painel
Denominado “Constelação”
Com o nome dos artistas
Que têm quadros neste acervo.
Meu nome está lá, bem
Em frente, reluzente!
Estou perto de outros artistas
Mais famosos do que eu.
Continuo sendo
Uma sobrevivente no meio
Dos colegas que já partiram
Para outra vida...
Lembro-me dos meus quadros
Que também foram sobreviventes
De um incêndio neste museu...
Havia uma exposição de artistas
Concretistas.
Não fui escolhida
Foi o que me salvou.
Os quadros da exposição
Foram queimados pelo incêndio
Mas os meus escaparam.
Já foram expostos
Em mostras posteriores
Estão em perfeito estado.

17 de dezembro de 2018

ENTREVISTA COM O PROFESSOR CLAU CLUVER



Fotos: Marília Andrés

Veio me procurar na minha residência no alto das montanhas, Mr. Claus Cluver, professor e pesquisador da intermedialidade na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos. O Prof. Cluver deu aulas na Universidade Federal de Minas Gerais e pronunciou uma palestra sobre a imagem e as letras, focalizando as relações entre as diversas mídias. Conversamos muito sobre arte durante o almoço e depois estendemos o assunto para o construtivismo brasileiro que, no momento, desperta o interesse de pesquisadores e historiadores. Realmente, o construtivismo foi um grande movimento no cenário artístico do Brasil e hoje está levando o Brasil para outras terras. Em seu conjunto, o construtivismo obteve grande visibilidade com a exposição da Coleção Leirner nos EUA, parte dela adquirida pelo Museu de Houston, no Texas.

Mr. Claus indagou sobre a minha atuação no movimento, como participante do Grupo de Minas, considerado um grupo independente.

“Até então, a visibilidade dos artistas no exterior se limitava àqueles que se afastaram do Brasil e foram morar na Europa, entre eles Mary Vieira, Lygia Clark e Hélio Oiticica. Os que aqui ficaram não conseguiram a mesma projeção internacional”, me disse ele. Mr. Claus está estudando, com grande interesse, a arte brasileira como um todo, entrevistando artistas e colhendo informações ao vivo. Para isto se dispôs a deixar, por algum tempo, o primeiro mundo e chegou até nós para colher depoimentos. Eu, como sobrevivente do construtivismo, tenho ainda muita experiência a ser transmitida. Reuni minhas anotações e artigos para oferecer informações ao meu amigo pesquisador e fui mostrando a ele as minhas releituras que incluem uma versão nova do passado, recriação de uma época em que os quadros não eram valorizados pelo tamanho, mas pela qualidade. Voltei ao pequeno formato, já que o grande estava me dando problemas de saúde. Pintar em telas

menores é mais adequado para minha idade e estou me sentindo como há 50 anos atrás, pintando pequenos retângulos coloridos. Claus Cluver gostou das releituras, porque são criações e não repetições do passado. Conversamos muito e Mr. Claus, sempre acompanhado de sua esposa Maria Aparecida, trouxe para minha casa uma vibração de muita alegria e intelectualidade. Foi uma tarde que me valeu por muitas palestras ou aulas, um privilégio poder ouvir de perto um professor estrangeiro interessado em nossa história. Segundo ele, o Brasil lidera a América do Sul, acompanhando e se atualizando de forma própria acerca dos movimentos mais sérios ocorridos no mundo. Claus Cluver mostra outra visão da arte brasileira, retirando o preconceito de que o Brasil é um país de artistas primitivos.

15 de outubro de 2011

DIALOGANDO COM FRANCISCO JARAUTA



Fotos: Marília Andrés e arquivo Maria Helena Andrés

Grandes mudanças do século XX aconteceram nas décadas de 1960 e 1970 quando o mundo das comunicações despontou, propiciando a formação da sociedade informatizada. Para discutir essas mudanças o Festival de Inverno da UFMG, que aconteceu em 2011 em Diamantina, Cataguazes, Belo Horizonte e Inhotim, convidou palestrantes atualizados com o espírito da época, que enriqueceram e despertaram os jovens para a grande síntese que está acontecendo no planeta.

A proposta do Festival de Inverno de 2011 foi “discutir a nova configuração da arte, da cultura e do conhecimento a partir da perspectiva das cidades”. Francisco Jarauta, famoso filósofo, antropólogo e historiador espanhol, foi convidado pela UFMG para pronunciar palestras sobre o tema. A grande competência do filósofo, sua facilidade de expressão, abriram campo para reflexões nos diversos grupos de estudantes e professores que tiveram a oportunidade de ouvi-lo. A sua passagem por Minas Gerais foi coroada de sucesso, levando às suas conferências um público jovem,

interessado no pensamento da cultura contemporânea. Jarauta fala espontaneamente e sempre acrescenta ao seu pensamento as experiências do momento, do aqui e agora. Este instante presente incorporado ao passado constitui a grande riqueza do século XXI onde a integração e a síntese se fazem presentes. A palavra de Jarauta é fluente, cheia de força e convicção, sem ser dogmática. Com grande espontaneidade criativa ele consegue atrair as pessoas que acompanham com atenção o seu pensamento.

Jarauta abordou em suas palestras a relação da arte com as novas tecnologias, as cidades e as micro utopias. Um mundo sem fronteiras se abre diante de todos nós. Já não existe no momento a separatividade imposta pelos donos da verdade. A verdade está dentro de cada um de nós e é despertada no momento certo, no agora de cada um. É aí, nesse momento, que o novo se manifesta com toda a intensidade. Na fala de Jarauta, o novo vai surgindo a cada instante e trazendo luz para novas associações. Ele convida o público a participar de sua palestra, abrindo o espaço para o diálogo.

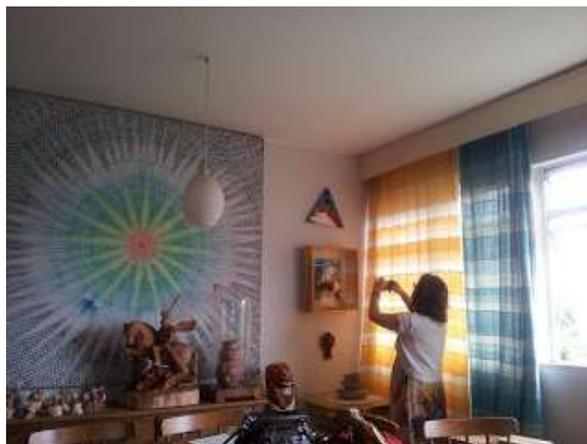
Recentemente Jarauta foi o curador de uma exposição de Matisse, que aconteceu em Granada, e me presenteou com um livro *Matisse y La Alhambra* onde, além de escrever o prefácio, colabora com um capítulo onde estuda a influência do Oriente sobre Matisse, dentro de uma visão filosófica e antropológica. Em Alhambra, na Espanha, Matisse encontrou ressonância com a sua sensibilidade e uma série de quadros nos mostra o seu entusiasmo pelos arabescos, florões e odaliscas. A influência árabe desponta em suas telas, no colorido exuberante, na sensualidade e poesia das formas. Alhambra é um pedaço do Oriente no coração do Ocidente e continua influenciando artistas e historiadores da arte.

Durante sua passagem por Belo Horizonte, tive o privilégio de receber Jarauta em minha casa e também a alegria de lhe mostrar os meus pequenos desenhos, feitos na década de 50, que hoje estão sendo ampliados para diversas releituras. Integração e síntese são o que pretendo realizar no momento, e as palavras de Jarauta me deram ânimo para continuar minha pesquisa atual.

Assim se expressou Jarauta em sua mensagem pela internet: “Seus trabalhos mostram com grande sensibilidade e inteligência um caminho e experiência própria sobre a arte e sua própria linguagem. Que prazer tão imenso ter compartilhado a tarde em sua casa, um ateliê pleno de vida e magia. É tão admirável ver seu trabalho, suas viagens, suas ideias e princípios, sua concepção da arte.”

14 de agosto de 2011

MEU ENCONTRO COM BENÉ FONTELES



Fotos: Maurício Andrés

Há muitos anos, recebi um pedido vindo de Brasília, não sei se do Pierre Weil ou do Maurício, para hospedar um artista em minha casa no Retiro das Pedras. Esse artista é hoje o famoso Bené Fonteles, que naquele momento precisava visitar Belo Horizonte. Bené esteve em minha casa alguns dias, nem me lembro se foram semanas, mas, sua intensa criatividade ficou para sempre em minha memória. Bené, naquela época, além de escrever poemas, também recitava esses poemas para grupos pequenos, como nos antigos saraus.

Certo dia, voltando de Belo Horizonte onde estivera para acompanhar minha mãe, encontrei minha casa no Retiro toda iluminada e festiva. A sala estava cheia de amigos do Bené e ele, no centro da roda declamava suas poesias. Para mim foi surpresa e ao mesmo tempo admiração ver minha casa transformada em palco de teatro.

Hoje, vejo Bené em Brasília, na noite de Folia de Reis, acendendo a fogueira, carregando o estandarte, cantando e dançando. Continua a mesma pessoa, cheia de vida e grande ternura para com o ser humano. Bené é um artista de muitas facetas e tanto produziu obras nas tradicionais telas como todos nós pintores, como também transgrediu as normas e hoje realiza trabalhos no campo ampliado da arte contemporânea. Usa materiais diversos, peças de ferro, de carro de boi, corais sobre tecelagem indígena, couro de ovelhas, conchas, ferramentas, vasos, cerâmicas, esculturas de Buda e dos Orixás, coletados ao longo do tempo e organizados em forma de memória.

Bené ampliou seu campo para instalações e no centro dos objetos coletados declamava seus versos. No Museu de Arte de São Paulo, em cima de um tablado, todo vestido de branco, Bené declamava seus versos, como no tempo em que nos encontramos na minha casa, no alto das montanhas do Retiro das Pedras.

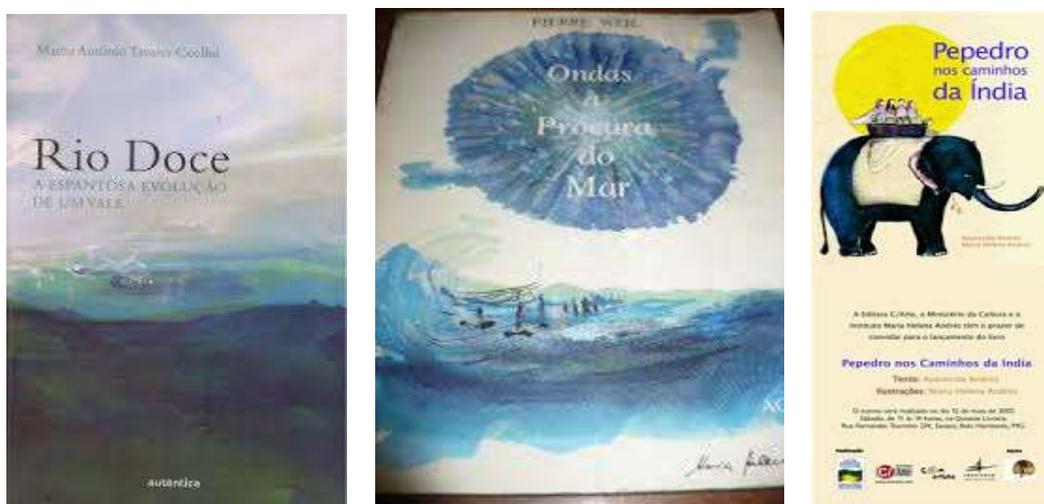
Reencontrar Bené em Brasília, cercado de amigos, foi um grande prazer e me foi possível

constatar o fato de que o artista é e sempre será uma voz que clama muitas vezes no deserto, mas que sempre está abrindo caminho para o novo, o não dito, o ainda não experimentado. Ele transgride a sociedade sem agredi-la, pode se cercar de admiradores ou ser rejeitado, mas está sempre aberto para novas aventuras.

Abrir caminho para as gerações futuras mostra que a poesia, o teatro, a música, os tambores indígenas e os cocares coloridos são aspectos múltiplos da grande arte que se manifesta na vida, nos grupos folclóricos e nas rodas infantis. Tudo isto é vida e a vida para Bené merece ser vivida.

30 de janeiro de 2013

ILUSTRAÇÕES PARA LIVROS, MARCO ANTONIO COELHO E O RIO DOCE



Fotos: Marília Andrés e arquivo pessoal

Na minha vida de artista às vezes costumo ilustrar livros. Não sou ilustradora, mas aceito ilustrar os textos quando tenho muita afinidade com o que está sendo escrito. Assim, já illustrei poemas de Célia Laborne e um texto poético de Pierre Weil, viajando nas palavras e nos sonhos dos poetas.

Realizei viagens pela Índia para ilustrar o livro de Aparecida Andrés, Pepedro nos caminhos da Índia.

Outras vezes ilustro minhas próprias reflexões como o álbum Oriente – Ocidente, integração de culturas.

A ilustração é a forma do pensamento tomar as vestes das artes plásticas, virar cor, transparência, linha.

Caminhando pelos roteiros dos livros de meu primo Marco Antonio Tavares Coelho, grande estudioso dos rios de Minas, também embarquei pelo rio das Velhas, revivi meu passado histórico

até chegar ao presente. Senti também o impacto da transposição do rio São Francisco e agora, mais recentemente colaborei com a capa do livro sobre o rio Doce.

“Não vou fazer uma capa nova, porque ela já foi feita há muitos anos, quando realizei uma exposição de meus quadros na Copasa.”

O rio Doce para mim, já existia nos meus quadros, era só destacar um pedacinho de determinado quadro e ali estava contida a minha versão poética do nosso rio, hoje devastado cruelmente pelas mineradoras. Marco Antonio viajou pelos caminhos de Minas, buscando incluir na nossa história a ambição da busca do minério e as consequências que ela trouxe para todo o nosso meio ambiente.

Em seu livro, Marco previa o que poderia acontecer caso alguma das represas se rompesse. Mesmo residindo em São Paulo, Marco estava sempre presente em Minas, sua terra natal.

Infelizmente, com a morte do rio, ele também se despediu do nosso planeta. No entanto, seus livros continuam mostrando a história dos rios mineiros, sua trajetória, as riquezas que eles oferecem às populações e a água que a todos beneficia.

1 de dezembro de 2015

LIVRO SOBRE A ÁGUA I

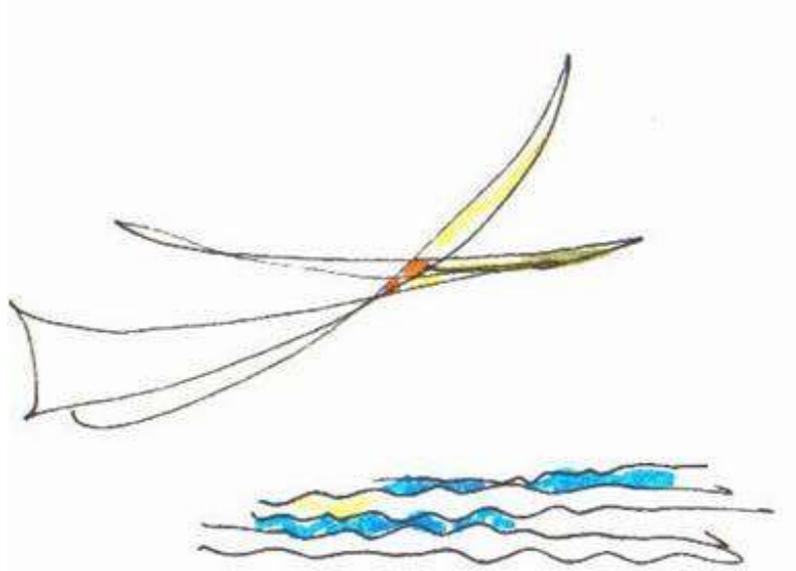
Recebi de Maurício e Aparecida Andrés o texto de um livro sobre a água, dirigido a crianças e jovens. Fiz uma série de ilustrações. Trechos deste livro irão compor as próximas postagens.

1. No ambiente

Venha pra perto de mim
escutar a minha história.
Vou lhe dizer quem eu sou,
contar-lhe minhas viagens
pelo universo e na Terra.

E também vou lhe mostrar
minha presença na vida
dos bichos, plantas e gentes.

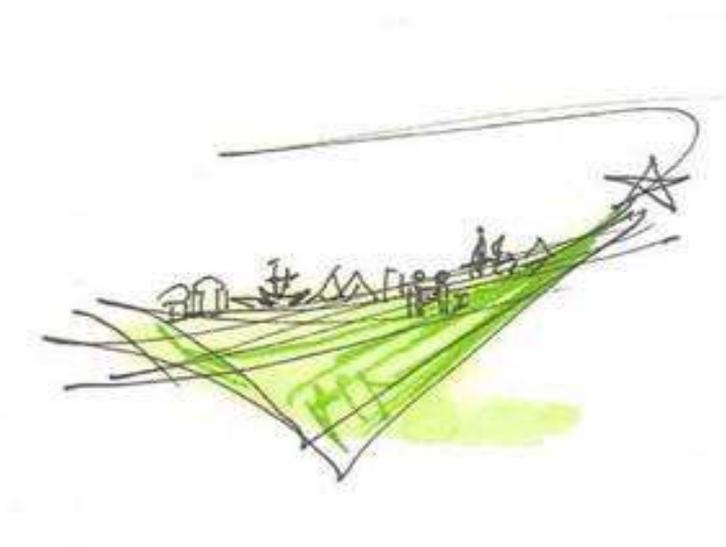
Tente com a imaginação
colocar-se em meu lugar.
Que aventuras vai viver,
que surpresas vai achar!



Tenho a idade do universo.
Viajo pelas galáxias,
entre a poeira do cosmos.

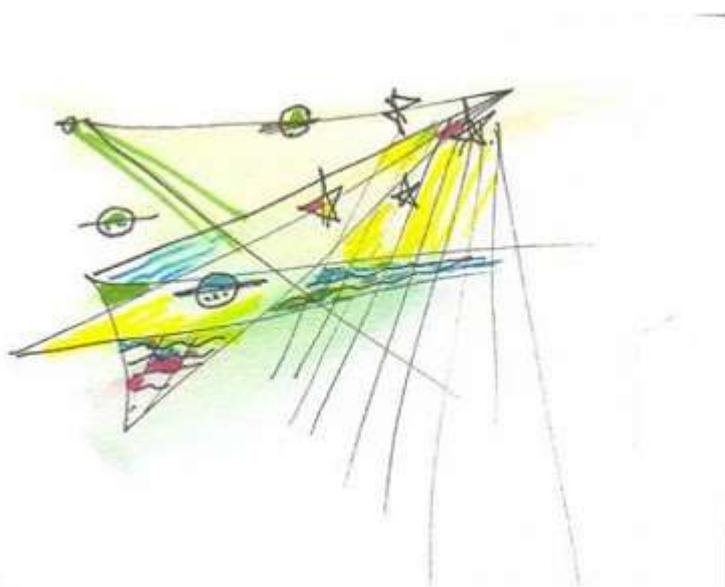
Não fico igual,
sou mutante!

Se faz frio ou faz calor,
posso virar um cristal,
gotas líquidas
ou vapor.



Cruzo as órbitas de sóis,
de planetas e de estrelas:
a força deles me atrai.
Cometas riscam o céu:
feitos de rocha e metal,
poeira e cristais de gelo,
ao passar perto do sol,
absorvem seu calor.
O calor sublima o gelo,
que derrete e vira água;
misturada à poeira,
torna-se cauda comprida,
que a gente pode enxergar
passeando lá no céu.

No local em que apareço,
pode ser sinal de vida,
mesmo que seja em um planeta
situado muito longe!



Durante milhões de anos,
tive a forma de vapor.
Sou capaz de evaporar,
de mesclar-me aos gases quentes.

Quando a Terra esfriou,
milhões de anos atrás,
condensando, me tornei
a massa líquida dos oceanos.



Transformei-me em chuva forte
que caiu por muito tempo.



Como todos nós sabemos,
ao cair e escorrer
no chão, nos morros, nas rochas,
“água mole em pedra dura,
tanto bate até que fura!”

Tirei terra das montanhas,
e fui levando pra baixo,
provocando erosão,
juntando a terra nos vales.
Foi se formando o relevo
e a superfície da Terra,

das bacias hidrográficas
com suas belas cachoeiras,
rios, várzeas, corredeiras,
lagos, brejos e oceanos.

Os mares e os oceanos
são como pontos de encontro:
para lá correm as águas
que vêm das chuvas,
das nascentes,
dos córregos, dos rios.



Ali também brota a vida:
cavalos-marinhos, camarões,
baleias e tubarões,
polvos, peixes coloridos.
E os navios pirata,
que naufragaram um dia,
viram casas submersas

para os bichos aquáticos.
Ali pode haver tesouros.
Em minhas correntes,
frias e quentes,
já flutuaram garrafas
contendo mensagens de amor,
ou com mensagens de naufragos,
loucos pra serem encontrados.



Se me aqueço além da conta,
ganho muito mais volume.
Provoco cheias nos mares,
nos oceanos da terra,
inundo as áreas costeiras.

As chuvas se intensificam,
se transformam em temporais,
e mais uma vez, as enchentes,

os ciclones tropicais,
as encostas que deslizam,
as barragens que se rompem,
são tragédias esperadas.

*Ilustrações de Maria Helena Andrés

30 de dezembro de 2019

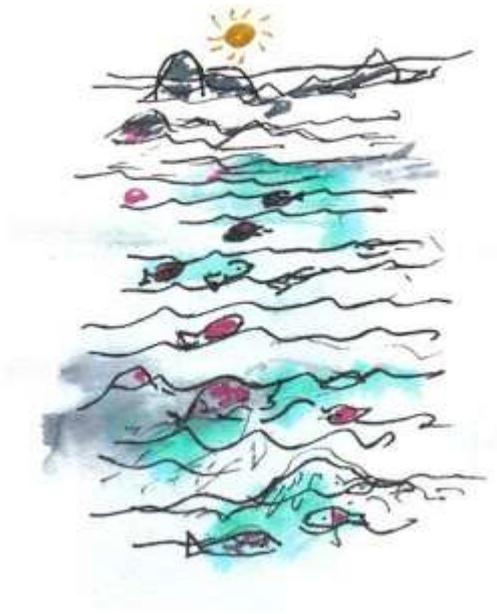
LIVRO SOBRE A ÁGUA II

Dando continuidade ao Livro sobre a água, de autoria de Maurício e Aparecida Andrés, transcrevo o trecho abaixo.

Com o aquecimento global
que acontece atualmente,
este perigo é real,
se repete muitas vezes.

Se acontecem terremotos,
posso virar tsunamis,
ondas gigantes que rugem,
arrastando e devastando
o que acham no caminho.





Nos cumes das cordilheiras
e das montanhas mais altas,
há séculos fiquei congelada.



Mas quando o clima esquenta,
as geleiras se desfazem.

E nas grandes cordilheiras,
como é o caso do Himalaia,
enchentes podem ocorrer
e depois, vem falta d'água.



Isto pode acontecer
na China, Nepal, Paquistão,
no rio Ganges, na Índia.



Uma nova era do gelo
pode atingir a Europa,
caso a corrente do Golfo,
que é composta de água quente,
venha a desaparecer.



Haverá migrações e conflitos,
perdas e sofrimento,
pois as pessoas em perigo,
sem a água pra beber,

tornam-se refugiadas.

Vão procurar outras terras

para viver com seus parentes.



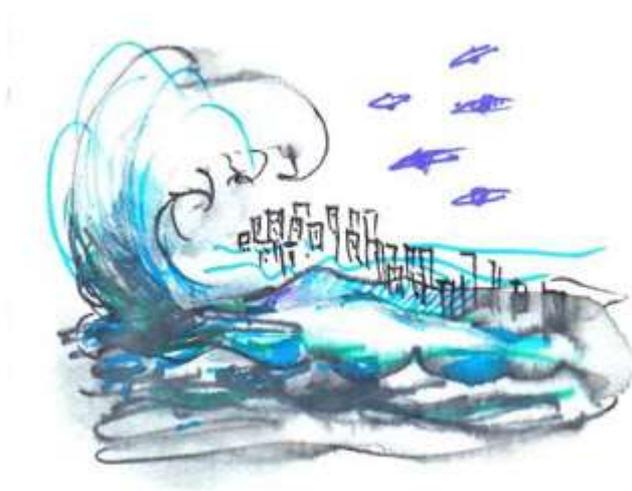
*Ilustrações de Maria Helena Andrés

7 de janeiro de 2020

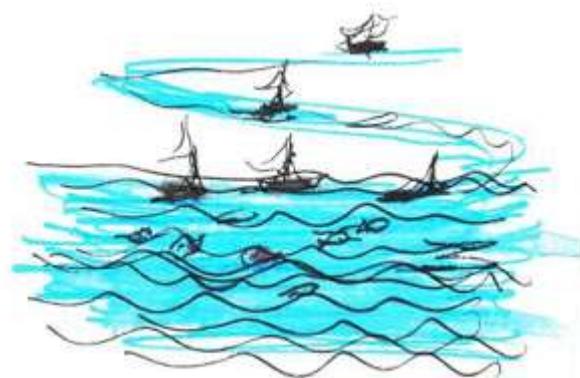
LIVRO SOBRE A ÁGUA III

Dando continuidade ao Livro sobre a água, de autoria de Maurício e Aparecida Andrés, transcrevo o trecho abaixo.

Se na Terra o clima é instável,
o inverno e o verão,
a seca e a estiagem
e a época das chuvas
ficam muito irregulares.



Tudo isso me perturba.
Sou sensível às mudanças
e às bruscas transformações.



Na história de nosso planeta,
houve períodos mais frios,
longas idades do gelo;
houve períodos mais quentes,
em que o degelo ocorreu.

Sou a resposta principal
de que a natureza se vale,
para reagir ao aquecimento
gerado por ciclos solares

e gases da atmosfera,
que aumentam o efeito estufa.



O calor muda meu ciclo
e minha distribuição.
Como já deu pra notar,
tudo irá depender
do clima e do meio ambiente:
se derreto, se evaporo,
se vou pros rios e mares,
ou se penetro nos solos,
nos corpos dos seres vivos,
se me misturo no ar,
ou circulo nos oceanos
em correntes frias e quentes
que influenciam os climas.



Quanto mais cresce o calor,
mais importante eu sou:
na indústria, na agricultura
em casa, na mesa e nos copos,
nos corpos dos seres vivos.

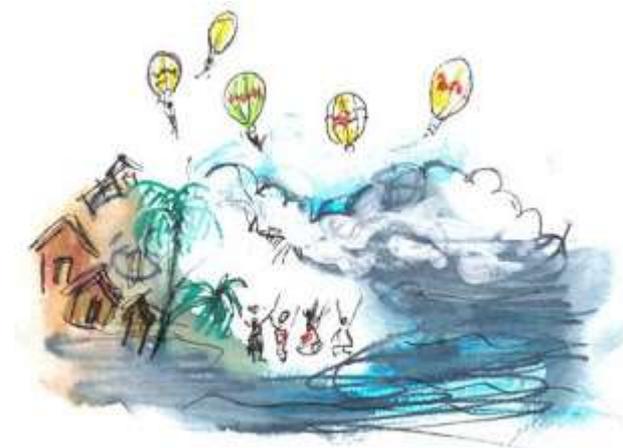
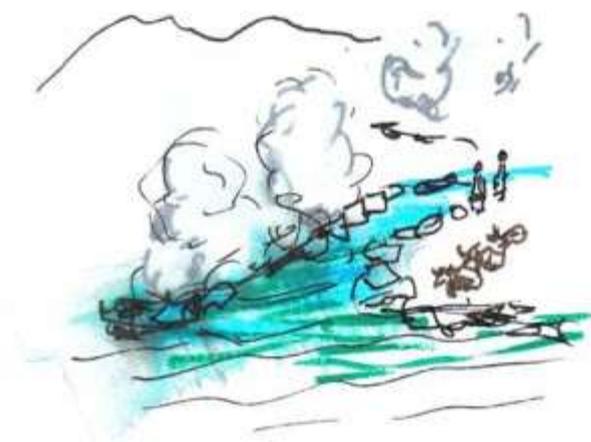


Como se pode concluir,
sou uma e também sou muitas:
sólida, líquida, gasosa,
superficial, subterrânea.

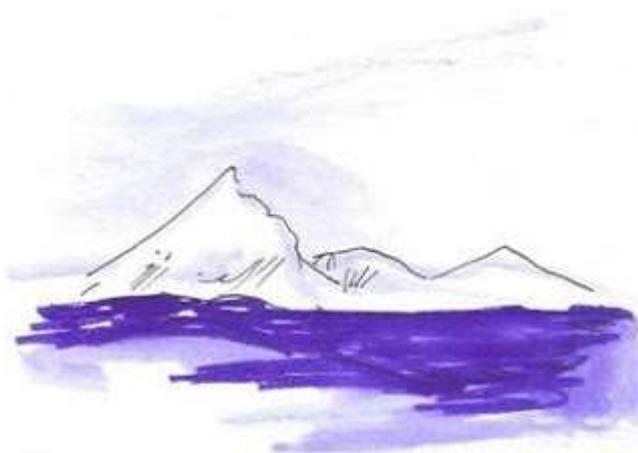
Entre as funções que eu cumpro,
Nenhuma é menos que a outra,
nenhuma é a mais importante.
Todas são essenciais.

Quando se pensa na Terra
de uma forma mais geral,
deve-se lembrar que eu ocupo
2/3 de sua superfície;
97% são mares e oceanos
e 2% é gelo dos glaciares
ou das regiões polares.

O 1% que sobrou é água doce;
mas só um pouquinho dela
pode ser recolhida e usada
por ter boa qualidade
e estar em local acessível.

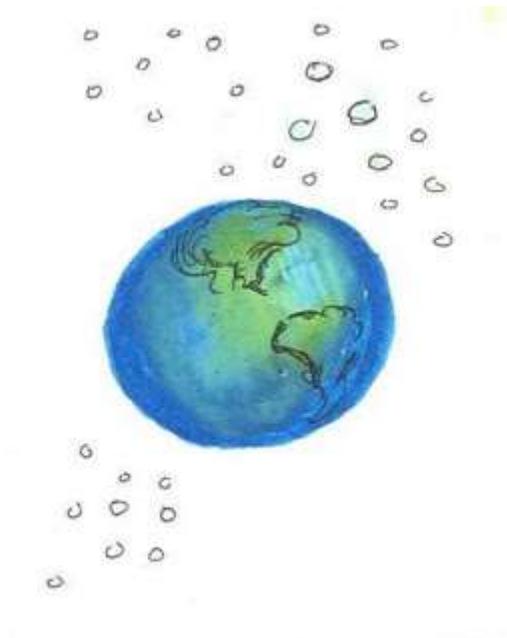


Sendo assim, há que pensar
que se a Terra se aquecer
e fizer muito calor,
o degelo irá causar
estragos por toda parte.



E se fizer muito mais frio,
as águas se congelarão.
E a Terra conhecerá
mais uma era do gelo,
como ocorreu no passado.
Para evitar más surpresas,
terão que ser consideradas
todas as formas variadas
de minha presença no mundo,
pois meu ciclo é integral.
E quanto à minha importância,
não foi, então, por acaso,
que me entrevendo, tão linda,
na umidade do ar
e no azul dos oceanos,
lá de longe, no espaço,

o astronauta exclamou,
ao vislumbrar o planeta:
- A Terra é azul!



Ilustrações de Maria Helena Andrés

13 de janeiro de 2020

LIVRO SOBRE A ÁGUA IV

Dando continuidade ao Livro sobre a Água, de autoria de Maurício e Aparecida Andrés, e ilustrado por mim, transcrevo o trecho abaixo que introduz a segunda parte, “Em movimento”:

Quando o clima está bem frio,
das nuvens claras que flutuam,
posso cair como granizo,
chuva de pedras,
flocos de neve,
leves.

As crianças me viram e reviram,
brincando comigo.



O calor do sol me derrete.
Liquefeita,
posso evaporar no ar.

No meio das nuvens escuras,
raios e trovões me abrem caminho.
E eu me entorno em gotas
que derramam do céu
em aguaceiros e trombas d'água,
garoa fina, chuviscos.



Chovendo sobre os telhados,
embalo o sono da noite,

com um barulho ritmado,
que é muito bom de se ouvir.
Na vidraça das janelas,
as gotinhas vão, juntinhas,
em filetes desenhados,
escorrendo até o chão.

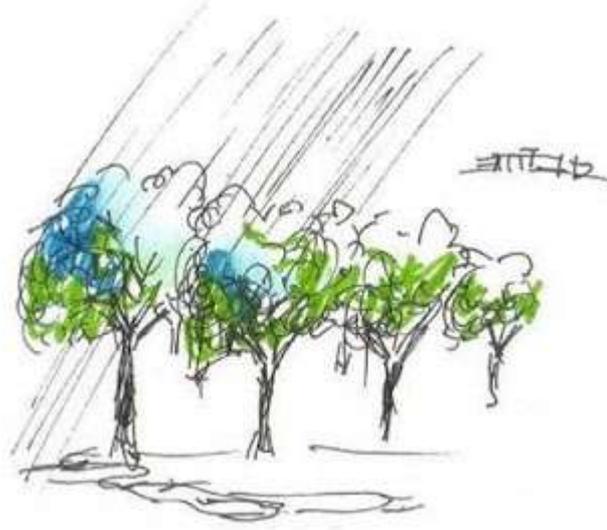


As copas das grandes árvores
amortecem meu impacto.

Escorrego pelos galhos
e troncos dos jacarandás,
dos paus d'óleo,
das canelas e angicos,
dos perfumados sassafrás,
das bananeiras e limoeiros,
e das mangueiras da Índia.
Dos eucaliptos da Austrália,
dos bambuzais vindos da China,

dos flamboaiãs de Madagascar.

E me misturo, embaraçada,
às moitas de capim da África.



As árvores e matas, nos morros
e ao redor das nascentes,
me ajudam a entrar terra adentro.

Se caio em lagos e poças,
formam-se ondas em círculos.



Quando o tempo se acalma,
sou espelho cristalino
que reflete a paisagem.

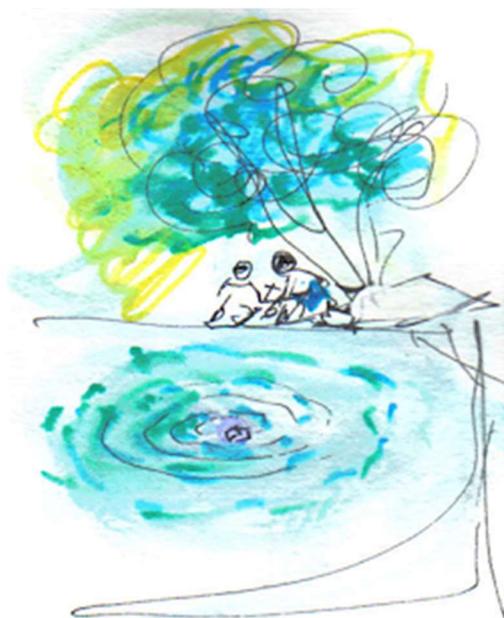
Se não há vegetação,
eu me esborracho no chão
e ali desloco a terra.

A erosão, então, se forma
e junto com outras gotas,
vamos levando conosco
muita terra, pedras, paus.

Ao empaparmos o solo,
ocorrem deslizamentos.

Descontroladas, selvagens,
jorramos de grandes alturas
nas quedas das cachoeiras
inundando tudo.

As enchentes, transbordando,
fertilizam as margens dos rios.



Com os torós sobre as cidades,

Também há inundações.
Enxurradas volumosas
vão formando espirais,
ao entrarem nos bueiros,
mergulharem nas bocas-de-lobo
das redes de drenagem.



Quando penetro no solo,
eu umedeço a terra.

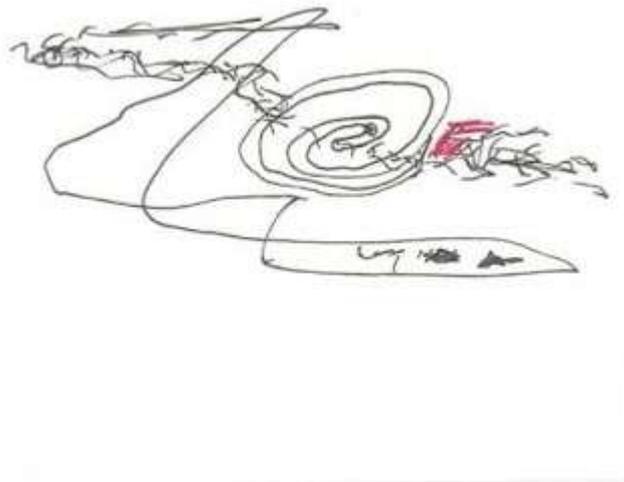
Vou entrando devagar,
me infiltrando lentamente,
por dias, meses e anos.

Pelo reino das minhocas,
pelas tocas dos tatus,
pelos ninhos das formigas,
pelos buracos das cobras,
vou passando cá e lá,
por cima e por baixo das raízes,
num tecer a teia líquida
nos subsolos escondida.

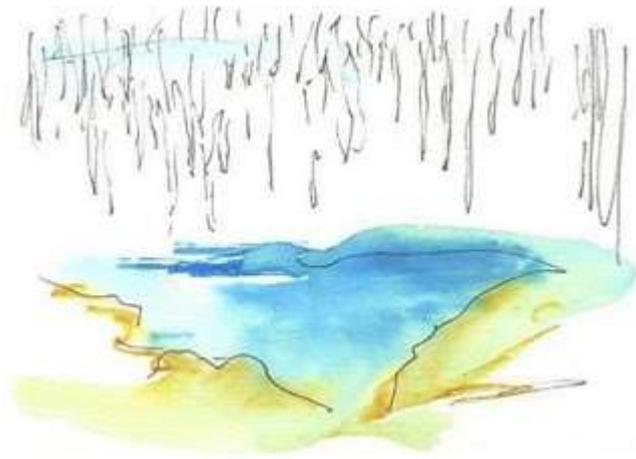
LIVRO SOBRE A ÁGUA V

Dando continuidade ao Livro sobre a Água, de autoria de Maurício e Aparecida Andrés, transcrevo o trecho abaixo:

Sob a terra, entro em cavernas
onde estranhos habitantes
vão levando a sua vida.



Nas paredes das grutas,
pingando durante séculos,
formam-se lindas estruturas
de estalactites e estalagmites.



Por passagens entre as rochas,
formo lençóis sob a terra.

Até que num dia qualquer,
cansada da escuridão,
resolvo brotar nas nascentes,
numa fonte límpida,
num pântano
ou num charco empapado.



Onde eu saio para a luz,
Dou nova vida a fontes,
renovo os mananciais.

E ali brota a vida, florida
em lótus e vitórias-régias.

Mosquitos voam e deslizam
na superfície das águas,
sapos, girinos e peixes
fazem festa nas nascentes.

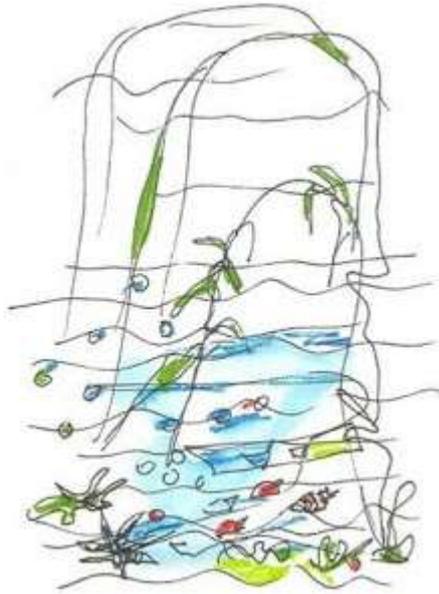


E os riachos, córregos e ribeirões,
igarapés e paranás,
formam rios e lagoas,
onde se abriga
todo um mundo de seres
como as cobras e os jacarés.

Nas madrugadas, uma bruma
de vapor d'água vai se formando.
O sol surge, eu evaporo,
crio umidade no ar.

Na névoa e no orvalho
posso brilhar e refletir
a luz da lua e do sol
nas lagoas e nos mares.

Da umidade do solo,
as plantas vêm me sugar
quando vão se alimentar.



Na estiagem, o sol esquenta,
as nuvens se vão e não chove.



O chão racha e endurece,
a vegetação resseca e morre,
a paisagem amarelece
e a aridez toma conta
dos desertos e areais.

Os sertanejos vão para longe



E a vida seca.

*Ilustrações de Maria Helena Andrés

27 de janeiro de 2020

LIVRO SOBRE A ÁGUA VI

3. Nos corpos vivos

Por dentro dos corpos vivos
- vegetais e animais -
realizo todo dia
viagens extraordinárias.

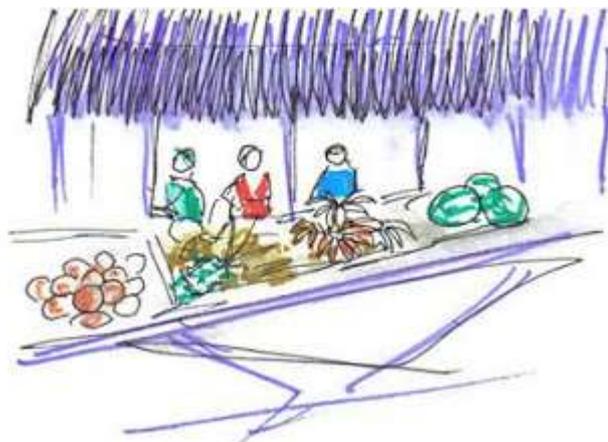
Sugada pelas raízes,
e misturada na seiva,
vou subindo pelos troncos,
pelos galhos, flores, folhas.
Transporto os sais minerais
que vêm de dentro da terra.

Assim, bem alimentadas,

as plantas crescem, vigorosas!



No caule das bananeiras,
no chuchu, na abobrinha,
nos tomates e verduras,
no abacaxi, na laranja,
nas uvas, na melancia,
em todas as frutas saborosas,
você pode me encontrar.



Nos desertos do planeta,
todos buscam os oásis,

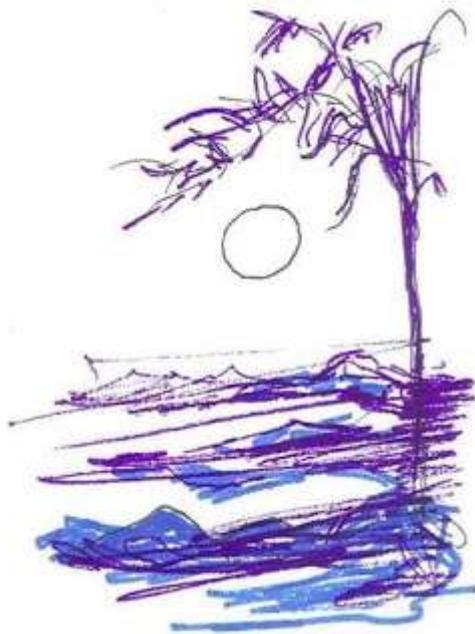
todos precisam de mim:
para matarem a sede,
para depois descansarem
à sombra dos coqueirais.



De dia, as plantas transpiram.
Eu me transformo em vapor
crio as cores do arco-íris
ou vou subindo para o alto,
para formar muitas nuvens
de formatos variados:
carneirinhos, espirais,
grandes flocos de algodão
ou muitas massas escuras,
que se desmancham em chuva.



A lua cheia me atrai
e eu subo e desço,
com força,
no ir e vir das marés.



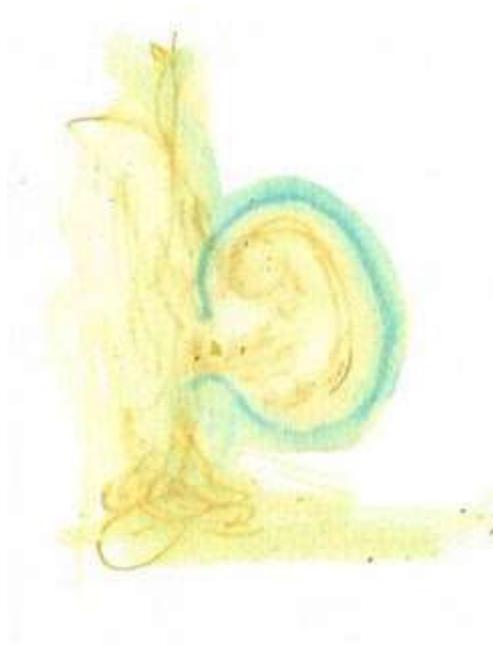
Altero o jeito dos bichos,
e os humores das pessoas.

Sem mim não há quem consiga
sobreviver no planeta.
Nem gente, bicho ou planta
pode viver tendo sede.



Será que você sabia
que 70% do peso das pessoas
corresponde à quantidade de água
escondida em seus corpos?

Circulo dentro do corpo:
nas veias, no coração,
e por dentro da cabeça.
Eu deixo a pele bonita,
integro todos os músculos.
Venho aqui, vou acolá,
passo no estômago, no fígado,
pelo intestino e nos rins,
sou filtrada e sigo adiante,
até sair cá pra fora.
Estou aqui, escondida,
na mão que folheia o livro
e estou sempre presente
no início das novas vidas.
Envolvo e protejo os bebês
que se formam
dentro das mães.



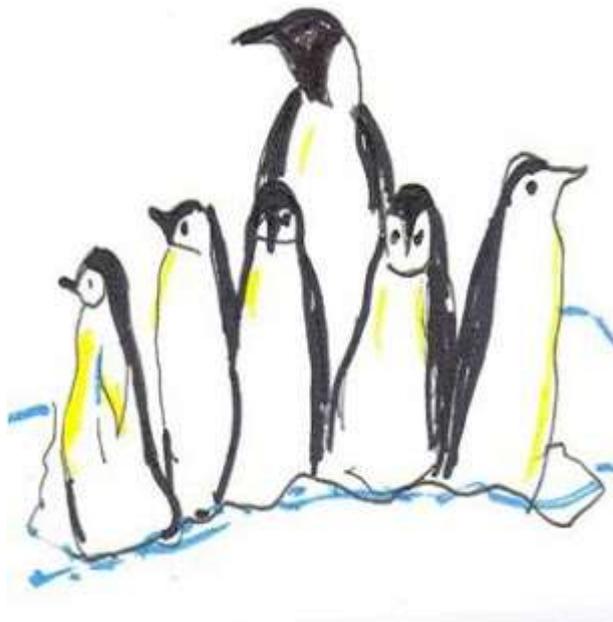
Estou nos ovos das aves,
dos peixes,
das tartarugas.



Se há calor e eu existo,
a vida brota, germina.



É o que ocorre com os pinguins:
com o calor de seus corpos,
protegem seus ovos no inverno
até que possam se abrir,
para que saiam os filhotes!



Faço parte dos alimentos

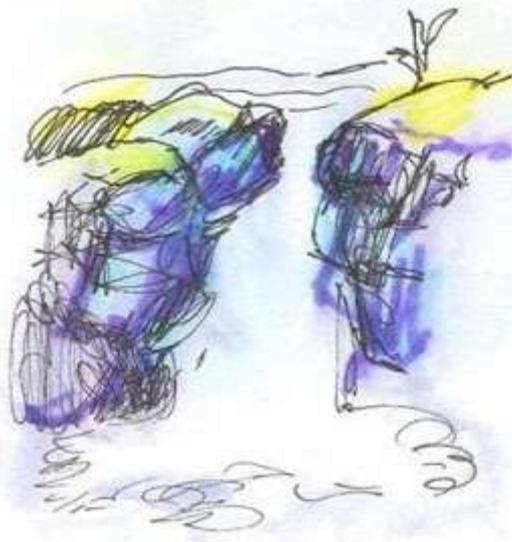
que nutrem os corpos vivos.



Você irá me encontrar
no café com leite, no chá,
no suco e no refrigerante,
nos licores e nas sopas,
nos caldos, molhos e mingaus;
nos sorvetes e nos doces,
e ainda na cerveja,
na pinga, no vinho, no uísque.
Todos me bebem,
me sorvem,
e sempre dizem:
delícia!



E assim vou viajando
nas corredeiras dos rios,
nas quedas das cachoeiras,



nas profundezas dos lagos,
nas belas ondas do mar,
alegando as pessoas,
encantando os turistas.

Ilustrações de Maria Helena Andrés

4 de fevereiro de 2020

LIVRO SOBRE A ÁGUA VII

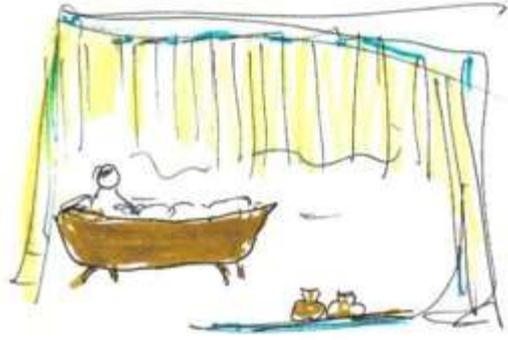
Dando continuidade ao Livro sobre a Água, de autoria de Maurício e Aparecida Andrés, transcrevo o trecho abaixo:

Nadar,
remar,
velejar,
mergulhar nas ondas
é tão bom!



Mas é preciso atenção:
a um pequeno descuido,
alguém pode se afogar!

Nos chuveiros e banheiras,
eu escorro pelos corpos
nus como vieram ao mundo.



Quando limpa, cristalina,
sou sem cor, cheiro e sabor.
Posso lavar e limpar,
removendo a sujeira
Se estou suja,
vêm comigo
as bactérias e outros germens
causadores de doenças.

As febres e infecções,
Quando não são bem tratadas,
se espalham entre as pessoas.



Mosquitos que trazem a dengue
gostam de pôr os seus ovos
em poças de água parada,
como nos pratos dos vasos de planta,
nos pneus e latas velhas.
É preciso vigiar!

Se as pessoas adoecem
e ficam desidratadas,
elas ficam tão fraquinhas
que podem vir a morrer!
Para restaurar a saúde,
sou bebida gota a gota,
com um pouquinho de sal
e um bocadinho de açúcar.



Quando na forma de soro,
também podem me injetar diretamente na veia.

Quando alguém me bebe,
no interior de seu corpo
ocorre uma transformação:
misturada a elementos,
posso tornar-me sangue,
virar saliva ou urina.

Estou no leite das mães
que amamentam seus bebês.



E na linfa protetora,
que transporta vitaminas,
gorduras e outros nutrientes
até que passem para o sangue.
A linfa também funciona
ajudando na defesa
do corpo contra as doenças
pois também leva os micróbios
até o sistema de filtros
onde eles ficam retidos,
até que sejam expelidos.

Nos campeonatos de cuspe,
as crianças me arremessam
- quanto mais longe, melhor!
E me expulsam de seus corpos
também quando tosem ou espirram
e quando fazem xixi.



Se elas caem e se machucam,
já me perco pelo sangue
que escorre de suas feridas.

Saio em gotas de suor
da pele dos corpos cansados
de quem trabalha ao sol.

Os tuaregues são homens
que vivem pelos desertos;
precisam ficar bem quietos,
retendo a umidade do corpo
se quiserem ficar vivos.

Eles enxergam miragens
de belos lagos tranquilos,
que vão fugindo, fugindo,
pra bem longe, no horizonte.
Sonham sempre com os oásis,

de tanto calor que sentem!
E viajam de camelo,
em fila, pelos desertos.



Sou as lágrimas do choro
das crianças que estão tristes
e de todos os que sofrem
com os problemas dessa vida.



Sabia que os esquimós

não podem chorar ao ar livre?
É que no frio intenso,
as lágrimas em seus olhos
viram continhas de gelo...

Quando as pessoas morrem
e depois, são enterradas,
eu abandono seus corpos,
e vou para dentro da terra.

Se os corpos forem cremados,
restam só cinzas e pó.
A morte é seca.

*Ilustrações De Maria Helena Andrés
10 de fevereiro de 2020

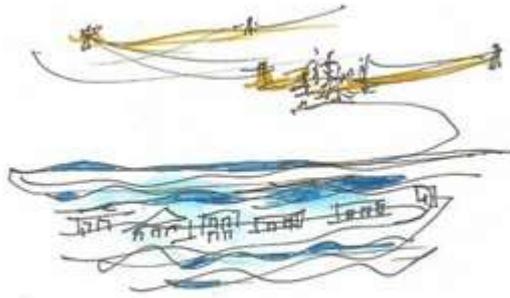
LIVRO SOBRE A ÁGUA VIII

Dando continuidade ao Livro sobre a Água, de autoria de Maurício e Aparecida Andrés, transcrevo o trecho abaixo:

4. Na cultura

Eu estou viva nos sonhos
e na memória coletiva
dos que lembram e relembram
a importância que já tive.

Testemunhei a ascensão
e a queda de civilizações.



Eu era a dádiva divina,
que os céus enviavam à terra.

Fui símbolo da fertilidade
e também da fecundidade.

Eu era um bem abundante
na natureza generosa:
ninguém pagava por mim.

As tradições milenares
falam de águas primordiais,
de oceano das origens.

As civilizações antigas
me rendiam homenagens
nas crenças e religiões,
que me diziam sagrada
por meu valor e pureza.

No Egito, fui divindade;
na Grécia, fui Afrodite,
nascida da espuma do mar.



Em Roma, era Netuno,
o deus dos oceanos.
Na tradição judaica,
sou fonte de todas as coisas.
Na tradição muçulmana,
o Alcorão, livro sagrado,
me chama 'divina',
se me derramo do céu.

Os hindus tomam banhos rituais
no sagrado rio Ganges.



Nas águas fazem ritos e oferendas
a muitos deuses e deusas.



Na Bíblia, o sopro de Deus
pairava sobre mim.

No batismo dos cristãos,
purifico os pecados.



No grande dilúvio da Bíblia,
a Arca de Noé,
navegando pelos mares,
salvou os bichos da extinção.



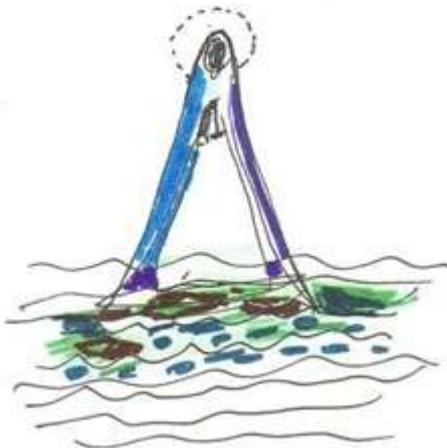
Jesus também fez milagres
caminhando sobre as águas
e transformando-me em vinho.



Terra e água fazem o barro
com que Deus criou Adão.
E depois de pensar bem,
Ele fez Eva também!

Nas águas de Belém do Pará,
pescadores encontraram
Nossa Senhora de Nazaré.
Nossa Senhora Aparecida

e a deusa Kali dos hindus
também vieram das águas.



As escadas do Bonfim,
são lavadas na Bahia,
em rituais de purificação.

Na umbanda e no candomblé,
Oxum é o meu orixá.
As oferendas para Iemanjá,
minhas ondas vão levar.



LIVRO SOBRE A ÁGUA IX

Dando continuidade ao Livro sobre a Água, de autoria de Maurício e Aparecida Andrés, transcrevo o trecho abaixo:

Ao longo de toda a História,
e em todos os cantos da terra,
foram criadas palavras
pelas quais sou conhecida.

Os povos esquimós
das terras geladas do ártico,
usam termos diferentes
para os matizes do branco
dos vários tipos de gelo.

Os povos indígenas,
na exuberância tropical,
ficam dançando e cantando,
para que as chuvas aconteçam.

E inventam outras palavras
para falarem de mim.



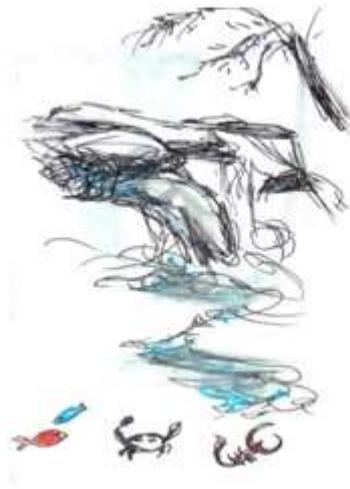
Itororó é bica d'água;
Pitangui, rio das crianças;
Itamaraty, água entre pedras soltas.
Igarapé é caminho das canoas
Igapó é a floresta inundada nas cheias,
Uberaba, água que brilha.
Os índios acham que a vida
é uma teia muito vasta
da qual tudo faz parte:
junto com eles
estão as águas,
as plantas e os animais,
compondo o meio ambiente.
Há quem pense
que eu dou vida
a seres sobrenaturais,
como o caboclo d'água,
o boto tucuxi e as sereias,
a iara ou mãe d'água,
que recebe oferendas
e em troca dá pesca abundante.



Na tradição chinesa,
Represento a suprema virtude,
sou símbolo da sabedoria.
Não há o que me detenha.
Sou yin, princípio feminino
oposto a yang, que é fogo.



Eu ajudo a apagar
os incêndios e queimadas.
Encharco a terra,
umedeco o ar,
purifico os corpos
e também as almas.
Entre os signos do horóscopo,
sou o elemento de Peixes,
de Câncer
e de Escorpião.



Estou presente nas ideias,
nas línguas
e na comunicação,
na cultura e nas artes,
nos sentimentos e ações.

Batizo muitos lugares
com os nomes água
e olho d'água,
rio, riacho, ribeirão,
igarapé ou arroio,
foz, barra, brejo, lagoa,
vargem e várzea,
mangue e praia,
cachoeira, salto ou queda,
cacimba, poço e ilha.



Existe o Arroio dos Patos,
Barra do Piraí,
Entre Rios de Minas,
Lagoa Dourada,
Brejo da Madre de Deus,
Foz do Iguaçu, Praia Grande,
São Gabriel da Cachoeira,
Belágua, Hidrolândia.

Pingo D'Água, Sem-Peixe,
Ilha Grande, Riversul,
Rio de Janeiro...



Nos dicionários de todas as línguas,
no cotidiano de todos os povos,
muitas palavras e expressões
tentam me definir, decifrar.

Acalmar é pôr água na fervura;
desanimar é receber
uma ducha de água fria.

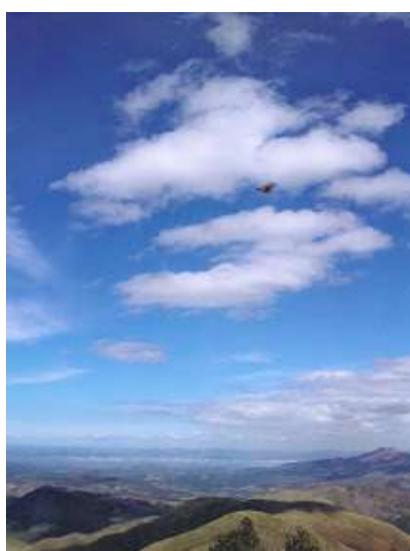
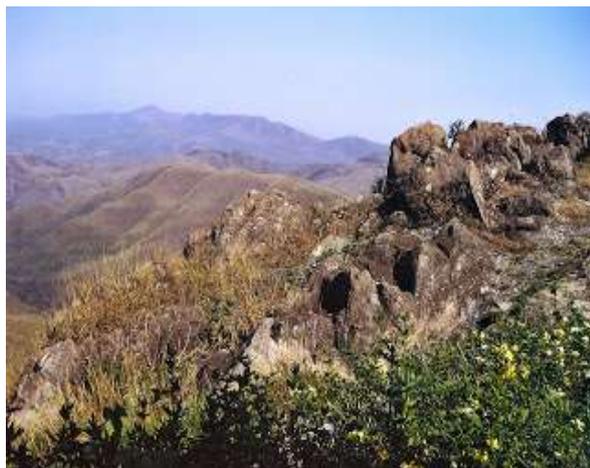


Se gato escaldado tem medo de água fria,
ser um peixe fora d'água
é estar fora de seu ambiente.
Urinar é tirar a água do joelho.
E quando falta muito
para uma situação se resolver,
diz-se que muita água
ainda vai passar debaixo da ponte.

*Ilustrações De Maria Helena Andrés

8 de março de 2020

FOTOGRAFIA, ARTE DO AQUI E AGORA



Fotos: Maria Helena Andrés

A fotografia é, por sua própria natureza, a arte do aqui e agora. Devido à possibilidade de captar o momento presente, ela permite ao fotógrafo uma redescoberta silenciosa do mundo.

O fotógrafo observa o seu meio ambiente, a natureza com suas mutações, o ser humano em seus aspectos contraditórios. Ele percebe os contrastes e semelhanças, capta um momento de poesia, denuncia injustiças, investiga a ciência, projeta-se um momento no espaço. Observação, concentração e atenção total aqui e agora, são disciplinas que possibilitam ao homem a consciência de si mesmo e de seu relacionamento com a natureza e com seus semelhantes. Descobrir primeiro as coisas visíveis e, através delas, enxergar o invisível é forma para se obter a visão clara do universo. Quando permanecemos totalmente atentos, nossa consciência nos dá uma visão mais ampla das coisas e podemos descobrir detalhes que o olho humano apressado e distraído não consegue perceber. Conseguimos enxergar beleza nos objetos aparentemente pobres e nos momentos tidos

como os mais vulgares. Neste estado de atenção, nossa visão intuitiva flui livremente e podemos ter contato mais íntimo com a essência das coisas. A compreensão total nasce desta penetração através da rotina, desta redescoberta do cotidiano.

A arte da fotografia considerada como a captação de um instante permite espontaneamente esta disciplina.

Depois de 2004, em lugar de olhar só para dentro de mim mesma e dali tirar uma paisagem abstrata, comecei a olhar para fora e registrar a paisagem e os lugares que me inspiram.

Nas minhas caminhadas, vivendo o aqui e agora, cheguei à conclusão de que o nosso planeta é lindo, merece ser visto e admirado por todos nós que tivemos o grande privilégio de descer um dia à terra.

6 de novembro de 2010

UMA FOTÓGRAFA AMADORA





Fotos de Maria Helena Andrés

Comprei uma máquina digital no freeshop e me senti a própria fotógrafa. A partir daquele momento me foi desvendada uma nova versão da vida. Paisagens, figuras passaram a fazer parte do meu dia a dia, anotando cenas de viagem, encontro com os netos na Europa, retorno ao Brasil.

A pequena máquina quase não pesava nada, desaparecia dentro da bolsa, tudo dentro dela era pequeno, parecia brinquedo de criança. Passei a ser criança, vendo as coisas como se fossem pela primeira vez. Desvendei a beleza dos céus de Minas, as montanhas que prolongam o horizonte a perder de vista, o pôr do sol, as nuvens desenhando figuras no fundo azul. Descobri a alegria de criar sem nenhum objetivo, apenas curtir o momento.

Já escrevi um dia que a fotografia é a arte do aqui e agora. Se a gente perde o momento, ele se dilui no tempo, não existe mais.

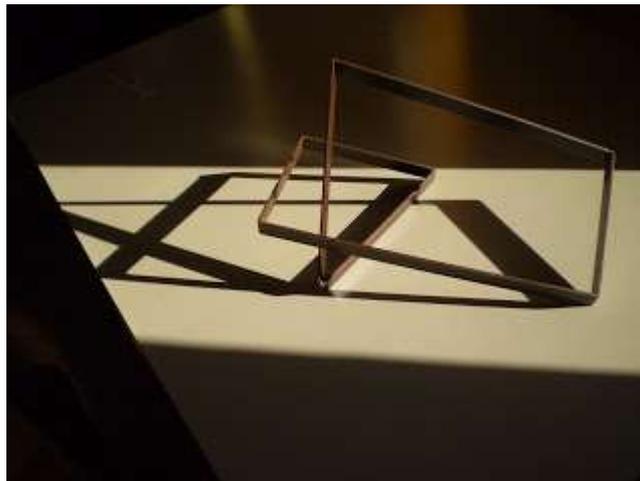
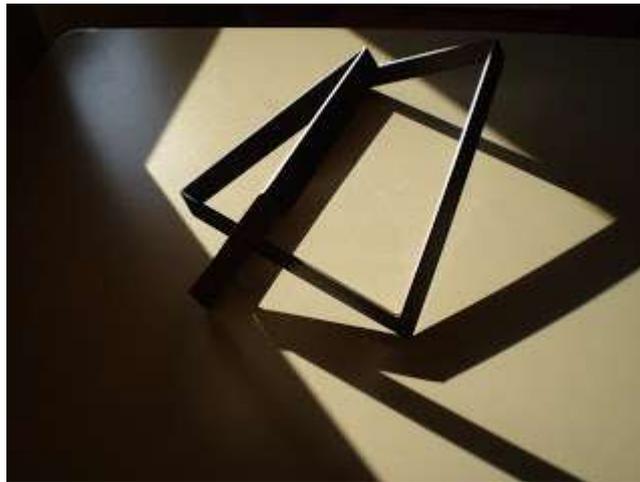
Um dia saí para fazer minha caminhada no Retiro e não levei a máquina. Lá no alto do morro, perto da capela, parei para ver a paisagem. Uma nuvem brilhante atravessava o horizonte como uma enorme flecha no espaço. Era preciso fotografar aquela beleza de nuvem, corri para casa afim de pegar a máquina fotográfica. Quando voltei, a nuvem já tinha ido embora....

Enquanto caminhava de volta para casa, vim refletindo sobre a efemeridade de uma nuvem; ela aparece, mostra sua beleza, depois se transforma e some, não fica posando para fotografias.

27 de junho de 2016

PINTURA E FOTOGRAFIA





Fotos de Maria Helena Andrés

A passagem da pintura para a fotografia de paisagens, do desenho linear para as esculturas tridimensionais, não foram saltos no meu caminho, mas transições naturais, um deslocamento espontâneo de fases anteriores, sem quebrar o ritmo do passado, mas situando-se corajosamente no presente, no aqui e agora.

Arte e vida são companheiras inseparáveis e a minha vida foi mudando da necessidade das grandes viagens, ao cotidiano, a me situar no meu dia a dia, no meu em torno. Agora vejo as montanhas que se estendem a perder de vista da minha janela, o raio de sol que penetra dentro de casa e desenha formas geométricas sobre a mesa.

Parti da necessidade de me expressar com tintas e pinceis, do meu desejo lírico de transmitir em cores, nuances, pinceladas fortes ou esponjadas transparentes, tudo aquilo que eu via fora e correspondia ao que eu sentia naquele momento.

“É preciso ver muitas cidades, e coisas” nos dizia Rilke em cartas a um jovem poeta. Tendo como bandeira essa necessidade interior de viajar, conhecer outros povos, dediquei grande parte da minha vida a pesquisar o mundo, falar outras línguas, criar amizades. Buscava conhecer o todo, para

voltar ao meu país, a minha região montanhosa, à minha casa. Atualmente viajo pela internet, onde tenho dois blogs.

Hoje continuo o meu caminho nas artes, de forma mais intimista. Vejo ao redor de mim as pedras do alto do morro, junto à capela. Elas ali estão há milênios como esculturas naturais em grandes formatos.

Caminho pelas montanhas levando o meu iPad, ou meu celular, e, algumas vezes pedindo emprestado à Marília a sua câmera pequenina, fácil de carregar.

Vou olhando a paisagem e fotografando a incidência da luz solar sobre as curvas sensuais, dos montes, nas diferentes horas do dia. Muitas vezes as nuvens do céu me parecem semelhantes aos meus quadros mais antigos, da minha fase abstrato-lírica. Estou registrando o que vejo, o que sinto e o que me cerca neste meu cotidiano de buscar uma celebração à natureza. A fotografia é uma das minhas formas de expressão. Com ela, me volto também para um registro de minhas esculturas ou mais especificamente os meus projetos de escultura feitos em papeis de cores variadas. Com ajuda do sol que se projeta generosamente pelas frestas das janelas, as esculturas de papel vão tomando características diversas.

Criar é perceber o novo a cada instante e o meu aqui e agora é sempre interessante, registrando a sombra e a luz.

O que é a fotografia senão este registro de sombra e luz?

Através da fotografia aliada aos projetos de escultura, vou experimentando duas formas de arte ao mesmo tempo, pois os projetos estão se tornando modelos para a fotografia. Gosto de fotografá-los em posições diversas, com a ajuda do sol. São formas de arte que refletem o cotidiano de uma pessoa. Dentro de minha sala posso ver formas geométricas nas paredes, projetadas pelo sol através de uma fresta da cortina.

Meu aqui e agora vai se desdobrando como um filme.

Aprendi há muitos anos, com o mestre Guignard a perceber anjos e guerreiros nas nuvens do céu, paisagens surrealistas nas manchas dos muros velhos. Hoje vejo estes anjos e guerreiros nas pedras das montanhas e isto me ressuscita memórias do passado.

A educação do olhar é treinamento essencial para qualquer artista e é através dela que chegamos à fotografia.

A arte de fotografar é perceber o novo a cada instante e este novo não acaba com o tempo, mas se prolonga ao longo dos anos como uma celebração contínua da arte de viver.

17 de abril de 2017

O ETERNO RETORNO



Fotos de Marília Andrés e Ivana Andrés

Transcrevo abaixo o texto escrito pela Maria Antônia, uma das associadas da Asa de Papel, onde fiz a exposição “O Eterno Retorno”.

“Na Asa de Papel Café&Arte, Maria Helena Andrés – artista plástica, escritora, educadora - nos

brindou com sua presença marcante e delicada, abrindo a exposição “O Eterno Retorno”- Colagens, com belos trabalhos de sua autoria. Em suas palavras, a exposição é um resgate do trabalho que fazia nos anos 50, agora sob outra perspectiva. Maria Helena falou de seu processo criativo; respondeu perguntas; enfatizou a importância do desenho na arte; falou sobre arte e espiritualidade, dentre outros assuntos. Concluiu dizendo que “a Vida vai fazendo ciclos de recomeços nos seus vários retornos”.

João Diniz e Marília Andrés fizeram a apresentação de meus trabalhos e eu mesma relatei meu itinerário e processo criativo. Caminhei muito e trabalhei muito.

Nesta mostra, procurei um fio de ligação com o passado, com as descobertas no campo do construtivismo, considerando os artistas mineiros como independentes. Como independente corri o mundo, como independente aqui estou voando na Asa de Papel.

Asa de papel Café&Arte é um lugar onde se reúnem intelectuais, artistas e profissionais liberais da nova geração, a exemplo do Café de Flore em Paris onde se reuniam os intelectuais do pós-guerra com Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Paul Claudel, entre outros. Vou recordando o que vivenciei naquela noite, cercada de pessoas jovens, numa simpática homenagem ao meu longo caminho nas artes.

Na inauguração tive a oportunidade de conhecer de perto Marcelo Xavier, idealizador do espaço e do bloco carnavalesco “Todo Mundo Cabe no Mundo”, que promoveu uma grande inclusão social nos últimos carnavais.

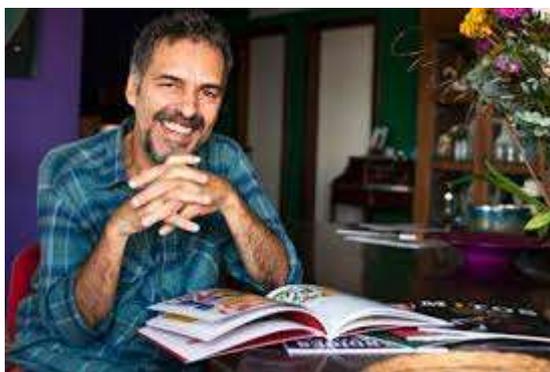
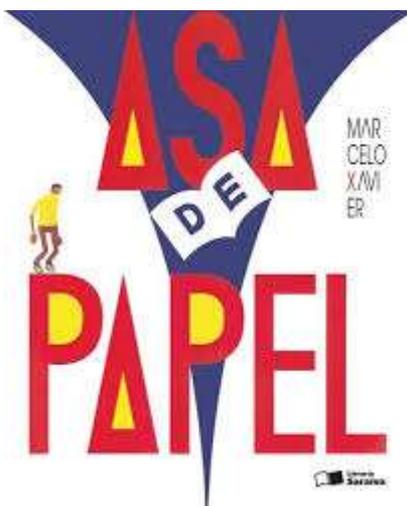
“Recordar é viver”. Estou vivendo agora o que eu vivi na década de 1950, quando desenhava em papéis pequeninos e recortava papéis para colagens. Meus quadros da época já se espalharam pelos museus e colecionadores, mas os desenhos e colagens ficaram guardados em pastas. Hoje eles documentam a minha predileção para os desenhos e colagens em pequenas dimensões.

Na abertura da mostra João Diniz apresentou o vídeo “Color Sonata” que integra a minha pintura à “Sonata ao Luar” de Beethoven e que está sendo muito apreciado. Este vídeo está disponibilizado no YouTube e pode ser visto no site do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA):

www.imha.org.br

13 de março de 2017

ESCAMBOS



*Fotos da internet

Quando nos desligamos dos incentivos, ganhamos outras dimensões.

Os artistas de Minas Gerais afastados dos grandes centros por cadeias de montanhas estão sobrevivendo quase heroicamente. Formam uma resistência que começou há séculos e continua viva até os dias de hoje.

Estamos isolados, mas em compensação, temos o silêncio necessário à criação. Participar de

tudo à distância, enxergar o mundo e permanecer ao mesmo tempo no recolhimento de si mesmo, é uma dádiva de Deus.

Estou presente no aqui e agora, estou presente no mundo sem me atordoar com os ruídos ensurdecedores de “muitas cidades, homens e coisas”, como dizia Rainer Maria Rilke em seu livro “Cartas a um jovem poeta”. É preciso conhecer as cidades, o mundo lá fora, mas também perceber “o voo dos pássaros e o gesto das flores que se abrem nas madrugadas”

Enquanto escrevo, vou lembrando o livro que foi para mim fundamental, “Cartas a um jovem poeta”.

À proporção que o tempo vai passando, vou compreendendo melhor as palavras de Rilke.

Coloquei este texto no meu primeiro livro “Vivência e Arte” e, não sei por que, ele está me surgindo no momento.

Enquanto escrevo vou observando o meu entorno, as flores que caíram de uma árvore em frente à minha casa.

“Pise a grama”, nos diz Roberto, meu neto. Estou pisando a grama e refletindo. Pisar a grama é necessário para qualquer um – descarrega emoções negativas e nos possibilita um contato direto com a Mãe Terra. Sim, somos filhos da Terra, mas muitas vezes procuramos o asfalto.

Voltar para a Terra é importante, ela nos reabastece, nos alimenta.

Estar na cidade constantemente é um sufoco. Enquanto escrevo, conservo um jornal no banco ao meu lado. Ele me traz notícias do mundo e eu pertenço ao mundo também, faço parte dele, sou parte integrante de uma sociedade que está sofrendo muito.

Nunca esquecer disso.

Leio as notícias dos artistas reclamando dos políticos, da falta de apoio à cultura, da necessidade de deixar Minas Gerais e ir para São Paulo ou Rio.

Aqui em Belo Horizonte os artistas plásticos continuam vivos. São muitos...

Continuam trabalhando em silêncio porque gostam deste silêncio. Não têm marqueteiros nem compradores, não pertencem a grupos. Reúnem-se nalgum lugar para trocar ideias. Encontrei esse lugar no bairro de Santa Efigênia, BH. Chama-se “Asa de papel”. Ali um coletivo de artistas, intelectuais e profissionais liberais promove encontros, palestras, bate-papos com outros artistas. Trocam-se ideias, trocam-se quadros, cerâmicas, esculturas, livros.

Durante o encerramento da minha exposição, saí muito realizada. Meus quadros valeram trocas fabulosas. Agora posso ter em casa um quadro de Jayme Reis, uma escultura de Jorge dos Anjos, uma cerâmica de Erli Fantini. Troquei o que tinha na hora para trocar, até por alguns vídeos de Guignard feitos por Izabel Lacerda.

Sempre fui a favor dos escambos entre artistas. Estamos revivendo os antigos incas que iam para as praças aos domingos levando o produto da semana para ser trocado por outros produtos. O dinheiro não corria e nesta época de crise, os incas estão nos ensinando.

A resistência francesa teve na época da guerra seu ponto de encontro no Café de Flore em Paris, onde se reuniam os intelectuais Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Paul Claudel entre outros. A “Asa de Papel” está reunindo a resistência de Minas Gerais, a possibilidade de se criar sem necessidade de se aliar às grandes empresas.

Microempresa é incentivo ao pequeno que algum dia será exemplo para a grande comunidade do século XXI.

Não é preciso abandonar as montanhas em busca de apoio e incentivo. Apoio e incentivo temos aqui, na iniciativa desses jovens construtores de uma nova versão da vida e da arte.

1 de maio de 2017

LEMBRANÇAS DA ESCOLA GUIGNARD





Fotos da internet

Eu era vice-diretora da Escola Guignard, Pierre Santos era o diretor.

A Escola, situada no Parque Municipal de Belo Horizonte, sob o Palácio das Artes em

construção, não vivia momentos de prosperidade econômica. Quando chovia, as salas se alagavam. Passamos, naquela época, por momentos difíceis, mas sempre com a chama do entusiasmo nos conduzindo. Entusiasmo, significa “Deus dentro” e, realmente, éramos conduzidos por energias superiores.

Um dia, Pierre convocou os professores para anunciar que a Escola acabaria por falta completa de recursos. Entregou-me a diretoria com a finalidade de resolver o problema. Levei o maior susto, mas não perdi o entusiasmo.

Convoquei novamente os professores para uma tomada de consciência.

- “Vamos em frente!”

Foi quando eu me lembrei dos ex-alunos de Guignard. Fui à casa de cada um deles para pedir ajuda. Expliquei o que estava acontecendo.

- “Vocês vão nos ajudar a manter a Escola de pé!”

- “Quem estaria disposto a dar aulas gratuitas, sem receber nada?”

A turma foi de uma solidariedade muito rápida, imediata.

- “Estamos prontos para colaborar”.

Sara Ávila, Solange Botelho, Ione Fonseca, Wilde Lacerda, Lizete Meimberg, entre outros se prontificaram a dar aulas gratuitas para salvar a Escola.

Foi assim que os artistas ganharam a solidariedade de seus colegas e professores de arte.

Em seguida, reunindo a equipe de professores, fomos aos políticos para oficializar a Escola. Recorremos ao Dr. José Guimarães Alves, diretor da Imprensa Oficial, que imediatamente nos prometeu ajuda. Ele nos sugeriu anexar a escola à Imprensa Oficial e, por algum tempo, Dr. Guimarães foi o nosso diretor.

Esses acontecimentos foram fundamentais para o ressurgimento de uma Escola, que era considerada, desde a sua fundação, como a melhor Escola de Arte do Brasil, tendo à frente um dos maiores pintores brasileiros.

Alberto da Veiga Guignard!

27 de setembro de 2020

PROFESSORA EMÉRITA DA ESCOLA GUIGNARD







No dia 19 de abril de 2017 recebi o título de professora Emérita da Escola Guignard em solenidade no Auditório da Escola. Emocionante sentir o carinho com que fui recebida, o entusiasmo e alegria de seu jovem diretor Adriano Gomide. A vice-diretora Lorena me entregou um buquê de flores, previamente composto tendo como referência um quadro de Guignard.

Eu olhava para aquelas flores, de cores variadas, com um girassol à frente, exatamente como a tela do mestre e me lembrava da alegria e espontaneidade de Guignard, transmitindo a seus alunos o seu entusiasmo pela arte. O importante não era seguir o mestre copiando suas telas, mas com o seu incentivo, descobrir o próprio caminho. Desvendar a beleza dos céus de Minas, descobrir anjos e guerreiros nas nuvens, observar os muros velhos, as pedras, as sombras que desenham novas formas. Sob sua orientação pude me libertar de minha formação acadêmica, para me abrir para um itinerário próprio, mais condizente com o meu temperamento.

Recebi a homenagem pelos serviços prestados à cultura de Minas Gerais, assim estava escrito no diploma. Ladeada pelo representante do reitor da Universidade de Minas e do diretor da Escola, tendo também ao meu lado minha filha Marília Andrés, presidente do IMHA (Instituto Maria Helena Andrés), participei da entrega solene do diploma.

O momento mais emocionante aconteceu quando cantamos de pé o Hino Nacional, pois senti que o hino é uma forma de unir todos numa só vibração.

Em seguida Adriano Gomide subiu até um pequeno púlpito destinado aos congressistas e disse palavras que merecem toda a minha gratidão.

Era necessário que eu também falasse, e pronunciei ali um improviso, lembrando a criação da escola, considerada a vanguarda mineira da época, e o título dado à Guignard pelos intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, como o melhor professor de arte do Brasil. Os fatos do passado nos conduzem a um início que merece ser lembrado.

“Guignard reviveu de maneira quase única o antigo mestre, figura desaparecida nos tempos modernos. Atualmente, o ensino se distribui em diversas cátedras, com horários marcados e contato reduzido do professor com os alunos. Anteriormente às academias de Belas Artes, o mestre - fosse ele filósofo ou artesão - trabalhava lado a lado com seus aprendizes e a eles se misturava, sem preocupação de superioridade, desejando apenas transmitir experiências. Assim foi Guignard, o mestre moderno, que ensinava uma arte de vanguarda, não ditava leis, mas fazia o aluno descobrir o equilíbrio e a proporção no próprio trabalho, sem demonstrações dogmáticas (...) Mais do que ninguém, Guignard conseguia vislumbrar a coisa nova, a individualidade que se revela na variedade de temperamentos humanos, agora estudados com grande interesse à luz da psicologia moderna. Observações feitas à margem de um catálogo, referindo-se às tendências de cada aluno em particular, revelam esse senso profundo para descobrir vocações e conhecer temperamentos.”
(Trecho do meu livro “Os Caminhos da Arte”, Editora COM/ ARTE, 2015)

A Escola passou por momentos de grande pobreza, mas a chama do entusiasmo continuou através das gerações. Agora temos um prédio maravilhoso no alto das Mangabeiras, com vista para a cidade de Belo Horizonte.

Lembrei a generosidade de Priscila Freire doando seu sítio na Pampulha para ser acrescentado ao patrimônio da Escola.

No momento a escola que pertence à UEMG (Universidade estadual de Minas Gerais) abriga 500 alunos e esperamos que a criatividade do mestre Guignard seja um ponto luminoso que nunca será esquecido.

Em seguida ao meu discurso, textos do meu livro “Os Caminhos da Arte” referentes ao mestre Guignard, foram lidos por Ivana Andrés.

Houve um pronunciamento sobre arte na educação feito pelo representante do reitor e para terminar, uma apresentação de música pelos flautistas Artur e Alexandre Andrés.

Escutar com atenção os flautistas interpretando uma página de Schultze, foi realmente um final maravilhoso para a solenidade.

25 de abril de 2017

HOMENAGEM AOS 70 ANOS DA ESCOLA GUIGNARD



Fotos: Estúdio Walmir Gois

A Escola Guignard foi construída junto à serra do Curral e tem uma bela vista para a cidade. Lá embaixo, as luzes de Belo Horizonte vão nos mostrando os caminhos do passado. Recordo a Escola no parque municipal, no porão do Palácio das Artes, ainda em construção. Para chegar até a sala de aula, tínhamos de passar por tábuas e pedras.

Hoje a Escola está reconhecida oficialmente, tornou-se uma universidade. Fui convidada para ali mostrar meus desenhos e esculturas. Houve uma seleção de meus quadros. Para a curadoria da exposição participaram Marília Andrés, Cláudia Renault, Carlos Wolney e Ana Cristina Brandão, diretora da escola. Foram até o meu ateliê no Retiro das Pedras e ali mesmo escolheram as obras a serem expostas. A disposição dos quadros conduz o espectador a uma viagem no tempo, desde a década de 50, sempre o desenho acenando mudanças. Ele registra os caminhos da vida, desde os trabalhos em carvão, sinalizando as viagens feitas pelos veleiros, até a passagem dramática pela fase de guerra denunciando a violência. O desenho continua seu percurso, abre espaço para novas direções. Foi através do desenho, tridimensionado no computador, que iniciei meu caminho na

escultura. O caminho do desenho foi longo e demorado e ainda continua abrindo espaço para o futuro.

Transcrevo abaixo o texto de Carlos Wolney e Ana Cristina Brandão:

“Nas comemorações dos 70 anos da Escola Guignard – UEMG, apresentamos essa importante exposição da artista Maria Helena Andrés, que foi professora e diretora da escola nos anos 60. A exposição é um recorte de sua ampla e consolidada produção.

A gestualidade firme da artista imprime movimentos fluidos e leves que revelam em uma composição de equilíbrio, o domínio da forma e do espaço e transmite uma consciência espacial constante em suas imagens.

Maria Helena Andrés, em suas viagens pelo mundo, com um olhar sensível e firme, em especial para a Índia, encontrou motivação nas impactantes paisagens, que a levaram a uma nova tomada de consciência.

A observação e sutil percepção dos signos, símbolos, cores, cheiros e formas do peculiar universo indiano, com certeza, marcaram significativamente o processo de criação da artista, verificado nas pinturas, desenhos e esculturas.

A visível delicadeza e força intelectual de Maria Helena nos leva para o universo pessoal da artista, repleto de sabedoria, registrada em suas publicações.

Maria Helena exerce liberdade e disciplina, apreendidas nas aulas do Mestre Guignard.

Admirável vê-la, hoje na Escola Guignard, com uma vitalidade que estimula artistas e futuros artistas no prazer do fazer e no sabor de saber.”

24 de setembro de 2015

ESCOLA GUIGNARD, UM PONTO DE MUTAÇÃO





*Fotos de Marília Andrés e da internet

Recebi um convite da Escola Guignard para participar de uma homenagem que os alunos queriam prestar aos seus professores, nesta data em que se comemora o aniversário da fundação da escola.

Chovia fino quando desci da minha casa no Condomínio Retiro das Pedras, para participar da homenagem. O encontro seria no Teatro Francisco Nunes em Belo Horizonte. Quando cheguei todos estavam reunidos para dar início à homenagem. Muita gente, professores e alunos, muita descontração e alegria.

Pensei comigo mesma: “o importante é estar presente, interagir com os jovens.”

Chamaram-me para gravar um vídeo. Olhei em frente, para a paisagem exuberante do Parque Municipal de Belo Horizonte, lugar escolhido por Guignard para administrar o seu curso de arte.

Não preparei o que teria a dizer, mas uma árvore frondosa, exuberante, me chamou a atenção. Lembrei também do quadro de Guignard, mostrando um caminho no Parque, que ganhei por ocasião do meu casamento e que sempre me fez lembrar da arte como um caminho.

“Toda árvore boa dá bons frutos”, foi a mensagem inicial da minha entrevista. “A Escola Guignard é como esta árvore frondosa, a semente aqui foi plantada há mais de 70 anos atrás, semente que cresceu, amadureceu e que sempre deu frutos. Somos todos parte desta árvore da

arte. Hoje aqui estamos, devido à dedicação de um mestre qualificado, talentoso, um mestre que iluminou o caminho de seus alunos, partindo da própria luz de cada um.”

Guignard percebia a individualidade do aluno e respeitava sua tendência natural. Não impunha regras e conceitos pré-estabelecidos.

Foi debaixo destas árvores, caminhando por estes caminhos, que aprendemos a desenhar e a pintar, trazendo à tona aquilo que já existia dentro de nós. Lembro-me bem da alegria do mestre quando ele descobria no aluno alguma possibilidade nova.

“Coisa nova!”, dizia ele entusiasmado. “Siga esta direção...”

Ele nos estimulava a imaginação e despertava a nossa criatividade dizendo:

“Olhem as nuvens no céu, as manchas nos muros velhos, os círculos que se formam na água quando ali jogamos uma pedra.”

Linguagem direta, sem fórmulas vindas de fora.

Depois da partida de Guignard, ficamos no Parque Municipal por alguns anos, na maior pobreza, mas sendo conduzidos por uma energia que não se abatia diante das dificuldades.

O Parque Municipal de Belo Horizonte foi testemunho da nossa batalha para sobreviver.

Esta é a mensagem que posso passar para vocês, dos primeiros anos de nossa escola.

Que os ensinamentos de Guignard se prolonguem no tempo como a grande bandeira do entusiasmo e da liberdade de expressão, é o que desejamos a todos.

Ele continuará sempre sendo um ponto de mutação para aqueles que desejarem se desenvolver na arte e na vida.

VOLTA ÀS AULAS NA ESCOLA GUIGNARD





*Fotos da internet

A Escola Guignard significou muito para mim, desde o seu início, em 1944. Guignard nos fez ver um ensino de arte inovador, onde o despertar do novo prevalecia sobre a cópia dos métodos antigos.

No momento, é bom recordar o que ele nos trouxe e o que podemos fazer para dar continuidade à escolha que fizemos. Seguir Guignard não é copiar seu estilo, mas compreender que a arte, sob todos os seus aspectos, é o que vai nos sustentar na caminhada pela vida.

Somos todos viajantes neste mundo, levando conosco a bandeira da criação. Aprendemos muito sobre arte e vida nesta Escola de arte.

- “Por que escolhemos estudar e seguir o caminho das artes?”

O caminho das artes é um caminho muito rico, porque nos faz mais felizes. O importante é começar a perceber que ele nos permite crescer como seres humanos. Arte é trabalho e este trabalho é vida.

Nesses dias de quarentena, quando nos sentimos confinados dentro de casa, percebemos com mais clareza o quanto podemos transpor obstáculos, nos dedicando a um trabalho escolhido por nós, como vocação insubstituível. Nossa vida pode se tornar uma arte na poética do cotidiano.

Guignard nos levava à contemplação da natureza, em suas caminhadas pelo parque municipal. Ele nos incentivava à observação das texturas dos troncos de árvores, das diferentes tonalidades de verde, dos céus de Minas com um azul metálico, dos muros velhos. Era necessário observar para depois desenhar ou pintar. O parque, naquela ocasião, foi motivo de muito aprendizado. Aprendi com Guignard a valorizar o cotidiano, desenhando objetos de uso diário, que também, silenciosamente, nos ensinam. Ele nos ensinava a observar e desenhar, desenhar muito, com lápis duro, 6H, para depois rabiscar rapidamente, em linha contínua os objetos, pessoas e paisagens. Essa linha contínua me acompanha até os dias de hoje e já me permitiu transformá-la em esculturas de aço ou simplesmente desenhos em bico de pena. Desenhar é fundamental, é dali que partimos para maiores dimensões.

Agora, no século XXI e, as vésperas do ano 2021, procurei me informar sobre as atividades da Escola e me chamou à atenção o interesse dos alunos sobre o sorteio de dois livros e um DVD sobre o ensino de arte no Brasil: Augusto Rodrigues e Helena Antipoff, grandes arte-educadores.

Vivemos a época das *lives*, dos *zooks*, dos encontros virtuais. O encontro com as novas mídias é anunciado nos salões e nas plataformas virtuais da Escola. Vale lembrar a atuação da professora Sonia Laboriau, coordenadora do *Grupo de estudos e produção de arte GEA*, o projeto de professores pesquisadores da Escola e a exposição virtual *Entre o isolamento e o contato*, coordenada por Celina Lage, que resultou num livro de artista *on line*.

Gostaria, no momento, de aprender com vocês, jovens professores alinhados às novas mídias. Sou muito interessada no aprender e acho que esse interesse constitui um estímulo para o viver.

Deixo o meu incentivo para vocês, alunos e professores da Escola para continuar nessa direção, com muita alegria e sucesso na caminhada pela vida.

Um abraço para todos e um agradecimento especial para a Lorena D'Arc, diretora da Escola, pelo seu convite.

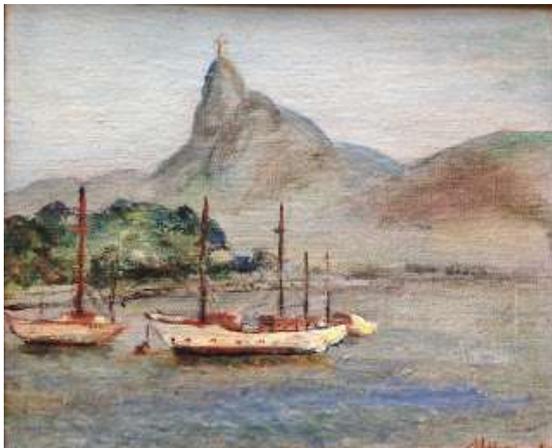
Maria Helena Andrés

PARA ASSISTIR À AULA INAUGURAL:

<https://youtu.be/8yGutNWWrrU>

8 de novembro de 2020

UMA PEQUENA HISTÓRIA DE VIDA E ARTE I



Fotos de Maurício Andrés Ribeiro

Estou descansando na casa do meu filho Maurício, em Brasília, revisitando o meu itinerário artístico. A minha primeira fase ali está, distribuída nas paredes da sala. Vejo em minha frente o primeiro barco, pintado em 1944, há 80 anos atrás!

Os anos foram passando, mas os temas dos meus quadros se repetem, se transformam, retratam uma época feliz, as paisagens do mar, da cidade e da zona rural, uma constante em meu itinerário.

O barco simboliza viagens e eu, desde aquele tempo, já antecipava minhas viagens. Muitos quadros dessa primeira fase ficaram na fazenda da Barrinha, onde tive um atelier rural na década de 60. Me lembro do dia em que meu cunhado Camil Caram veio me entregar este pequeno barco. “Este quadro é histórico, deve ficar com um dos seus filhos”. Realmente, ele está muito bem

guardado com Maurício e Aparecida. Bem guardado e bem situado.

Logo em seguida vou percorrendo nas minhas lembranças outro quadro, pintado na mesma época. É uma lembrança do meu quarto de solteira. Da minha janela eu registrei nesse quadro a paisagem que eu via em minha frente, a cidade de Belo Horizonte em 1944. Naquela época não existiam prédios altos em BH. Vejo no quadro um pedaço do Colégio Sagrado Coração de Jesus, telhados e mais telhados, o Colégio Padre Machado, muitas árvores e o céu de Minas se estendendo sobre as casas. Eu pintava paisagens e marinhas, depois voltava para o atelier da Escola no parque para pintar a nossa sala de aula com os alunos e alunas trabalhando. Guignard tinha uma assistente, Edith Bhering e eu consegui retratá-la atrás de uma aluna, corrigindo um quadro. Um voo pelo passado me reconduz ao tempo em que eu frequentava a escola e estava me libertando do academismo, para abraçar o modernismo.

Eu estudava na Escola Guignard quando conheci meu marido Luiz Andrés. Ele gostava de arte, antes de me conhecer conheceu meus quadros numa exposição. Naquela exposição, Luiz estava em companhia de seu amigo, o professor de filosofia, padre Orlando Vilela que naquela ocasião escrevia sobre arte. Seu livro, “Realidade e Símbolo”, baseado nas ideias de Jacques Maritain era o meu livro de cabeceira da época, bem como “Cartas a um jovem poeta” de Rainer Maria Rilke.

Quando nos conhecemos, estudávamos juntos a filosofia de Maritain, assim como os poemas de Rabindranath Tagore, Paul Claudel e Murilo Mendes. Desde essa época, acompanhada por Luiz e sua irmã, Lourdes Resende, comecei a refletir sobre Arte e Espiritualidade. Dali nasceram os primeiros capítulos do meu livro “Vivência e Arte”, editado pela Agir em 1966. Naquela ocasião, eu participava de um grupo de jovens católicos chamado “Grupo da Vigília”, onde me convidaram para fazer palestras sobre Arte e Espiritualidade.

Depois de casada passei a frequentar a fazenda do meu sogro, perto de Entre Rios de Minas. Paisagens do interior, com festas juninas, casamento na roça e vários motivos rurais vieram povoar o meu imaginário de artista.

A alegria e a descontração de uma festa junina serviram de inspiração para outro quadro, que estou vendo na mesma sala.

Guignard gostava de festas juninas, balões voando pelo céu. A minha festa junina é um registro de festas populares muito comuns no interior.

As crianças me acompanhavam enquanto eu pintava e algumas vezes eram incluídas nos meus quadros. Gostavam de brincar no fundo do quintal com as galinhas e os cachorros da fazenda.

5 de junho de 2017

UMA PEQUENA HISTÓRIA DE VIDA E ARTE II





*Fotos de Maurício Andrés Ribeiro

Dando continuidade a esta pequena história, revejo quadros da minha trajetória artística expostos nas paredes da casa do Maurício.

Em um dos quartos há uma “Via Sacra”, que foi um projeto para a ermida da Serra da Piedade; em outro um quadro da minha fase de astronautas.

Representando a fase construtivista, vejo nas paredes da sala uma das minhas “Cidades Iluminadas”, pintado em 1955 e que já correu Salões no Rio de Janeiro e Bienais em São Paulo. Essa fase é atualmente muito solicitada, procurada por colecionadores e marchands.

Olhando para outro quadro, lembro-me da minha fase de astronautas, exposta no Rio de Janeiro em 1969, no mesmo dia em que o Homem pisava pela primeira vez na Lua. Fui procurada naquela ocasião por diversos jornalistas que indagavam como eu poderia ter pintado paisagens lunares muito antes delas aparecerem na televisão. Vejo nesse quadro um foguete sendo lançado e uma nave espacial cheia de habitantes, em busca de outras “Terras”. Eu ouvia naquela época, incessantemente, as músicas de Frank Sinatra. Um dia cansei de tanto repetir o esmo LP e decidi colocar Frank Sinatra dentro de uma nave espacial para cantar em outros planetas...

Na sala há também um quadro da minha fase de “Mandalas”, todo em rosa. Os meus quadros de Mandalas foram feitas para finalizar todas as fases. Mandala sempre representa um círculo em que todas as faces são iguais. É um símbolo de integração, e eu, naquela época, estava integrando todas as minhas fases, para começar a pintar em grandes espaços. Os painéis surgiram exatamente depois das Mandalas. Mandala é um símbolo cósmico muito usado pelos orientais em suas meditações. Os cristãos também adotam a forma circular, nos vitrais de Chartres, Notre Dame e vários outros.

Há também na sala desta casa um desenho grande representando um veleiro. Minha fase de “Barcos” durou muitos anos e me incentivou a realizar minhas viagens pelo mundo. Meus desenhos gestuais nasceram daquele gesto espontâneo, feito sem nenhuma premeditação. Foram uma consequência dos meus primeiros “veleiros”, desenhados sobre papel veludo, com a quina do carvão para obter transparências. Muitas vezes, em minhas viagens, foram desenhados em cima do meu próprio colchão de dormir ou sobre o tapete do meu quarto de hotel. Fiz uma série deles nos EUA e continuei essa série no Brasil, substituindo o carvão pela esponja de pedreiro ou pelo escovão da faxineira.

O meu passado foi muito prazeroso, eu sempre gostei de pintar.

Pintei a vida toda, até que a tinta passou a me perturbar.

Hoje faço colagens, não uso mais tinta. Não preciso de fazer esforço para pintar grandes espaços, reduzi o tamanho dos quadros, não uso tintas e pincéis, só a tesoura e a cola. Matisse também, depois de certa idade, passou a fazer colagens. O importante é estar sempre ocupada, sempre produzindo algo novo, ao sabor do momento. Foram vários momentos variados como a vida, seguindo o próprio caminho, registrando histórias. Cada quadro guarda uma memória diferente e agora, aos 94 anos, consigo me lembrar do que eu sentia na ocasião em que pintava cada quadro.

São experiências, registros da minha passagem pelo Planeta, em busca de um caminho.

Arte e Vida andam juntas, sempre andaram, não é necessário fazer performances demonstrando que a arte e a vida são uma coisa só, é impossível separá-las. Minha vida de artista

está registrada na arte, nas paredes e nos muros, nas tapeçarias.

Em 2000 houve um ponto de mutação na minha arte, que saiu das paredes buscando uma terceira via, a via tridimensional. Saíram para o 3D com ajuda do computador. Hoje ganham formas arredondadas, projetadas no papel em tiras coloridas.

O importante é seguir o próprio caminho. Vou seguindo o meu itinerário até que Deus me chame para outra dimensão. A arte é uma das maiores formas de sentirmos felicidade aqui na Terra. Registrando sentimentos vamos seguindo pela vida. Até quando? Não sei.

12 de junho de 2017

ESCUTAR O CORPO







*Fotos de arquivo

Dizem que a casa
É o corpo
Outros falam
Que o corpo é a casa.

Eu simplesmente
Paro
E escuto a voz do meu corpo.

Ele fala de mansinho
Ninguém escuta

Mas eu sinto.

Escuto e sinto

O desconforto

De uma tinta

Mesmo antialérgica.

Já mudei do óleo

Para o acrílico

Cortei a cor

Cortei o gesto agressivo

Movido pela emoção

De sentir coisas

Erradas acontecendo.

Ou o gesto vagaroso

Sensual ou sensível

De madrugadas coloridas

De violeta.

Das flores se abrindo

Dos poentes vermelhos,

Laranjas, rosas, verde bem

Claro, azul, violeta, amarelos

Cidades imaginárias

Castelos nas nuvens.

O corpo sente, se emociona

E chora

Ao ouvir a música do

Filho e do neto

A flauta chega aos

Ouvidos

Chega aos olhos

Chega às mãos
A tinta entra pelas
Unhas, entra no corpo

O amarelo cádmio
Azul de cobalto
Cores venenosas
Meu corpo sentiu.

Parei de usar cores
Entrei na dieta do
Preto e branco.
Que era mais fácil
Mais direta.
A emoção chegava
Diretamente vinda do
Pincel ou da esponja.

Esponja de pedreiro
Escovão de faxineira.

Pincéis?
“No more”.

Apenas o preto e o
Branco.
Lembrei-me da minha
Fase de papel veludo
Sempre pintada nas
Viagens pela América.
Fizeram tanto sucesso!
Acabaram com o tempo.

Agora ressurgiram de outra forma.

Pintar com esponjas

É mais direto, mas a

Tinta entra pelos dedos.

Meus dedos doem

Meu corpo doe.

“O corpo fala”, dizia

Pierre Weil.

Sim, o corpo fala

Já doe nas costas,

Os dedos sentem.

Parar de pintar?

Não.

Parar de usar tintas

Que poluem.

Voltar aos tempos do

Desenho em nanquim

Nos pequenos cartões.

Vou me distraíndo

E o tempo vai passando.

Vou desenhando sem parar

Tudo pequeno.

Distribuo os desenhos

Não vendi nenhum!

Volto aos tempos em que eu desenhava

Sem parar

Seguindo simplesmente

O desejo de criar.

De repente percebo que as

Mãos doem, as costas também.

Vou ter que parar?

Nunca.
Vou fazer outras coisas
Com as mãos
Pobres mãos...
Não podem ficar à toa.
Contemplo as montanhas
Olho a paisagem.
É a minha forma de meditar, ver, observar, sentir.
Ensinamentos de Guignard e Krishnamurti
Depois volto ao trabalho.
Só uso papel
Sinto falta das cores.
Uso papel colorido
Deixei os pincéis, as esponjas
As tintas.
Agora é a tesoura e o
Papel.
Recorto e colo,
Vou produzindo, quando
Canso, descanso.
Assim é a vida.
Sentir o corpo
Ele fala conosco.
“Body talk”.
Não é que dá certo?
O corpo fala, adivinha
Alerta. Escuto a voz do
Corpo, é sempre a direção
Mais certa.

As mudanças não
Importam, acontecem
A vida é uma

Constante mudança.

Vou seguindo a voz

Do corpo.

Escuto o que ele me fala.

12 de novembro de 2018

PRÊMIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE (ABCA) 2016





*Fotos de Marília Andrés, Manuel Rolim Andrés, Eliana Andrés e do arquivo da ABCA

Recebi esta carta da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), convidando para a cerimônia de entrega dos prêmios aos artistas, críticos e curadores que se destacaram em 2016.

Transcrevo abaixo a carta que me enviaram.

Cara Maria Helena Andrés,

Foi com muita tristeza que recebemos a notícia de que não poderás ir a cerimônia de entrega do prêmio Destaques ABCA, receber o troféu que te corresponde. Seria uma oportunidade de que muita gente do Brasil conhecesse pessoalmente esta artista de 94 anos, tão ativa e produtiva, um modelo para todos nós.

Não te respondi antes, pois estive muito atrapalhada com mil coisas de uma exposição seminário e livro de comemorações dos 25 anos do PPG Artes Visuais da UFRGS.

Um grande abraço

Maria Amélia Bulhões.

Como não foi possível comparecer, enviei para ela a carta abaixo.

Prezada Maria Amélia,

Sua carta, muito afetuosa, me comoveu profundamente. A minha presença em São Paulo durante a homenagem seria para mim um motivo de glória. Ali eu poderia encontrar amigos,

conhecer pessoas brilhantes que também estarão recebendo esta importante premiação.

Estarei ausente, mas, muito perto de vocês neste momento. Devido a minha idade, muitas vezes não posso estar presente às comemorações, mas tenho certeza de que minha filha Marília me representará e ao Instituto Maria Helena Andrés, da qual é presidente.

Agradeço de coração a todos aqueles que me julgaram merecedora deste prêmio e gostaria de recebê-los aqui em Belo Horizonte a fim de trocarmos ideias sobre arte. Meu Instituto está localizado em Brumadinho muito próximo a Inhotim.

Lembro-me das mudanças ocorridas no Brasil com o impacto da Primeira Bienal de São Paulo. Formávamos em Belo Horizonte um grupo independente de artistas ligado a São Paulo e constituímos a vanguarda das artes em Minas.

Apreendi muito com as grandes mostras internacionais e a possibilidade de visualizar de perto exposições retrospectivas de Picasso, Klee, Kandinsky, Mondrian, Braque, Matisse e muitos outros. Todas elas constituem o meu acervo de memórias e vivências inesquecíveis.

Meus amigos daquela época, que buscavam uma nova linguagem nas artes do Brasil, já não estão aqui. Lembro-me dos encontros promovidos por Milton da Costa e Maria Leontina. Devo a eles incentivo e apoio às mudanças direcionadas para a arte construtiva. O grupo de Minas, herdeiro do mestre Guignard, buscava uma linguagem nova, na ruptura do figurativo para o abstrato.

Para uma artista residente nas montanhas, afastada geograficamente do eixo Rio/São Paulo, a possibilidade de percorrer as grandes mostras da Bienal e participar das palestras de Mario Pedrosa, Lourival Gomes Machado e vários outros críticos e pensadores, foi fundamental e gratificante. Eu sempre voltava para Minas muito enriquecida e isto promovia mudanças na minha arte.

Aos conhecimentos aprendidos eu incorporava o fazer artístico paciente e ininterrupto. Registrava, em folhas de papel e em cadernos hoje amarelecidos pelo tempo, o meu itinerário de artista. Até hoje eles existem e já se transformaram em esculturas e colagens, recordando a fase construtiva.

Todas essas anotações estão sendo registradas num filme organizado pelo Instituto Maria Helena Andrés em parceria com a UFMG. Este filme é um relato da minha trajetória e convido a todos para assisti-lo em breve.

Também estendo meu abraço afetuoso a todos que estão recebendo homenagens e prêmios nessa grande celebração.

Abraços,

Maria Helena Andrés.

10 de junho de 2017

CARTA À MINHA FILHA MARÍLIA



*Fotos de arquivo

Hoje, abrindo as páginas do livro azul, onde tem uma síntese de meus trabalhos, deparei com aquela pintura Menina com papagaio que eu fiz quando você tinha dois anos. Todo um acervo de memórias me veio como um filme e este quadro marcou um grande salto na minha vida de artista.

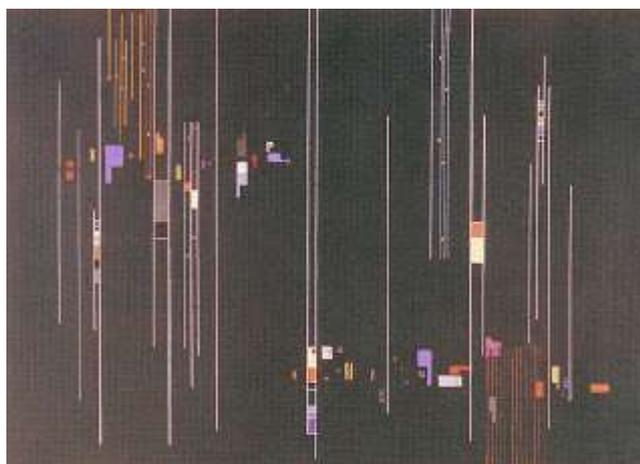
Lembro-me perfeitamente. Nós morávamos na Rua Santa Rita Durão e eu, como aluna de Guignard, pintava flores, paisagens e quadros de crianças. Minha vida familiar começava com as crianças chegando e enfeitando a casa. Hoje, os bisnetos me dão muita alegria.

Mas, voltando ao quadro, lembro que ele me deu um prêmio muito importante e valioso. Anunciaram no jornal um grande prêmio para mineiros residentes em Minas. Pensei comigo: mineiros residentes e resistentes, porque pintar em Minas não possibilitava grandes premiações nacionais. Mas o prêmio era para artista mineiro residente. Por que não? Segurei minha filha Marília, em pé, na minha frente e disse: Vou pintar você. A menina estava de azul e segurava uma pipa colorida. Incentivada pelo objetivo do prêmio, realizei o quadro com muita energia e muito amor. E não é que ganhei o prêmio? Marília me deu sorte e me fez ganhar um prêmio muito importante.

Hoje, muitos anos se passaram. Marília está novamente em cena, carregando o troféu que me foi dado em São Paulo, já que eu não pude comparecer ao evento. Uma homenagem oferecida pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) pelo conjunto de minha obra.

Hoje, Marília é presidente do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA), ela administra o Instituto, organiza exposições, escreve textos e faz curadorias. É professora de história da arte, pesquisadora, crítica e curadora de várias exposições dos artistas de Minas Gerais. Antigamente não havia curadores, hoje vejo que eles são muito importantes. Se desdobram estudando o trabalho dos artistas, selecionam as obras, escrevem textos curatoriais e organizam exposições.

Está aí uma pequena história da minha trajetória que eu mesma não tinha tido consciência: a sincronicidade de estar Marília carregando para mim duas premiações do mais alto nível. As coisas acontecem na vida, mas os fenômenos de sincronicidade nos passam despercebidos. Eles são invisíveis, mas atuam no Eterno Agora, criando passado, presente e futuro num só movimento, que muitas vezes chamamos de coincidência. A menina de azul continua dentro do meu livro azul e o troféu está na minha sala, fazendo lembrar o prêmio de São Paulo, oferecido pela ABCA.



Agora, uma nova menção, desta vez vinda de Houston, onde participo com uma pintura da coleção de Adolpho Leirner. A mensagem, vinda dos EUA, foi enviada por Corina Rogge, pesquisadora do Museu de Houston e amiga de Marília: “A pintura *Fantasia de Ritmos* de sua mãe foi escolhida para ser estudada por muitos alunos da Universidade de Houston. Os estudantes escolheram esta obra como tema de seus trabalhos porque eles sentiram o lirismo da pintura. O trabalho de Maria Helena continua sendo um tesouro aqui em Houston”.

A menina de azul da época de Guignard e *Fantasia de Ritmos* do período construtivista se encontraram no tempo com um denominador comum: o lirismo.

24 de dezembro de 2019

OLHAR REVISITADO





*Fotos de Ivana Andrés

“Nos últimos anos, muitos artistas ou instituições doaram obras para a Universidade Federal de Minas Gerais. A lista revela sua representatividade em valores numéricos e em termos de expressividade. Muitas vezes, essas obras foram incorporadas ao acervo e os artistas perderam o contato com suas produções. Nesse sentido, os artistas que possuem obras no nosso acervo foram convidados a apresentarem uma nova obra, restabelecendo encontros, diálogos e mesmo – ou principalmente – novas problematizações. Para valorizar a diversidade, convidamos tanto artistas da UFMG, como também aqueles oriundos de outras instituições, dentre eles: Yara Tupinambá, Jarbas Juarez, Fabrício Fernandino, Andrea Lanna, Hélio Siqueira, Maria Helena Andrés, Carlos Wolney, Liliane Dardot, José Alberto Nemer.” (Fabrício Fernandino e Rodrigo Vivas, trecho do catálogo da exposição “Olhar Revisitado: reencontros e novas afetividades”, Reitoria da UFMG).

Quando recebi o convite para participar desta exposição procurei fazer um retorno a minha década de 70, minha fase espacial e trazer uma obra de 1990, com 20 anos de diferença.

A curadoria de Rodrigo Vivas e Fabrício Fernandino me proporcionou a descoberta de significados não procurados.

Achei este reencontro uma grande forma de reflexão e autoconhecimento.

Este colóquio de duas obras feitas pelo mesmo artista em épocas diferentes me possibilitou refletir sobre as minhas mudanças nesse espaço de 20 anos. Registro aqui o diálogo das duas telas, como se elas pudessem falar:

Olhar revisitado é o retorno ao que já fizemos. Meu passado foi onírico, visões de um mundo imaginário, viagens espaciais pela imensidão do cosmos, descobrindo novos mundo. Em 1970 eu era lírica, transcendente, lia livros taoístas, tirava o “I Ching” para as pessoas. O futuro me aparecia como bolas luminosas caminhando pelo espaço. Voei num raio de luz.

O presente é outra versão, a terra pede mais luz e a luz nos chega do espaço. Anjos celestiais descem em naves muito brancas. Luz vinda do alto é o presente não tão recente. São 20 anos de

diferença. Deixo aos outros descobrir a relação que existe entre uma fase e outra. Entre o devaneio, o sonho e a realidade. Pedimos luz e ela nos desce entre nuvens e anjos.

1 de agosto de 2017

VOANDO NO AZUL





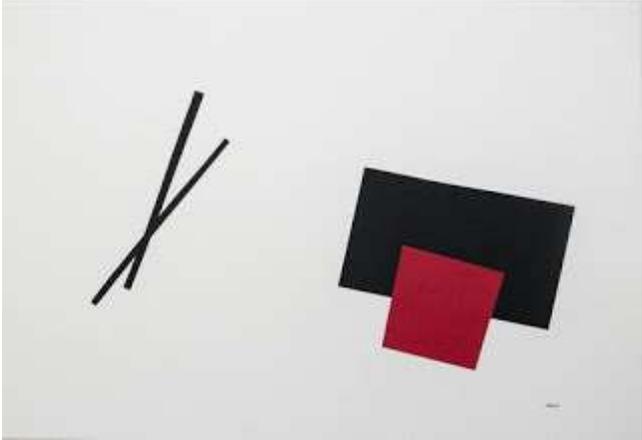
*Fotos de arquivo

A mancha de cor percorre
Os grandes
Espaços interplanetários.
Descobre astros e planetas
Estrelas nunca vistas
Mas sentidas.
A cor desliza pela tela
Com transparências.
Voos pelo infinito
Encontros inesperados.
A terra é azul
Dizia Gagarin
Pioneiro do espaço.
Estamos no espaço
Voando no azul.
Azul ultramar
Azul de cobalto
Azul phytalocianini
(que nome difícil para um azul tão transparente!)
Há azuis opacos
E azuis transparentes.
Adoto os dois
Vou navegando

Pelo espaço
Voando no azul.
O mar é azul
Por muitos anos a fio
Naveguei por mares azuis.
Os azuis se misturam
Aos amarelos.
As vezes um pouco
De terra
Para aterrissar.
Da minha caixa de cores
Tiro azuis e amarelos
Verdes, cinzas, brancos
E vou lembrando e modificando
A famosa frase de Maurice Denis:
“Um quadro não significa
Uma mulher nua
Ou uma natureza morta
Ou um retrato,
Mas para o pintor
É uma superfície plana
Recoberta de cores, linhas,
Formas, que se ajustam
Numa certa ordem”.
Esta frase de Maurice Denis
É compreendida por todos nós
Que lidamos com as tintas.

14 de agosto de 2017

A CONSTRUÇÃO DA COR





Fotos de Artur Andrés e de arquivo

Ao ler a página de Wagner Nardy que, juntamente com minha filha, Marília Andrés, realizou a curadoria da minha exposição, pude ver, com muita clareza, a dinâmica da minha trajetória. Esta mostra representa uma volta às origens, quando participei do movimento construtivista brasileiro. Naquela época os meus quadros construtivos conservavam lembranças do figurativo. Hoje as minhas colagens são composições onde as linhas e cores são construídas diretamente.

Transcrevo abaixo o texto de Wagner Nardy:

“A exposição A Construção da Cor de Maria Helena Andrés celebra os 95 anos desta grande artista.

Apresentando uma série inédita de trabalhos em colagem e duas fotografias, a exposição revisita a produção da década de 50 da artista, momento este em que seu trabalho estava fortemente ligado à essência Construtivista.

Ocorre- me citar MALEVITCH, quando o mesmo, em seu manifesto Construtivista defende: “a forma intuitiva deve sair do nada. Essas formas não serão repetições ou representações de coisas vivas da realidade natural: serão, porém, a coisa viva em si mesma. A natureza é um quadro vivo que se pode admirar. Porém todo milagre está na criação artística em si mesma. E Criar significa, viver,

produzir eternamente coisas sempre novas”.

Andrés nos mostra claramente a aptidão pelas palavras do mestre ao nos apresentar, a esta altura, com maestria sublime, através de formas simples e diretas a construção da cor.

As composições de Maria Helena são donas de um ritmo único, singular e inauguram um tempo próprio que guarda profunda relação com as vivências orientais da artista e as questões ligadas ao conhecimento e domínio da mente.

Porém, o que mais nos chama atenção é como a artista cria uma comoção sublime em torno da contemplação de seus trabalhos.

O sublime na arte de Maria Helena Andrés parece-me surgir como um embate simbólico e fatal entre as forças concretas da natureza e a concretude da razão que nos habita.

Desse confronto a poética da obra de Maria Helena transcende o tempo e o espaço irrompendo em música, dança e cor.

Segundo KANT, o Sublime é mesmo e fundamentalmente isto: “a mera habilidade de pensar, a qual demonstra uma faculdade da mente que ultrapassa qualquer medida de sensação.”

Os trabalhos de Maria Helena aos quais agora temos o privilégio de experimentar causam este silêncio, prodígio da consciência – essa janela repentina abrindo-se para uma paisagem iluminada pelo sol em meio à noite do não ser.

Tal qual o célebre escritor Vladimir Nabokov respondeu ao ser indagado se algo na vida o surpreendia.

É como me sinto.”

Wagner Nardy, curador da exposição

27 de novembro de 2017

A CONSTRUÇÃO DA COR II





Fotos de Maria Tereza Correia e Beto Novaes

A exposição “A construção da cor”, foi contemplada pelo jornal Estado de Minas, com duas matérias jornalísticas. Transcrevo abaixo alguns trechos dessas matérias.

“Aos 95 anos, Maria Helena Andrés está entre os artistas plásticos mais importantes de Minas Gerais. Ex-aluna de Guignard, ela chama a atenção, com seu talento diversificado. Pintora aclamada, cria colagens, esculturas e desenhos.

Até 18 de dezembro, trabalhos da artista ficarão expostos na Carminha Macedo Galeria de Arte. São colagens, que ressurgiram na obra de Maria Helena, depois de marcar presença na fase que ela chama de “astronautas” nos anos 1960.

A pintora conta que as colagens são fruto da necessidade de substituir tintas por papel. O processo de criação remete às “pinturas construtivistas” da década de 1950. Se naquela época cada cor era pintada separadamente sobre a tela, agora cada uma delas, recortada, é colada na folha. Maria Helena costuma dizer que a pintura deixa de existir, dando lugar à cor construída sobre o

papel.” (Artes Visuais, Estado de Minas, 26/11/ 2017)

“Arte para mim é uma forma de contato com o momento que a gente está vivendo, mas traz também a memória do passado e vamos promovendo um caminho que não é planejado. O caminho vai surgindo e vou tomando consciência do que está ocorrendo através de qual fase eu estava naquele momento. Por exemplo, esta fase de colagens eu já fiz na época do movimento construtivista na década de 50.

Produzir e trabalhar aos 95 anos é diferente, agora temos de escutar o corpo, é ele quem fala “neste momento você pode pintar em pé”, então eu me levanto. Antes eu pintava em pé, não tinha nenhuma cadeira no ateliê. Eu desenvolvi uma técnica com vassoura de esponja, passava a tinta nela e pintava a tela com gestos amplos. Pintei o painel do aeroporto de Confins subindo em escada. Naquela época conseguia fazer isso, hoje não posso mais. Tenho de me acomodar de acordo com a época que estou vivendo. Eu fazia quase que uma dança no entorno do quadro, porque o gestual exige muito movimento e se não fizer assim, não sai bom...

Muda a técnica e muda tudo. Cheguei a uma conclusão: “Ou paro, ou mudo”. Resolvi não parar e mudar. Decidi voltar às minhas origens construtivistas, porque posso fazer assentada, então decidi fazer colagem...” (Isabel Teixeira da Costa, jornal Estado de Minas, 3/12/2017)

5 de dezembro de 2017

HOMENAGEM A MARIA HELENA ANDRÉS - SEMINÁRIO ARTE CONCRETA E VERTENTES CONSTRUTIVAS





*Fotos de Fernanda Granato

No dia 26 de junho de 2018, foi aberto um seminário sobre Arte Concreta e Vertentes Construtivas, que me homenageou como uma das participantes daquele movimento ocorrido no Brasil na década de 50. Foram também homenageados a historiadora Aracy Amaral e o artista e crítico de arte Márcio Sampaio. Abaixo, transcrevo a minha palestra no evento.

“É para mim uma honra estar aqui presente neste importante seminário.

Agradeço, de coração, a homenagem que me está sendo prestada, agradeço aos críticos,

artistas e pesquisadores que organizaram este seminário.

Considero da maior importância um estudo aprofundado do construtivismo brasileiro da década de 50. Como artista mineira, atuante na época, posso dar o testemunho da minha própria experiência.

O construtivismo foi importantíssimo para todos nós que abraçamos as ideias vanguardistas daquela época. Para mim ele foi como uma semente que mais tarde se reproduziu em outras formas de expressão. Devo à minha experiência construtiva dos anos 50 a fase atual de esculturas e colagens. Foi a retomada da ordem construtiva, depois de muitos anos de liberdade da fase gestual. Para este seminário procurei selecionar textos escritos para o meu blog e retirados dos meus dois livros: *Vivência e Arte* e *Os Caminhos da Arte*.

A exposição *Ordem&Liberdade*, sobre a arte abstrata nas coleções do MAM e de Gilberto Chateaubriand, inaugurada no final de 2003 no Museu de Arte Moderna do Rio, tendo como curador o crítico Fernando Cocchiarale, propunha uma retomada histórica do abstracionismo no Brasil, com ênfase nos anos 50. Naquela exposição eu estava do lado correspondente à ordem, à disciplina. Foi com emoção que pude rever os artistas da década de 50 que participavam das bienais de São Paulo. Lá estavam, ao meu lado, vizinhos do mesmo painel, os companheiros de arte da época, muitos já falecidos: Milton Dacosta, Maria Leontina, Mário Silésio, Alfredo Volpi, Amílcar de Castro e Lygia Clark, entre outros. Senti-me a própria sobrevivente percorrendo a mostra.

O concretismo na década de 50 nos propunha disciplina, concentração, limpeza de cores, uma arte mental, intimista, sem impulsos emocionais. Cultivava-se a virtude da paciência. Os quadros levavam muito tempo para serem feitos e o instrumento usado na época para se conseguir uma linha perfeita era uma espécie de caneta ou bisturi, chamado tira-linhas, instrumento gráfico, em desuso hoje em dia, na era do computador. Com as linhas paralelas eu fazia postes de luz e partituras musicais. Gostava de ficar horas pintando, porque me fazia bem à alma.

Passar pelo concretismo foi para mim uma lição de vida. O fazer artístico significava crescimento. A integração de várias áreas das artes, necessária a uma revisão de valores, era um dos pontos mais importantes do movimento concretista a partir da primeira Bienal de São Paulo. Poetas, músicos, pintores e escultores se uniam dentro do mesmo ideal estético, dando prioridade à pureza da forma. O grande incentivador do concretismo foi o crítico Mário Pedrosa, que visitava os artistas em seus ateliês e, muitas vezes, chegava até Minas Gerais, para acompanhar os trabalhos dos artistas mineiros que buscavam uma arte pura, desligada dos padrões figurativos. Os júris de seleção das primeiras bienais, que às vezes eliminavam 90% dos trabalhos apresentados, eram o grande teste a ser enfrentado. Naquele tempo não existiam curadores e os artistas se dispunham a passar por essa

experiência de júris nos salões e bienais.

A aprovação nas bienais era a minha chance de descer das montanhas e viajar para São Paulo, encontrar os amigos, companheiros de jornada, participar dos eventos internacionais, ter um contato direto com as obras de arte e estudar o pensamento dos grandes artistas abstratos europeus e latino-americanos. Trocava ideias com os artistas de São Paulo: Maria Leontina, Milton Dacosta, Arcângelo Ianelli e Volpi. Para nós não havia a preocupação matemática dos concretistas suíços, seguíamos o comando da sensibilidade e da intuição. Naquela ocasião, as ideias espiritualistas de Kandinsky começaram a me acenar como uma estrela luminosa. Os grandes pintores abstratos europeus, principalmente os da vanguarda russa, não se limitavam aos aspectos formais. Buscavam a transcendência, o contato direto com os níveis mais profundos da consciência.

O rompimento com a figura e o tema indicaram também direções novas para a escultura brasileira. A exposição do artista suíço Max Bill, no Museu de Arte de São Paulo, em 1950, impulsionou a nova geração de escultores ao questionamento dos moldes tradicionais da escultura figurativa, para abraçar a forma tridimensional pura. Do grupo de Minas, três artistas escultores aderiram ao movimento: Amílcar de Castro, Franz Weissmann e Mary Vieira. Mais tarde, Mary deixou o Brasil para se radicar na Suíça, onde se tornou aluna e seguidora de Max Bill. Amílcar e Weissmann foram para o Rio de Janeiro e aderiram ao movimento neoconcreto.

Repensar o concretismo é também repensar os caminhos por onde passamos. Aqui em Minas Gerais a nossa visão da arte vinha dos antecedentes líricos de Guignard. Um pequeno grupo se reunia no ateliê de Marília Giannetti, projetado pelo arquiteto Sylvio de Vasconcellos. Marília Giannetti, Mário Silésio, Nelly Frade e eu formávamos o grupo de pintores que, na década de 50, encontrou o seu próprio caminho dentro da arte não figurativa. A mesma preocupação do simples estava em todos nós.

Revendo as obras do Museu de Arte Moderna do Rio cheguei à conclusão que houve em todos nós um ponto de mutação comum: a necessidade de eliminar o supérfluo, reduzir o impulso emocional e buscar a essência na arte e na vida.

Naquela exposição foi-me possível constatar um fato: todos nós mudamos depois de algum tempo, alguns radicalmente, outros sem grandes saltos. O caminho da liberdade foi uma consequência do exercício da disciplina. Ali no Museu, frente a frente, estavam os opostos complementares de tudo que existe na natureza e na criação.

No momento em que a arte construtiva brasileira está sendo amplamente divulgada no exterior, convém lembrar também nossas origens indígenas.

“Eu nunca te encontraria se já não estiveste comigo”. Esta frase do escritor francês Antoine de

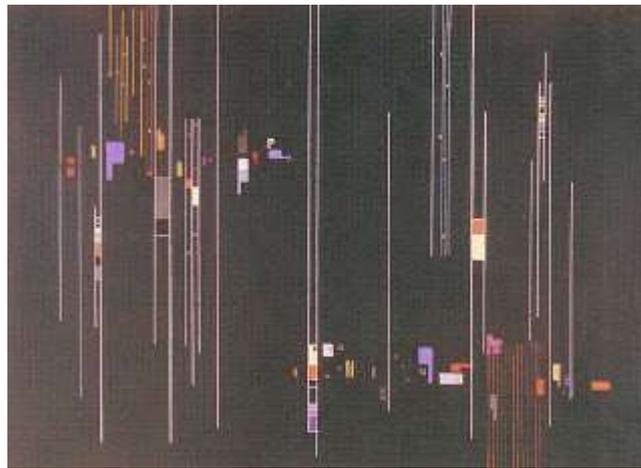
Saint-Exupéry nos revela a força da tradição indígena brasileira, que aflorou na década de 50, conduzindo artistas, pintores, desenhistas, escultores, designers, arquitetos e poetas, para a busca da ordem e do equilíbrio na arte. Essa ordem interna sempre foi buscada pelos índios em todas as suas manifestações culturais que se estendiam para a vida da comunidade.

O movimento construtivo, que se propagou pelo Brasil na década de 50, foi uma integração perfeita do movimento vindo da Europa e da América Latina, com o que já existia nas nossas raízes culturais.

Muito obrigada!”

MEMÓRIAS DE PRÊMIOS





Fotos de arquivo

Antigamente, os artistas faziam suas carreiras participando de Salões e Bienais. Enviavam seus trabalhos que teriam de se submeter a um júri nacional ou internacional, como nas primeiras Bienais de São Paulo.

No momento, recordo a minha participação no Rio de Janeiro, no Salão Nacional de Belas Artes, quando comecei a minha carreira, aos 18 anos. Revejo a minha alegria e surpresa ao me ver incluída entre os artistas de Rio e São Paulo e de outros estados do Brasil.

Sempre havia uma surpresa, uma alegria e a confirmação de que eu estava andando para a frente.

Na minha fase figurativa, eu fazia retratos, solicitando às pessoas da família ou às empregadas da casa para servirem de modelo. O tema de retratos foi uma constante.

Às vezes o meu nome saía nos jornais do Rio.

- “Tem caráter, fala, a *Portuguesa* de Maria Helena”.

Guardei esta frase na memória, porque me senti prestigiada com a crítica e a Menção Honrosa que ela me deu. Ficou só na memória, porque o quadro foi doado a quem posou para mim, a lavadeira de minha casa... Em geral, os retratos não ficam com a gente.

Assim, fui percorrendo o caminho da arte, tentando sempre participar dos Salões de Minas e do Rio.

Teria de afrontar um júri que poderia tranquilamente me recusar, mas foi com esta disposição de transpor obstáculos que mantive aceso o meu caminho. Uma conquista, um recuo, um passo à frente, e a volta para casa, já projetando ganhar mais espaço no difícil universo das artes.

E eu fui vivendo a minha vida de dona de casa, mãe de seis filhos e a vida profissional. O importante era não parar.

Hoje vou relatar dois fatos de prêmios de viagem.

O primeiro foi no Salão Nacional de Arte Moderna do Rio.

Eu estava na minha fase construtiva, mergulhada na rigidez dos quadrados coloridos e nas linhas paralelas. Os quadros saíam do meu ateliê da Rua Santa Rita Durão, situado num barracão de fundo.

Dali eu podia pintar e ao mesmo tempo, pela janela, ver as crianças brincando entre as árvores do meu fundo de quintal. Ali, consegui realizar a minha série concretista que começou a ser vista no Salão de Arte Moderna do Rio e nas Bienais de São Paulo.

Mario Pedrosa me visitava em Belo Horizonte, dava força para eu seguir adiante. Sempre vinha ao meu ateliê acompanhado de Franz Weissmann, meu amigo e colega.

Um dia, depois de enviar duas telas para o Rio, onde estiveram expostas no Salão, recebi um

telefonema de Weissmann.

- “Maria Helena, você é forte candidata ao prêmio de à viagem à Europa, mas querem saber se você está em condições de viajar. É uma candidata muito forte “.

Naquele momento eu não hesitei e agradei:

- “Pode dizer à Comissão Julgadora que não posso viajar e me afastar por dois anos de minha família”.

Foi assim que eu desisti do Prêmio de Viagem à Europa, tão ambicionado por todos!

Na década de 1960 eu estava como professora da Escola Guignard, atuando na área do ensino de arte e ao mesmo tempo participando de Salões.

Naquela ocasião, recebi um convite para visitar os Estados Unidos, num programa de *Leaders and Specialists*. Eu teria de me ausentar do país por quatro meses. Pretendia recusar novamente a oportunidade de viajar, mas o meu marido Luiz me deu a maior força.

- “Você recebeu um convite, não vai recusá-lo. Esta viagem é importante para a sua carreira, pode deixar que eu cuido das crianças”.

E foi assim que eu saí do Brasil por alguns meses, deixando uma família para trás, muito bem cuidada por meu marido e a sua família.

Foi difícil decidir, mas acabou sendo uma lição de vida muito importante para todos nós.

Meus quadros sofreram mudanças. Houve uma transformação gradativa das *Cidades Iluminadas*, construtivas, para uma pintura mais livre, gestual, que deu início à fase de *Barcos* referente à minha primeira viagem para fora do Brasil.

18 de outubro de 2020

UMA HOMENAGEM NA EMBAIXADA DA ÍNDIA EM BRASÍLIA



Foto: Maurício Andrés

Há exatamente 40 anos iniciamos nosso trabalho na Índia. Caminhamos naquele país de norte a sul, de leste a oeste, com os olhos atentos para uma cultura milenar, que se descortinava diante de nossos olhos como uma tela panorâmica. Uma família brasileira descobre a Índia, pensava, enquanto assistia às cenas projetadas dos livros do Pepedro, Oriente – Ocidente, Tesouros da Índia.

Estava sentada junto ao embaixador daquele país, que nos recebeu muito cordialmente na embaixada. O embaixador Ashok Das trouxe livros para nos presentear e recebeu também livros, como resultado de nosso trabalho.

Aquele intercâmbio transnacional ocorreu de forma intensiva em 1978, quando nosso grupo se transferiu para a Índia, acompanhando meu filho Maurício numa pesquisa realizada por ele naquele país.

Eu rememorava aspectos daquela viagem e de muitas outras realizadas mais tarde, motivadas por uma forte necessidade interior de aproximar os povos do Oriente e do Ocidente.

No momento em que assistimos a um filme documentário, projetado no telão da Embaixada, minhas reflexões constataam o papel relevante da arte nesse tipo de intercâmbio. Relembro textos, poemas, desenhos, palestras, projeção de slides, livros publicados.

Todos esses recursos, alinhavados durante nossas inúmeras viagens por regiões desconhecidas, afrontando situações climáticas diversas, foram recompensados com o acolhimento gentil que recebemos do povo indiano.

O diplomata indiano Abhay Kumar é um poeta reconhecido internacionalmente. Foi por seu intermédio que recebemos o convite, já que ele é o chefe de missão adjunto, substituto do embaixador.

Vale a pena transcrever textos de sua entrevista no jornal “Correio Brasiliense” no dia do aniversário de Brasília.

“Brasília impactou positivamente minha vida criativa. Eu também fiz muitos amigos poetas, escritores que vivem em Brasília e arredores. Brasília é uma cidade única. Eu visitei muitas capitais, mas nenhuma se compara a Brasília. Em primeiro lugar, Brasília é branca, que é minha cor preferida e uma cor de pureza. Em Brasília vejo um esforço para trazer a geometria dos corpos cósmicos para seu projeto arquitetônico dos edifícios monumentais da cidade, como o Museu Nacional. Eu me sinto em casa andando nas vastas extensões de grama no meio da cidade. Não conheço nenhuma outra cidade que tenha tanto espaço aberto, tantas árvores frutíferas e tantos pássaros. Onde quer que eu vá, sempre quero voltar a Brasília. Aqui eu encontro minhas mangas preferidas, jacas e goiabas espalhadas nas calçadas em qualquer direção que eu vá. Eu me apaixonei pelos ipês desabrochando. Com o horizonte baixo como na maior parte de Brasília, tenho uma visão clara do lindo céu. Nas noites de lua cheia, a lua parece elevar-se do lago Paranoá. Viver em Brasília é como viver em um lar celeste. Brasília possui elementos de transcendência espiritual entrelaçados em sua arquitetura e planejamento urbano e, portanto, nos oferece uma oportunidade de pensar acerca de quem realmente somos, de onde viemos e para onde estamos indo.”

Este depoimento nos leva a pensar sobre a necessidade da arte como forma sensível e amorosa de comunicação. A arte continua sendo a grande mensageira da paz entre os povos da Terra.

3 de maio de 2018

UM ENCONTRO NA UNIVERSIDADE DA PAZ





*fotos de Maurício Andrés, de Marília Andrés e da internet

Retornei à UNIPAZ em Brasília.

Pierre Weil ali plantou um grupo holístico a partir do Congresso Holístico de 1987.

Este grupo se desenvolveu, criou ramificações, se estendeu pelas Américas. Estive presente em vários workshops, já que era professora da Universidade.

Agora, estou sentada em frente à cachoeira, onde o francês Jean Yves Leloup administrou um curso e batizou várias pessoas. Elas faziam fila para receber a água da cachoeira. Local privilegiado, à sombra de árvores que remontam à história de Brasília.

A Granja do Ipê já foi moradia de Israel Pinheiro, construtor de Brasília. Mais tarde foi cedida em comodato à UNIPAZ, Universidade da Paz.

Visitei o meu painel na sala onde se reúnem os professores holísticos. Lá está ele, ocupando o espaço principal da sala. Convidaram-me a falar para um vídeo e pude explicar como o painel foi executado no meu ateliê da fazenda, usando esponjas caseiras no lugar de pincéis. Foi enrolado num bambu e assim chegou à Brasília.

Já participei de vários workshops aqui na Granja do Ipê. O último deles foi realizado no pátio, com mais de 150 pessoas. O projeto foi a criação das Galáxias seguindo a tradição hindu, a dança cósmica de Shiva Nataraja.

Planejei 500 bolinhas de gude para simbolizar as estrelas. Elas foram distribuídas pelos participantes que, ao comando de Shiva, jogavam suas bolinhas no pátio. Ao mesmo tempo, uma turma comandada por Beth Clark preenchia os espaços com serragem colorida previamente.

Ao som do I Ching do Grupo UAKTI, uma imensa mandala foi criada com a participação de todos.

Arte coletiva é assim, todos somos UM!

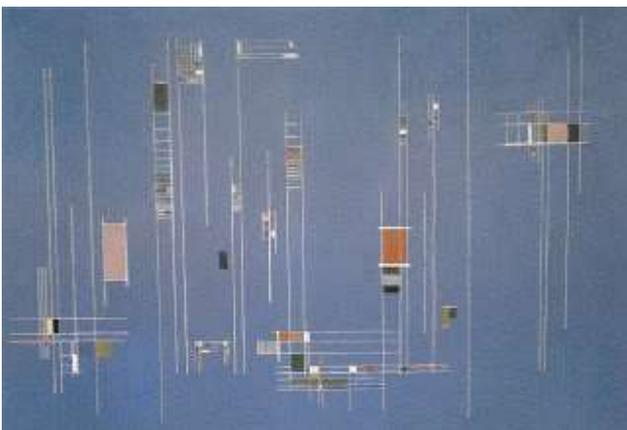
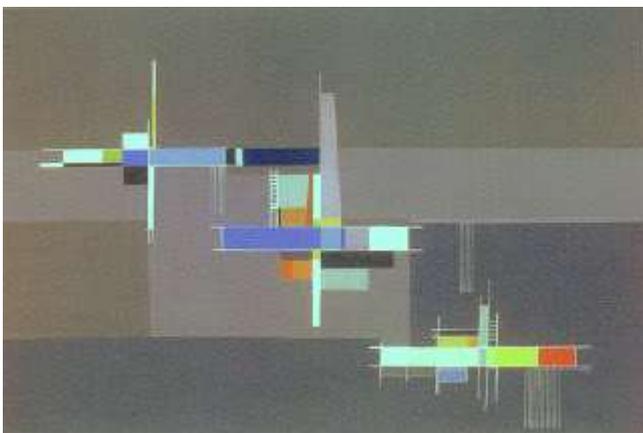
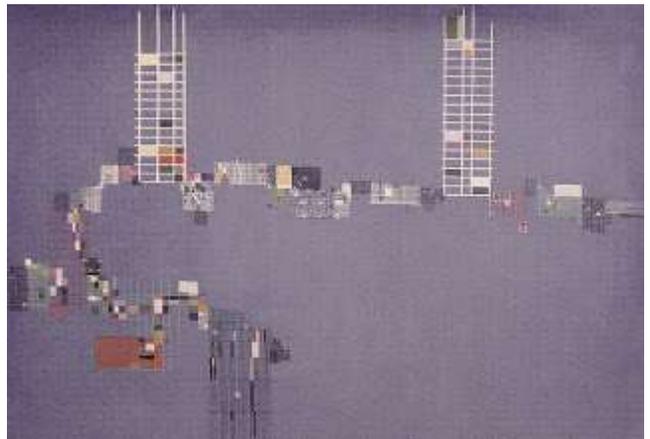
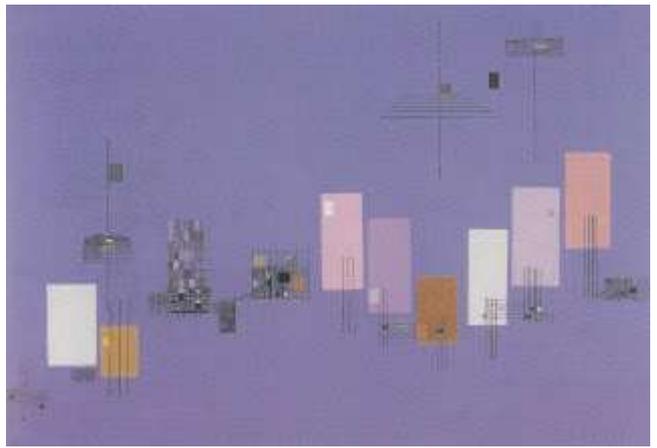
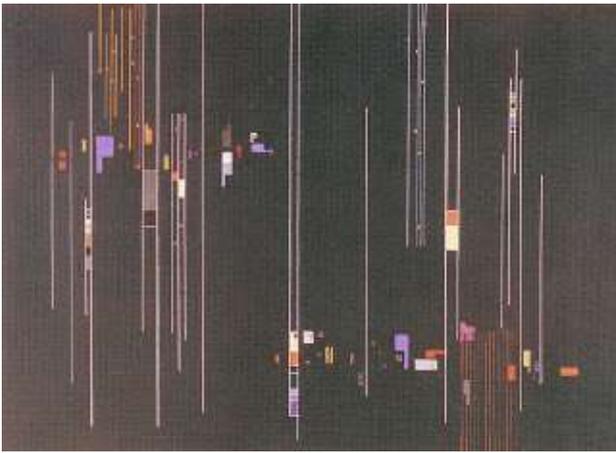
Naquela ocasião eu ilustrava um livro de Pierre Weil denominado “Ondas à procura do mar”. Desenhei também mandalas para aquele livro.

Hoje, entrando no Salão Principal da Cidade da Paz, pude tirar fotos em frente à minha Mandala.

Que ela possa ajudar a trazer a paz e a alegria de participar com a minha arte, de um importante grupo holístico, em Brasília, capital do Brasil.

10 de fevereiro de 2020

MINHA PARTICIPAÇÃO NO CONSTRUTIVISMO BRASILEIRO



*Fotos de arquivo

Pediram-me para fazer uma palestra no CCBB de Belo Horizonte sobre a minha participação no movimento construtivista brasileiro, como representante de Minas Gerais. O texto abaixo é uma síntese de todos os meus artigos já publicados sobre o assunto.

“A exposição *Construções sensíveis: A experiência geométrica Latino-Americana na coleção ELLA FONTANAIS-CISNEROS*, traz ao Brasil um recorte da abstração em nosso continente. Junto ao importante legado do concretismo e neoconcretismo brasileiros, são apresentadas as poéticas abstratas que prosperaram em outros países a partir dos anos 1930.” (Extraído do catálogo da exposição *Construções Sensíveis*, no CCBB de Belo Horizonte)

Percorro uma exposição que nos remete ao passado, ao Construtivismo que percorreu o mundo e veio nos mostrar o quanto somos irmãos. Realmente, somos parecidos, mesmo que não tenhamos tido a oportunidade de um encontro pessoal. Existe o encontro espiritual, encontro de sensibilidades semelhantes. O construtivismo vai nos mostrando a identidade dos artistas. Ele veio da Europa e encontrou na América Latina seus irmãos espirituais.

Os construtivistas europeus vieram da Rússia, desceram até a Alemanha e a França, e, por motivo de guerra, chegaram às Américas.

Os Estados Unidos acolheram os imigrantes artistas, tais como Mondrian. Ali ele se redescobriu, ficou famoso.

A Argentina e o Uruguai receberam a mensagem construtiva, através da arte e do pensamento de Torres Garcia e Maldonado. Torres Garcia buscava o espiritual na arte e a redescoberta dos povos primitivos das Américas.

O Brasil tornou-se o grande difusor das ideias construtivas. No nosso solo floresceram artistas plásticos, poetas, críticos, tendo a Bienal de São Paulo como a grande difusora.

O construtivismo chegou até as montanhas de Minas e ali encontrou jovens artistas que aderiram ao movimento.

Fiz parte deste movimento.

O Construtivismo na década de 50, nos propunha disciplina, concentração, limpeza de cores, uma arte mental, intimista, sem impulsos emocionais. Cultivava-se a virtude da paciência. Os quadros levavam meses para serem feitos e o instrumento usado na época para se conseguir uma linha perfeita era uma espécie de caneta ou bisturi, chamado tira-linhas, instrumento gráfico em desuso hoje em dia, na era do computador. Com as linhas paralelas eu fazia postes de luz e partituras musicais. Gostava de ficar horas pintando, porque me fazia bem à alma.

Passar pelo construtivismo foi para mim uma lição de vida. O fazer artístico significava crescimento. A integração de várias áreas das artes, necessária a uma revisão de valores, era um dos pontos mais importantes do movimento construtivista que surgiu a partir da primeira Bienal de São Paulo. Poetas, músicos e pintores se uniam dentro do mesmo ideal estético dando prioridade à pureza da forma. O grande incentivador do construtivismo foi o crítico de arte Mário Pedrosa, que visitava os artistas em seus ateliês e muitas vezes chegava até Minas Gerais para acompanhar o trabalho dos artistas mineiros que buscavam uma arte pura, desligada dos padrões figurativos. Os júris de seleção das primeiras Bienais, que às vezes eliminavam 90% dos trabalhos apresentados, eram o grande teste a ser enfrentado. Naquele tempo não existiam curadores de arte e os artistas se dispunham a passar por essa experiência.

A aprovação na Bienal era a minha chance de descer das montanhas e viajar para São Paulo, encontrar os amigos companheiros de jornada, participar dos eventos internacionais e estudar o pensamento dos grandes artistas abstratos europeus. Trocava ideias com os paulistas Maria Leontina, Milton Dacosta, Arcângelo Ianelli e Volpi. Todos tínhamos vindo de antecedentes figurativos e isto transparecia em nossos trabalhos. Não havia a preocupação matemática dos concretistas suíços, seguíamos o comando da sensibilidade e da intuição. Naquela ocasião as ideias espiritualistas de Kandinsky começaram a me acenar como uma estrela luminosa. Os grandes pintores abstratos europeus, principalmente os da vanguarda russa, não se limitavam aos aspectos formais; tinham uma busca interior, um contato direto com níveis mais profundos de consciência.

O rompimento com a figura e o tema indicaram também direções novas para a escultura brasileira. A exposição do artista suíço Max Bill no Museu de Arte de São Paulo em 1950, impulsionou a nova geração de escultores ao questionamento dos moldes tradicionais da escultura figurativa, para abraçar a forma tridimensional pura. Do grupo de Minas, três artistas escultores aderiram ao movimento: Amílcar de Castro, Franz Weissmann e Mary Vieira. Mais tarde, Mary deixou o Brasil para se radicar na Suíça, onde se tornou uma aluna e seguidora de Max Bill vindo a ser uma artista de renome internacional.

Repensar o construtivismo é também repensar os caminhos por onde passamos. Aqui em Minas Gerais a nossa visão da arte vinha dos antecedentes líricos de Guignard. Um pequeno grupo se reunia no ateliê de Marília Gianetti, projetado pelo arquiteto Sylvio de Vasconcellos. Marília Gianetti, Mário Silésio, Nely Frade e eu formávamos o grupo de pintores que na década de 50 encontraram o seu próprio caminho dentro da arte não figurativa.

No Museu do Índio, no Rio de Janeiro, procurei observar com atenção os caracteres geometrizados em todo artesanato indígena, nas cestarias, cerâmicas e até na pintura corpórea.

Muito antes da chegada dos europeus, mergulhados nas florestas, seguindo o ritmo natural da vida, os índios buscavam o equilíbrio também em suas manifestações artísticas.

Observavam a pele dos animais, onças, lagartas e dali partiam para a busca da ordem e da simetria em seus padrões geométricos.

Nossos antepassados se manifestavam de forma construtiva, um construtivismo orgânico e espontâneo.

O construtivismo brasileiro também buscou alcançar este equilíbrio e ordem. O movimento construtivista que se propagou pelo Brasil na década de 50 foi uma integração perfeita do que veio da Europa com o que já existia dentro de nós.

O construtivismo sensível não acaba nunca, porque ele é o mensageiro de uma paz que existe dentro de todos nós.

Esta paz, os artistas buscaram por meio de obras de grande beleza e serenidade.

O desejo de paz veio à tona numa época de grandes guerras.

Duas grandes guerras na Europa, várias ditaduras pelo mundo.

Todos passaram para a história, os artistas morreram, mas sua arte continua viva, trazendo até nós o desejo da paz que os inspirou.

O construtivismo é uma meditação.

Mergulhados no silêncio de sua própria interioridade os artistas transcenderam a violência e a opressão.

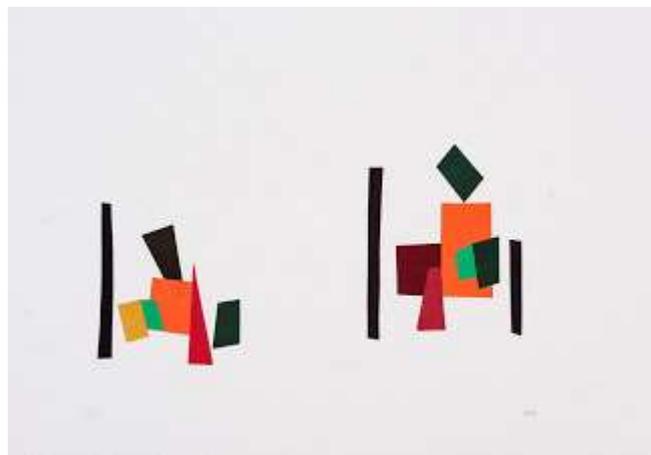
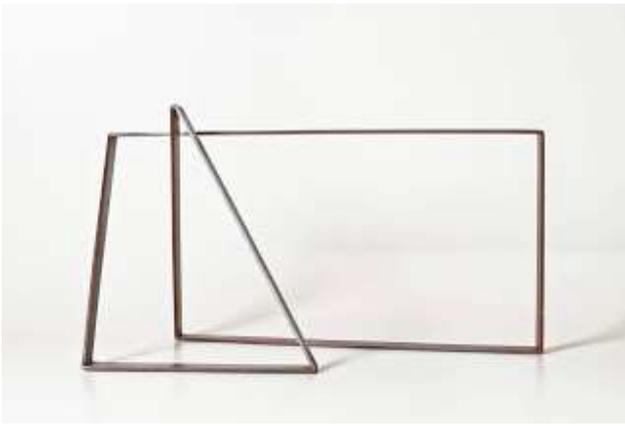
Percorrendo as salas desta exposição vou sentindo cada vez mais o poder da arte de transmutar energias. Revejo os *Bichos* de Lygia Clark, os *Metaesquemas* de Hélio Oiticica, as telas construtivas de Volpi e Ivan Serpa, os objetos de Ana Maria Maiolino e Mira Schendel.

Caminhar pela exposição é encontrar as origens, a expansão e o sentido deste movimento que percorreu o Brasil na década de 1950.

No momento, todo o meu trabalho está inspirado no que eu fiz nos anos 50. Os meus desenhos construtivistas da década de 50 foram tridimensionados com a ajuda de minha neta Elena Andrés Valle, transformando-se em esculturas de aço. Recentemente, retomei o construtivismo de uma forma mais espontânea, através de uma série de colagens.

26 de novembro de 2018

RELEITURAS DO CONSTRUTIVISMO



*Fotos de arquivo

Releitura do passado.
Vivências que se foram, mas não se apagaram.
Posso sentir de novo
O entusiasmo da juventude.
A alma não tem idade
Ela está viva
No agora
Da Arte.

26 de novembro de 2018

NO CCBB/BH UM CONVITE: COM A PALAVRA MARIA HELENA ANDRÉS



*Fotos de Walmir Góis

Não tenho voz para o palco, falo baixo.
Mas Ivana lê o texto em voz alta.

Eu também escuto em silêncio.

Todos escutam o relato construtivo que se instalou no Brasil e no mundo na década de 50.

Década do pós-guerra, artistas perseguidos por canhões, bombas, ditaduras militares, exílios, imigrações.

A arte é o caminho escolhido para uma busca interior.

No silêncio de ateliês improvisados os artistas buscam a paz em seus trabalhos.

Falar em construtivismo é falar da busca de equilíbrio e harmonia interna que se exterioriza nas grandes mostras.

Há semelhanças formais e semelhanças espirituais, trazendo luz para o fato de sermos irmãos.

A atmosfera de violência esteve presente como nos dias de hoje.

Mas a paz interna sempre existiu e sempre existirá para aqueles que a buscam nos labirintos de sua própria interioridade.

Vamos percorrendo a exposição e parando diante de algumas obras.

Primeiro, Joaquim Torres Garcia, artista uruguaio que teve grande atuação na América Latina.

Estudou as semelhanças entre a arte construtiva e a cultura pré-colombiana.

Diante de uma pintura de Waldemar Cordeiro, do início de sua carreira, notei grande semelhança com as pinturas do nosso construtivismo em Minas.

Ivan Serpa está presente com uma tela de grande dimensão.

Ele foi considerado por Mário Pedrosa o papa do concretismo brasileiro.

Lembrei-me do fato ocorrido na década de 60, quando Serpa teve uma mudança radical apresentando trabalhos totalmente expressionistas.

Nós todos mudamos na mesma época, da disciplina do construtivismo para uma expressão artística mais livre.

Mira Schendel está presente nessa mostra com dois livros de artista: o primeiro envolto em plastiglás e o segundo feito em papel preto e branco.

Anna Maria Maiolino está expondo um livro de artista e ainda um objeto de papéis colocados em volumes superpostos, a semelhança de um palco todo em branco.

Hélio Oiticica apresenta na mostra apenas um *Metaesquema*, um desenho onde ele repete diversas formas negras sobre fundo sépia.

Lembramos de sua exposição no museu de Houston, onde ele ocupa uma sala/instalação com seus famosos *Núcleos* coloridos.

Lygia Clark com seus *Bichos* em alumínio, que a tornaram internacionalmente conhecida, pode ser apenas contemplada.

Sua proposta seria de participação do expectador, mas ali ninguém participou, pois embaixo havia uma advertência: “Proibido tocar na obra”.

Finalmente, fomos conduzidos para a sala/instalação de Lygia Pape, que de uma forma muito sensível alcançou a arte contemporânea com fios de cobre alinhados num espaço escuro, iluminados por um raio de luz.

Procuramos focalizar os artistas brasileiros presentes nessa Coleção de Ella Fontanals-Cisneros, que nos ofereceu a oportunidade de apreciar as obras geométricas latino-americanas através de uma exposição itinerante.

Sáímos de lá conscientes da importância da apresentação das coleções internacionais para o público brasileiro, que sempre nos proporcionam momentos de reflexão.

Parabéns aos organizadores do evento educativo no CCBB e aos curadores da mostra.

4 de dezembro de 2018

CIRCUITO POLÍMATAS





*Fotos de arquivo

Esta exposição POLÍMATAS, sob curadoria de Maria do Carmo Veneroso, Pedro Veneroso, Marília Andrés e Tânia Araújo merece ser vista.

Percorro a mostra parando em cada *stand* no hall da Reitoria da UFMG, verificando o diálogo entre as diversas propostas dos artistas.

Logo na entrada os meus desenhos se desdobram na vitrine como um livro de imagens e poemas. Procurei integrar alguns poemas da década de 1950 aos desenhos de agora.

Me chamou a atenção o livro de Paulo Bruscky com poemas de grande sensibilidade. Paulo Bruscky é um artista de renome internacional que vem trabalhando há muitos anos com arte conceitual e poesia.

Continuando meu roteiro na exposição encontrei nas obras de Arnaldo Dias Baptista uma integração do texto com a música. Arnaldo é músico famoso e agora desponta como artista plástico de forma nova e criativa. Em suas telas e seus cadernos de desenho a presença da música é uma constante. Ali, os instrumentos musicais e as referências aos Beatles, aos Rolling Stones e aos Mutantes fazem uma síntese da música com a pintura.

O livro de Jorge dos Anjos nos lembra o tempo da escravidão. Jorge esquentava o ferro e imprime no feltro marcas de um passado de sofrimento e dor. Ali, nasce um construtivismo africano, tecido a ferro e fogo, que remete às marcas agressivas dos colonizadores na pele dos escravos. É interessante a maneira como esse livro foi apresentado, em diálogo com sua *Gravadura* bidimensional e o vídeo que mostra o processo de criação do artista.

Do outro lado, as fotos de Eymard Brandão mostram as marcas de caminhões impressas no chão de Minas e lembram o momento crucial que estamos vivendo. Eymard colocou uma das fotos desse processo dentro de um antigo dicionário que pode ser consultado ao longo dos tempos.

Todo um passado recente me veio à memória quando me deparei com o trabalho de Tânia Araújo que fala de cartas, carteiros e caixas de correios. Lembrei do tempo em que eu estava na Índia e ficava na expectativa da chegada das cartas da família. Agora, as tecnologias modernas e a internet deram um salto quântico, acelerando de forma extraordinária o processo de comunicação. Com fotos antigas de família e objetos raros quebrados dentro da vitrine, Maria do Carmo Veneroso apresenta a quebra da tradição, do conservadorismo e dos antigos conceitos de arte. Sua apresentação me faz perceber o processo acelerado de quebra de condicionamentos ao longo da história da arte.

Continuando a reflexão sobre a quebra de condicionamentos, encontrei na obra de Adriana Penido uma proposta semelhante. Ali, a artista mostra a importância da leitura, da biblioteca e da necessidade de ler para crescer. Em seguida, ela contrapõe livros jogados no chão sujos de barro, destroçados, chamando a atenção para a cultura arrasada.

Isabela Prado também fala da destruição dos antigos rios e ribeirões de Belo Horizonte. Vai às ruas pesquisar as águas subterrâneas da cidade e mostra um vídeo que liga a música com as ruas e os rios subterrâneos. Ela faz aulas de violino em cima desses lugares, tocando uma canção antiga que fala de ruas, de bosques e das danças de roda das crianças. Este vídeo me faz lembrar a minha infância em BH, onde brincávamos de roda na rua e catávamos caquinhos de vidro para fazer caleidoscópios. Hoje, esses rios e ruas não existem mais.

Sara não tem Nome também fala de rios e de mares, apresentando duas vitrines de vidro com água: a primeira mostra uma série de garrafas de água mineral e a segunda um depósito subterrâneo de areia com vários objetos destruídos. A proposta contém uma denúncia ecológica e vislumbra um futuro fóssil de uma civilização consumista: tesoura, celular antigo, caderno, mouse de computador, fita cassete são jogados no mar e depositados na areia. As riquezas seguem para terras distantes e o que fica é a destruição e a morte.

A proposta de Fabrício Fernandino vem completar a reflexão sobre a água e o meio ambiente, salientando a sua importância para a nossa sobrevivência. Denuncia também o lixo e os plásticos no fundo do mar, através de recortes da palavra ÁGUA jogados dentro de um aquário.

A denúncia ecológica é uma constante nas apresentações dos jovens artistas, mostrando as suas preocupações com o meio ambiente e a sobrevivência do planeta.

15 de julho de 2019

EXPOSIÇÃO DE COLAGENS E SERIGRAFIAS NA GALERIA DO TEATRO DA CIDADE





Fotos de arquivo

No dia 5 de outubro inaugurei uma exposição de colagens e serigrafias na Galeria do Teatro da Cidade. O texto abaixo, de minha autoria foi lido logo após a exibição do filme “Maria Helena Andrés, Arte e Transcendência”.

Esta exposição é um resumo do que eu tenho produzido ultimamente.

Os quadros aqui expostos representam a minha fase atual de colagens e a reprodução de algumas delas através da serigrafia.

Aceitei o convite de Pedro Paulo. Pedro Paulo Cava, que me convidou a expor na Galeria do Teatro da Cidade e Pedro Paulo Mendes, que realizou as serigrafias em São Paulo.

A eles a minha gratidão!

Agradeço a colaboração de meus filhos e a alegria de estar junto a eles e, neste momento, a vocês todos, meus amigos.

Ao longo da minha trajetória percorri vários caminhos, que muitas vezes pareciam contraditórios, mas ao longo desses 85 anos de dedicação às artes, pude observar que as fases do

meu itinerário tiveram uma constante: a busca da essência, o despojamento do supérfluo e sobretudo a liberdade de expressão.

Minha arte sofreu mudanças do figurativo para o não figurativo, do construtivismo para o abstrato lírico.

Havia sempre um momento forte, de ruptura, onde as mudanças aconteciam. São pontos de mutação, ou "turning points". Os meus pontos de mutação coincidiram com as mutações em minha vida, já que arte e vida estão sempre unidas.

Minha arte sofreu mudanças quando realizei minha primeira viagem internacional. Percorri a sequência dos mares com os veleiros e a conquista do espaço na série cósmica.

Reduzi a pintura a uma dieta de preto e branco, seguindo sempre a necessidade de simplificação da forma.

A virada do milênio foi para mim outra grande mudança. Voltei ao construtivismo inicial, agora usando as colagens no lugar das tintas. Esta é a experiência nova, que faço no momento.

O passado construtivo me ajudou e o entusiasmo da descoberta conduziu meus passos até os dias de hoje.

7 de outubro de 2019

GUARDIÃO DAS MONTANHAS



O quadro intitulado Guardiã das Montanhas, pintado no Retiro das Pedras em 1976, tem uma história, o seu título foi movido por uma necessidade interior, que só hoje consigo interpretar: preservar, defender e guardar a natureza dessa região privilegiada de Minas Gerais. O "Guardião das Montanhas" está no limite entre o figurativo e o abstrato, entre a terra e o céu. Embaixo as

montanhas, bem figurativas e riscando o céu incisivamente o gestual direto e firme do guardião. Na vida real o guardião não é visível aos olhos, mas ele existe. Existe e vai funcionar no tempo certo, quando a terra for destruída pela ambição dos homens. A natureza parece serena e o sol se levanta e se põe seguindo seu ciclo natural. Dizem que essa região foi mar antigamente e da minha janela eu fico pensando: quantos anos se passaram desde a formação dessas terras? Milhares de auroras e poentes, milhares de plantas, de animais raros que se extinguiram.

Os homens vieram num passado recente, muito depois da formação da paisagem. De acordo com os índios guaranis os homens vieram ao mundo e receberam o dom da palavra para revelar aos outros seres humanos que viemos da natureza e somos parte dela. Somos parte da natureza e parte do universo.

Na Índia o Bhagavad Gita nos diz: viemos de uma Essência e a ela vamos retornar, todos nós, homens, animais e plantas.

O pensamento de retorno à Essência é o mesmo em todas as tradições. Esse retorno pressupõe respeito e reverência pelo que já existe e se formou naturalmente. As pedras existem e não foram plantadas, nem cultivadas, sua formação espontânea seguiu o ritmo da criação da Terra e remete a milênios. As pedras assistiram a história de Minas com a chegada dos bandeirantes movidos sempre pela ambição das riquezas. Pedras reluzentes, esmeraldas e brilhantes tiveram também uma história a nos contar, de perdas e ganhos, de morte e ostentação, de viagens pelos mares a caminho da corte. A ambição das riquezas movimentou e povoou as cidades mineiras, construídas ao longo das montanhas, seguindo o ritmo das lavras. Diamantina teve sua história de luxo e poder, Vila Rica guardou por muito tempo seu título de capital das Minas.

A história de Minas Gerais traz a memória dos exploradores da terra, que para as montanhas traziam também a cultura de além-mar. Arquitetos e artistas construíram as cidades que hoje são parte do nosso patrimônio. Houve luta, injustiça e morte durante o processo lento da exploração das pedras e do ouro, mas em compensação um legado artístico nos foi deixado. Essas duas fases de exploração de Minas Gerais já fazem parte do nosso passado. No momento assistimos a uma terceira fase da exploração de Minas Gerais, a fase do Ferro.

Estamos na era da velocidade. A tecnologia moderna possibilitou o acesso rápido a todos os empreendimentos. A devastação da natureza que se processou lentamente nos séculos anteriores,

hoje alcança uma velocidade assustadora. Há máquinas que sugam o solo, penetram as profundezas da terra em busca do minério mais procurado hoje em dia, o ferro.

SOS Planeta Terra! É necessário que haja um desenvolvimento sustentável nas áreas exploradas pelas mineradoras.

No 2º Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, crianças da cidade se manifestaram de uma forma surpreendente, conscientizando os adultos da sua responsabilidade. Transcrevo um pequeno texto surgido espontaneamente durante oficina de Literatura de Cordel:

Queremos viver

Queremos cantar

Queremos aprender

O verde preservar

É importante lembrar que a Serra da Calçada, onde estão situados vários condomínios residenciais próximos a Belo Horizonte, faz parte da Serra do Espinhaço, reconhecida pela Unesco como uma reserva da Biosfera. Nesta região existem plantas e animais raros, que só podem sobreviver nos campos rupestres. Com a derrubadas das árvores para sondagem do solo, os animais desorientados começam a invadir os condomínios vizinhos. Qual seria a forma de atuar nessas áreas preservadas? Qual o caminho que podemos escolher para preservação dessa natureza privilegiada? Às vezes fico pensando o que seria do Pão do Açúcar e do Corcovado se ali existisse minério de ferro. O Cristo redentor, considerado hoje como a 3ª maravilha do mundo moderno, não teria conseguido este grande prêmio. O Cristo não está sozinho, pertence a uma paisagem de montanhas que fazem do Rio de Janeiro a Cidade Maravilhosa.

14 de março de 2014



*Fotos de Euler Andrés

A GUARDIÃ DAS MONTANHAS





*Fotos de Marília Andrés

Ela chegou
de
caminhão
e
desceu
carregada
por
cinco homens
e
um guindaste.
Prepararam
duas covas
para plantar
essa árvore
de
ferro,
com
dois metros
de altura.

Colocada
de frente para
as montanhas
é, agora,
a nossa
guardiã.

A escultura
é
mais um projeto
nascido de
um desenho
construtivista.

Passou
pelas minhas
mãos,
as mãos de
minha neta Elena
e, mais tarde,
se engrandeceu
em
Rio Acima,
pelas mãos
de Paulo Mendes,
que hoje
está executando
as minhas esculturas.

Ficou tão linda,
no meio
do gramado.
Na rua,
as pessoas param

para
contemplá-la.
E eu vou
visitá-la,
admirada
com
a grande capacidade
de Paulo Mendes,
engenheiro,
pintor
e
escultor,
realizador de
projetos
fantásticos.

Agora,
ele transforma
um desenho
em linha contínua,
num monumento
imponente
e audacioso.

A escultura olha
para as montanhas
em frente
e escuta
os pássaros cantarem
em seu entorno.

Eu vejo
o meu desenho
de linha contínua

riscado no espaço
em tamanho gigante,
entre
o verde das árvores
e
o azul dos céus
de Minas.

28 de junho de 2020

NO ATELIÊ



*Fotos de Ivana Andrés

Estou pintando
De novo.

Volto ao meu ateliê

Que agora se chama

IMHA.

Coloco cavalete, potes de tinta

Cores por toda parte.

Jornal no chão

E eu, em pé, trabalhando

Como antigamente.

8 de novembro de 2020

RETORNO ÀS ORIGENS



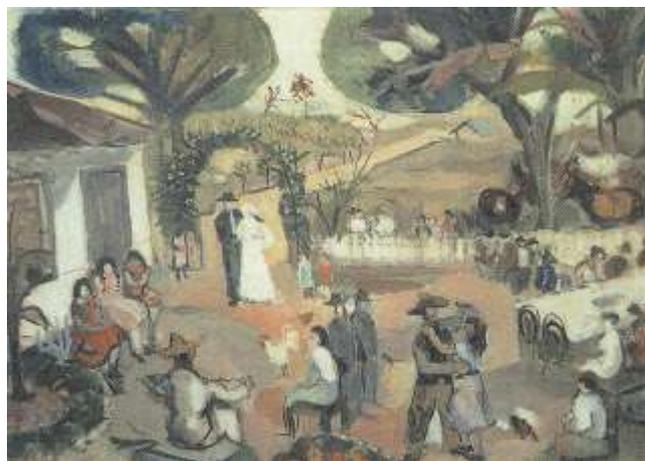


*Fotos de Ivana Andrés

Estou voltando
A pintar quadros
Numa volta às origens.
Meus barcos despontaram
Em cores variadas
Vermelhos, azuis, violetas.
As cores do céu se refletem
No mar.
Os veleiros
Despontam nas
Madrugadas

E poentes.
O veleiro que está
Em minha sala
Fica olhando
A paisagem
Do vale do Paraopeba.
Ele já viu muita coisa,
Já navegou
Pelos mares da Índia
E da China,
Trazendo para o Brasil
A cultura do Oriente.
E a transcendência de muitas ideias.

CAMINHO DAS ARTES







*Foto de Maria Helena Andrés

Vou me lembrando
De tudo o que
Eu pude fazer
Nesta caminhada
De minha vida.
Escolhi o caminho
Das artes
Que não tem começo
Nem fim.
Estou seguindo o
Percurso da vida,
Sem traçar planos,
Como um rio
Que vai em frente
E não para,
Até chegar ao mar.
O caminho das artes
É uma trajetória

Muito rica,
Pela alegria
E a felicidade
Que ele
Nos traz.

13 de dezembro de 2020

ATELIÊ NA RUA STA RITA DURÃO 432

Mudamos para uma casa na rua Sta Rita Durão, pouco abaixo da rua Ceará. A família crescia, nossa casa na 347 estava pequena.



A casa número 432 pertencera ao tio Petrônio. A porta da casa na varanda, ainda conservava a logomarca desse tio, meu padrinho, que se mudara para o Rio.

Meu ateliê também mudou acompanhando a família. Ali escolhi o quarto do andar térreo com espaço suficiente para projetar na tela ou no papel a minha série de barcos, a série de guerra, as madonas, os astronautas e a série cósmica...





As coisas aconteciam lá fora, num tumulto sucessivo de experiências.

Estávamos no regime militar, os jovens corriam risco. As lembranças de um passado tranquilo, na fazenda, pintando aquarelas estavam distantes. E a tela branca era o refúgio necessário para encontrar momentos de revolta e momentos de paz.

O ateliê daquele porão recolhia as ideias.

Aquele porão se estendia para outras épocas, onde as lembranças dos tempos antigos costumavam vir à tona. No ano de 1930 durante a revolução que colocou Getúlio no poder, tio Petrônio abrigou naquele espaço 40 pessoas entre crianças e adultos que ali dormiram em colchões espalhados pelo chão. Parentes próximos muito amigos ali se refugiaram. As paredes daquele porão eram extremamente reforçadas, lembravam uma fortaleza.

As balas atravessavam os vidros das janelas do andar de cima.

Aquele ambiente ainda carregava um pouco do passado sombrio. Mas a arte também ali se manifestou desde os meus tempos de criança.

Me lembro das brincadeiras de fazer cinema, um teatro de sombra improvisado. Ali brincávamos de esconder nos abrigos subterrâneos e improvisávamos aulas criativas.



Mais tarde, quando fomos morar naquele casarão, a família já aumentara, sempre acompanhada de eventos criativos. Nos dias de chuva, como as crianças não podiam sair para fora, organizávamos uma forma criativa de mantê-los em casa, criando uma cidade de isopor com casas, ruas, carros passando, prédios cinema. Os dois filhos menores sentados no chão criaram uma cidade como o “presépio Pípiripau” ...

Tudo isto acontecia na entrada da casa, na sala de visitas. Quando chegava alguém, eles faziam sucesso como artistas mirins.

Foi na época da ditadura militar e a forma de compensar a repressão era deixar as crianças e adolescentes exercerem seus dons criativos. Enquanto isso lá no porão, outras coisas aconteciam.

Maurício criou um laboratório de fotografia e podíamos apreciar o processo fotográfico da época quando as películas eram lavadas numa bacia e naquele banho as figuras surgiam.



Entrei para ver o processo de uma foto e me foi possível ver as imagens virem à tona.

Dali surgiam, como uma mágica, as figuras mais importantes da época. Che Guevara era um deles.



Na garagem, coberta com uma trepadeira de flores rosadas, todo sábado acontecia a Escolinha de Arte Andrés, dirigida por minhas filhas. Depois de um curso com o professor e arte educador Rui Flores, a escolinha, inspirada também na Escolinha de Arte do Brasil, durou 12 anos e formou reconhecidos artistas de Belo Horizonte. Mais tarde ela teve prosseguimento com o grupo “Risco e rabisco” coordenado por Isaura Pena. Tudo naquela casa respirava arte. E tudo isto devemos à generosidade e ao amor à arte de minha mãe Nair, que a todos incentivava.



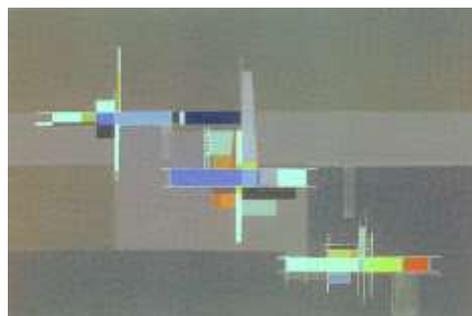
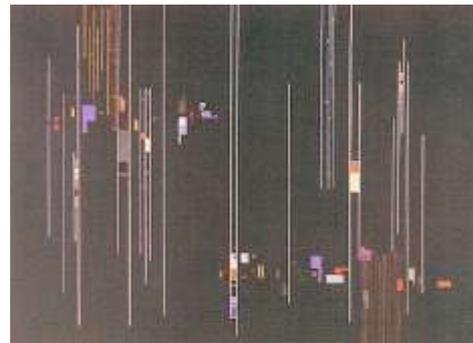
*fotos de arquivo

ATELIÊ NA RUA SANTA RITA DURÃO 347

Me vejo nos anos 1950, cercada de filhos pequenos, naquela casa da Rua Santa Rita Durão 347, cumprindo a tarefa de esposa, dona de casa, mãe de 6 filhos, sempre acompanhados por primos, filhos de minha irmã, Lourdes.



No quintal desta casa eu aproveitei um barracão para ali fazer o meu ateliê. De lá eu podia observar as crianças brincando enquanto eu pintava minhas “Cidades Iluminadas”.



Por ali passaram vários críticos de arte, entre eles Mário Pedrosa.

Me lembro das travessuras das crianças, de seus desenhos feitos em papel de radiografia, dos meus desenhos pequeninos feitos à noite, enquanto as crianças dormiam. A mesa da copa era minha prancheta e a copa meu ateliê.

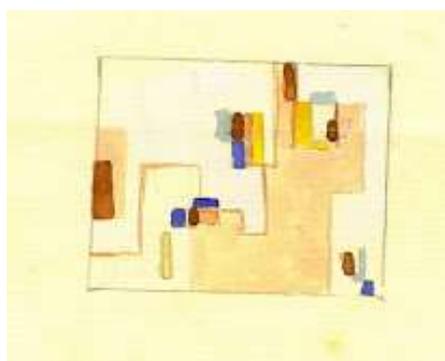


Não via o tempo passar, estava totalmente concentrada nos desenhos pequenos...Mais tarde eles serviram de base para os quadros concretistas que eram feitos noutro ateliê, um barracão no fundo do quintal.

Enquanto isso o Luiz datilografava suas teses da área médica.

Hoje, 60 anos mais tarde, quando estou fazendo as colagens ou desenhos que são releituras da década de 1950, ainda escuto o tic tac da máquina de escrever do Luiz datilografando suas teses. A minha série dos “Boizinhos” foi considerada pelo crítico do Rio de Janeiro, Antônio Bento, como projetos de escultura em fio de ferro.

Consegui guardar uma boa quantidade de desenhos que se tornaram esculturas e colagens, um resgate do construtivo em minha trajetória.





No meio a esses desenhos destaca -se a série “Via Sacra” em bico de pena. Grande parte dos desenhos foram feitos à noite, na copa, enquanto as crianças dormiam.

Hoje tenho poucos quadros desta fase construtiva.

Os meninos pintavam e bordavam enquanto eu pintava minhas telas. Eu preparava as tintas e eles pintavam os muros daquele fundo de quintal. 60 metros de muro, cercado por outros vizinhos.



Dentro daquele quintal a vida era divertida. Ali estavam plantadas muitas árvores frutíferas. Duas enormes mangueiras, uma parreira sobre um caramanchão, jabuticabeira, limoeiro, bananeira e um pé de fruta do conde. Havia também uma hortinha e um galinheiro. As crianças cuidavam das galinhas como se fossem bebês. Faziam o casamento do galo com a galinha e viam nascer os pintinhos. Uma festa verdadeira. Desenhavam nos muros várias cenas das vidas das galinhas. O contato com a natureza e a possibilidade de criar dava a elas um grande sentido de liberdade, como se estivessem numa pequena fazenda. Maurício e o Pedro, filho da Lourdes, eram da mesma idade. Brincavam juntos naquele quintal.

Um dia resolveram cavar um buraco para chegarem ao Japão. No meio da escavação tive que dar o grito:

" Nem mais um centímetro desse buraco. Chega de Japão."

Tudo era um barro só, as roupas, as pernas, as caras! E como era difícil tirar aquele barro.

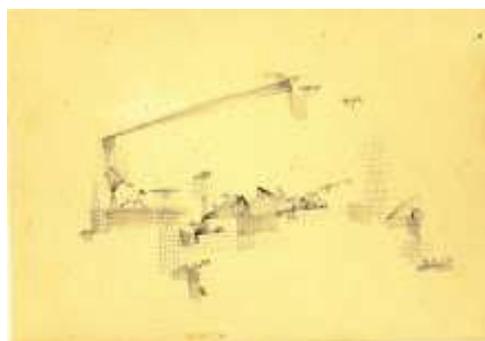
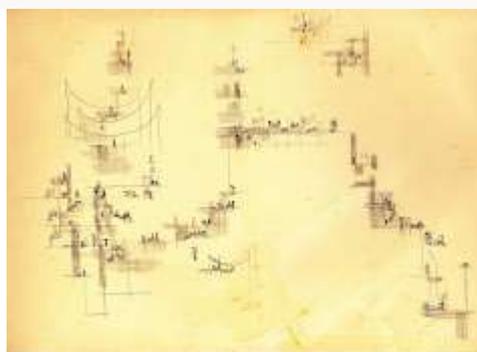
Foi quando o Maurício resolveu escalar as mangueiras. Escolheu o seu galho preferido lá nas grimpas. Cada galho tinha um nome e o mais alto de todos era chamado de " Vista maravilhosa".

Dali se avistava o conjunto de prédios situados no centro da cidade.

A Eliana, cujo apelido era Tindô, em vez de escalar árvores, resolveu escalar o muro que dava para o quintal do vizinho. Resultado: caiu do outro lado no quintal de 3 velhas que não sabiam de onde tinha surgido aquela menina. Bateu com a boca no chão e o dente de leite da frente caiu.

Ela ficou então com aquela " janelinha" na boca até os 7 anos de idade.

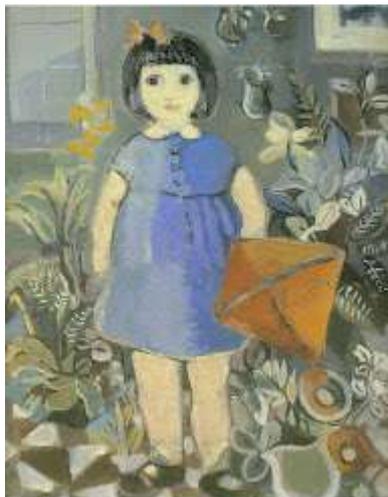
Enquanto isto eu trabalhava incessantemente no meu ateliê.



*fotos de arquivo

ATELIÊ DA RUA SANTA RITA DURÃO 358

O ateliê da rua Sta. Rita Durão 358 foi um despertar de novas ideias. Ali, naquela casinha pequenina comecei a minha fase de pinturas ligadas aos ensinamentos do mestre Guignard. Os meus filhos ocupavam um quarto pequeno com três camas de criança e eu pintava na copa, porque o meu ateliê do porão estava em reforma. Ali, num espaço apertado, eu pintei o quadro da minha filha Marília, segurando um papagaio que mereceu o Grande prêmio do Salão do Estado. O título da obra era “Menina com papagaio”.



O espaço era mínimo, a menina não parava quieta, mas a vontade de pintar era muito maior do que as dificuldades.



Marília estava com um ano e meio e eu às vésperas do segundo filho quando vi anunciado um prêmio para mineiros residentes em Minas. Pensei comigo mesma "vou ganhar este prêmio! E ganhei mesmo!" Os artistas que tinham se mudado para o Rio ou São Paulo não puderam concorrer.

Não é o ateliê que move o artista é a própria vocação e a alegria da criação...

Ganhei também uma menção honrosa com o retrato de uma lavadeira, a lavadeira que trabalhava na minha casa e que um dia serviu de modelo para meus desenhos. Acabei dando, de presente, o trabalho premiado para a própria lavadeira...



Naquela casa foram pintados vários quadros figurativos sob a influência do Mestre Guignard. Logo depois de casada eu deixei a escola, continuando a pintar no ateliê daquela casa e eventualmente levava os quadros para serem mostrados a Guignard.



Na mesma ocasião eu participei da primeira Bienal de São Paulo com o quadro “Domingo no parque”, realizado a partir de pequenos desenhos feitos de memória, como estudos para os quadros pintados à óleo.



Nesta mesma época eu ia todos os fins de semana para a fazenda da Barrinha, onde eu também tinha um ateliê.

Críticos, escritores e poetas da época, entre eles Autran Dourado, Jaques do Prado Brandão e Frederico Moraes me visitavam, conhecendo meus trabalhos e me incentivando.

Ali pintei também cenas de crianças brincando de roda.



*fotos de arquivo

ATELIÊ NA FAZENDA DA BARRINHA

Além do ateliê em BH, onde morávamos, eu teria que organizar um outro na fazenda, desde que lá passávamos grande parte do tempo.



Eu já estava casada com o Luiz e já tínhamos filhos.



Para o meu ateliê na fazenda da Barrinha, escolhi o quarto que dava para a paisagem, com o curral onde eu registrei cenas de uma fazenda mineira, a chegada dos carros de boi, os empregados tirando leite e várias cenas inéditas para mim.





Foi importante desenhar os bozinhos no pasto ou descansando na grama.



Mais tarde, eles se transformaram em esculturas!



Eu via as cenas da janela do ateliê. Meu marido me ajudava preparando as telas. Todos gostavam de me ver pintando.



O trabalho era muito importante, uma energia interna me conduzia apesar de todos os

afazeres de uma dona de casa e de mãe.

Eram fins de semana muito felizes.

Às vezes eu ia parar no térreo da casa sem janelas para a paisagem. Então, pintava retratos de crianças. Quando faltava paisagem eu recorria às cenas do cotidiano.



A arte sempre me acompanhou ao longo da vida.



Ao mesmo tempo, em BH, outro ateliê me aguardava. Aí eu pintei Marília com o papagaio, que mereceu o um prêmio muito importante. Sempre mudando à medida em que mudávamos de casa.

*Fotos de arquivo

ATELIÊ NO LARGO DO BOTICÁRIO

Logo após meu casamento estive algum tempo no Rio, na rua Pires de Almeida, residência da avó Ritinha, tia Lilita e tio Freitas.



Eles haviam viajado para Belo Horizonte e nos deixaram ocupar o apartamento.

Luiz estava apresentando um trabalho no IPASE e eu, enquanto isso, desenhava o meu entorno.

O ateliê era o que eu via da janela.



Registrei alguns aspectos interessantes daquele lugar que me fazia lembrar um cenário de Paris.

Caminhando com minha mala de tintas, eu procurava documentar o que ia vendo pelo caminho.



Cheguei ao Largo do Boticário, sentei-me num banco de pedra e me preparei para realizar um quadro, que também me lembrava um cenário de Paris do tempo antigo. O quadro recebeu Menção Honrosa no Salão de Arte Moderna do Rio!



Deixei o quadro no Rio de presente para tia Lilita.

Hoje não sei por onde ele anda.

No parque municipal eu pintava ao ar livre ou dentro da sala de aula. A paisagem era povoada de cantos de pássaros, de pessoas passando. Eu carregava comigo um cavalete portátil e um banquinho para colocar a mala de tintas.



Era difícil equilibrar as pernas do cavalete porque ele costumava escorregar na grama. Um dia, eu estava tentando dar início à minha pintura, quando uma voz falou atrás de mim:

““Deixa-me te ajudar, desse jeito você não vai conseguir pintar.” Fiquei assustada...

Olhei para trás. O meu ajudante era nada mais nada menos que... Roberto Burle Marx!

Foi na época da construção do conjunto da Pampulha, na década de 40.

O ensino de Guignard fazia sucesso. Ele nos levava pelo parque, mostrando a paisagem. Ficávamos horas desenhando a mesma árvore com lápis duro, lápis 6H. Não havia pressa de acabar. Aquilo me fazia muito bem era uma forma de meditar trabalhando...



Nosso ateliê era o parque municipal de BH, com toda a sua exuberância. Foi uma disciplina à qual todos nós nos submetíamos com muita atenção no aqui e agora, como fazem os yogues. Eu era colega de Mary Vieira, Amílcar de Castro, Mario Silésio, Célia Laborne, Marília Gianetti.

Tempos bons...

Viajávamos para Ouro Preto e Rio de Janeiro, onde Guignard organizou uma mostra dos alunos no Instituto dos Arquitetos.

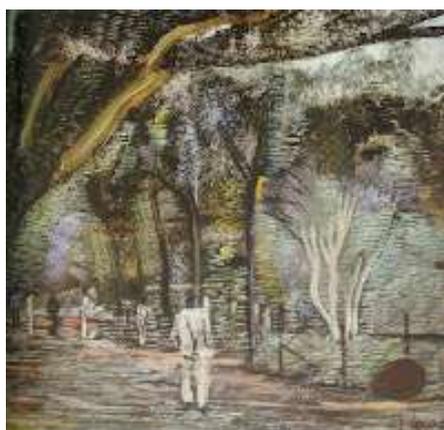


A exposição foi um sucesso total. Sem preocupação de venda. Não havia mercado de arte. Guignard incentivava o desenho de observação e o desenho de linha contínua: partir de um ponto e rapidamente retornar ao ponto de partida.

Importante exercício de quebra de condicionamentos. Aprender a se soltar, não ficar presa a códigos mentais. Até hoje faço uso desta técnica para criar projetos de escultura.



O quadro de Guignard que descreve uma alameda do parque, foi um presente de casamento para nós. O tema sugere a arte como um caminho.



*fotos de arquivo

ATELIÊ NA AVENIDA AFONSO PENA

Estou sentada em frente às janelas que dão para o poente. Hoje é domingo, um domingo de sol. Acordei com o objetivo de me lembrar o que significa para mim um ateliê.



O ateliê nos cria um ambiente de recolhimento para quem quer criar alguma coisa, um isolamento social necessário ao artista. Nesse espaço ele está só, sem interrupções exteriores. É por isso que os artistas estão criando tanta coisa no meio da pandemia. Somos todos eremitas.

Recuando no tempo, vejo meu pai desfazendo a sala de visitas para transformá-la no meu ateliê.



"As visitas serão recebidas na sala de jantar."





Assim foi criado o meu primeiro ateliê com as janelas abertas para a avenida Afonso Pena.

Ali desenhei artistas de cinema, os meus mitos de adolescência.



O recolhimento era muito importante e eu pude me concentrar no desenho, usando lápis de várias cores. Ao mesmo tempo eu escrevia num caderno de anotações o meu dia a dia e os meus sonhos. Os diários sempre me acompanharam ao longo da vida.

Hoje tenho uma coleção de pequenos cadernos onde continuo anotando os acontecimentos externos e as vivências interiores.



Vale a pena ter um lugar para concentração.

Meu pai enxergou isso e desmanchou a sala de visitas.



*fotos de arquivo

ATELIER DO RETIRO DAS PEDRAS I

Decidi escrever sobre o meu ateliê do Retiro das Pedras, situado no alto das montanhas de Minas Gerais.

Da janela eu posso ver a paisagem que se estende até que o verde vai se tornando azul, azul claro, lilás.



As montanhas são lindas e servem de inspiração para os meus quadros.

O ateliê começou em 1974, quando terminaram as obras da construção da minha casa no Retiro.



Escolhi sem pestanejar este local abençoado, lugar de sonho e meditação. Faço minha meditação diária, visualizando a paisagem e agradecendo o privilégio de estar aqui.

Da janela eu vejo o pôr do sol e a lua cheia. Dali mesmo eu fotografei uma nuvem, uma "Asa de anjo" no céu, um sinal de que estamos protegidos.



PAINEL DOS CONFINS



O painel para o Aeroporto Internacional dos Confins foi pintado na sala desta minha casa, um espaço aberto e amplo. Hoje está dividida em sala de visitas, ateliê, sala de TV e sala de computador. Quando recebi a encomenda comecei a viajar no espaço interplanetário. Voltei às viagens espaciais da década de 1960 realizadas vinte anos antes. Voltaram os discos voadores, a visão lírica do cosmos, o Dom Quixote espacial.



Todo um acervo de memórias veio à tona. A partir delas comecei a gravar em pedra litográfica estudos para o painel.

Desenhei aviões, discos voadores, seres espaciais. Com isto eu me preparava para a realização de uma obra de grande porte.

Confesso que vivi momentos de grande alegria. Ninguém sabe o quanto de estudos, ensaios, rabiscos são necessários para que possamos enfrentar uma tela de 10 metros por 2 metros e meio. Naquela ocasião a sala foi totalmente dedicada a servir de ateliê. Eram 4 painéis enormes de madeira, montados sobre rodinhas. Usávamos uma escada para alcançar as extremidades

superiores e muito jornal no chão.

Passei alguns meses mergulhada no sonho de realizar a minha "Plataforma Espacial" para o aeroporto de BH. Ouvia música o tempo todo e só parava de pintar quando o cansaço me impedia. Ivana me ajudou o tempo todo.

Quando estávamos quase terminando o trabalho, alguém de casa sugeriu fazer um churrasco para comemorar.

Chamei a Ivana:

"Vamos acabar com este quadro hoje, amanhã vai ter cheiro de churrasco!"

Trabalhamos até de madrugada. Só fomos dormir às 4 horas da manhã. Mas o painel ficou pronto. Quando acordamos no dia seguinte, havia uma borboleta branca pousada no quadro. O formato era diferente, parecia um disco voador.



Tudo parecia me dizer que esta seria a minha obra prima, a mais importante da minha vida.

O painel "Plataforma Espacial" ficou alguns anos exposto no Aeroporto dos Confins, ocupando a parede do desembarque internacional. As pessoas chegavam de viagem e não tinham muito tempo de contemplar o painel. Mesmo assim foi muito apreciado.

Mas a vida dá suas voltas e proporciona mudanças inesperadas. Por ocasião da reforma no aeroporto, as partes laterais do painel desapareceram.

Tentamos investigar e pesquisar onde estariam, entrevistando pessoas que poderiam nos informar sobre o que havia acontecido. Até hoje não sabemos.

A parte central foi instalada e pode ser vista no embarque da empresa aérea "Azul". Esperamos que este triste acontecimento seja esclarecido e que as partes laterais do painel apareçam.

Quem passou noites em claro para realizá-lo, agora passa noites em claro com esta interrogação: onde estarão as duas partes do meu painel? Enfim, a história do Painel de Confins que me causou muita alegria, me causou também muita tristeza.

*fotos de arquivo

1 de junho de 2022

ORIGEM DAS ESCULTURAS



As esculturas nasceram dos desenhos.

Em 1953, na minha exposição na Galeria do IBEU no Rio, o crítico Antonio Bento me sugeriu transformar os desenhos em esculturas de fio de ferro para alcançar o espaço tridimensional.

Escreveu ele: "Alguns desses desenhos possuem uma grande pureza linear. E são, ao mesmo tempo, de uma qualidade arquitetônica irrecusável. Lembram esculturas de fio de ferro, pela nitidez com que se erguem no espaço, parecendo feitas para uma vida mais transcendente que a do simples desenho em preto e branco. As últimas composições da artista denotam uma segurança que não se encontra em muitos dos nossos abstratos de maior experiência. E revelam também uma

sensibilidade apurada.”

Naquela época eu não investi nas esculturas porque gostava das cores da pintura. Trabalhei com as cores até os painéis de grandes dimensões. Depois vieram novos desenho, em grandes dimensões, os desenhos gestuais. Eles nasceram da minha fase de Barcos de 1963 e foram ampliações desta fase.

Mas a grande virada veio no ano 2000, meu ponto de mutação. Foi quando surgiram as primeiras esculturas originadas de pequenos desenhos da década de 1950.

Na ocasião, eu observava o trabalho tridimensional de minha neta Elena que estudava arquitetura. Ela usava programas de computador para transformar o bidimensional em tridimensional. Fiquei animada a usar também o tridimensional para os meus desenhos.

Ali eu poderia ampliá-los para maiores dimensões, como foi sugerido pelo crítico Antonio Bento em 1953.

Os desenhos bidimensionais se tornaram tridimensionais. Elena construiu as primeiras maquetes e procuramos o Allen Roscoe que trabalhava para o Amílcar de Castro. Com a colaboração do Allen, muitas esculturas surgiram.

Mais tarde busquei a forma redonda usando tiras de papel.

Foi importante este tipo de trabalho.

Foi necessário um despojamento completo das cores, através dos grandes desenhos para dar início às esculturas.

12 de abril de 2023

PAINEL SOBRE CHICA DA SILVA

Um dia, um senhor apareceu lá na minha casa em Belo Horizonte, afim de me convidar para realizar um painel. Seria para o Hotel Del Rey em Belo Horizonte. Teria que citar a cidade de Diamantina, onde viveu a Chica da Silva e onde meu pai tinha estudado por um tempo.

Comecei a desenhar os primeiros croquis do painel, mas sempre acompanhando um pouco a história. Ele me forneceu informação sobre a história da Chica da Silva e eu comecei a imaginar aquela escrava, dominando a cidade de Diamantina, vindo de longe pessoas para conhecê-la. Ela era

muito importante, era uma escrava inteligente.

Para ter mais informações, recorri ao Romancelheiro da Inconfidência de Cecília Meireles, retirando alguns trechos sobre a Chica da Silva. Alguns textos estão escritos no painel.

"Que andor se atavia naquela varanda?"

É a Chica da Silva

É a Chica que manda "

Comecei a imaginar a vida da Chica da Silva da minha forma, pensando que ela era como uma pessoa muito bonita e muito poderosa também para mandar na cidade. Casada com um homem muito importante. Pensar na cidade de Diamantina, de onde os portugueses levaram muitos brilhantes.

Recentemente eu estive lá e pude ver a varanda onde Chica da Silva ficava. Muito interessante lembrar disso tudo.



Maria Helena e sua irmã Maria Regina diante da casa de Chica da Silva- 2023 Foto Maurício Andrés.

Voltemos à época em que eu recebi o convite.

Mandei fazer três telas, uma central de tamanho maior, mas todas muito altas. Era difícil colocar as telas no meu ateliê, tive que colocá-las no chão. Naquela época eu era muito mais jovem, deitava no chão para pintar, suspendia a tela, e a movimentava para pintar de todos os lados. Eu tinha que fazer um esforço físico para acompanhar o esforço mental. Foram feitos os três painéis e depois de prontos foram colocados no Hotel Del Rey, na praça Afonso Arinos.

Para o pagamento de parte do painel, o dono do Hotel propôs uma permuta.

"Mas permuta, como? Se eu moro em Belo Horizonte, por que vou querer uma permuta de hotel na minha própria cidade?"

"Não tem importância", me respondeu ele. "Nós temos um ótimo restaurante no hotel. Você pode convidar pessoas para almoçar ou jantar, que nós teremos o maior prazer de pagar parte desse painel com jantares."

Eu achei muito interessante. Eu tenho uma família grande, os filhos eram jovens e muito interessados em pratos apetitosos. Íamos ao Hotel Del Rey para comer uma fatia do painel. Foi maravilhoso pensar isso. Eu já fiz muitas permutas, gosto muito disso e trocava com prazer a permuta de um hotel por alguma coisa que fosse interessante. Neste caso foram os jantares. Levava a família inteira e eles adoravam.

Dessa forma foi feito o painel.

Deixo agora a palavra para o Maurício discorrer sobre os lugares onde estive o painel da Chica da Silva:

"Esse painel foi encomendado para o Hotel Del Rey e posteriormente estive no Hotel Dayrell em Belo Horizonte. Em sua antologia biográfica, o livro Guerreira de Bronze, A.L.P. Gouthier, descendente de Chica da Silva, e proprietária do painel, descreve essa trajetória. O painel de Francisca - a escrava que queria ver o mar e para quem foi construído um barco e um lago em Diamantina - foi levado para um apartamento em Ipanema de frente para o mar. O painel atualmente se encontra em Lisboa, Portugal, para onde foi chamado e onde faleceu o contratador de diamantes João Fernandes, que a amava. O belo painel de Maria Helena Andrés sobre Chica da Silva simboliza esse reencontro."



Fotografias do tríptico: Daniel Morcillo-Soares

Um poema de Cecília Meirelles está pintado sobre a obra.

Chica da Silva

Isso foi lá para os

Lados do Tijuco,

Onde os diamantes

Transbordavam do Cascalho

Que ardor se atavia

Naquela varanda.

É a Chica da Silva,

É a Chica que manda.

Cara cor da noite,

Olhos cor de estrela,

Vem gente de longe

Para conhecê-la.

Escravas, mordomos

Seguem como um rio,

A dona do dono

Do Serro do Frio.

E em tanque de assombro

Veleja o navio,

Da dona do dono

Da Serra do Frio.

Aonde o leva, a brisa

Sobre a vela panda?

A Chica da Silva,

A Chica que manda.

Poema © Cecília Meireles.

ARTISTA DE CINEMA EM DIAMANTINA





Pediram-me para registrar a viagem a Diamantina. Em geral eu escrevo direto, ao vivo, em cadernos de anotações. Mas desta vez não foi possível.

Tive de virar artista de cinema!

Elas têm que posar para as lentes do fotógrafo:

“Olhe para aqui...

Olhe para ali...”

Os cineastas vêm tudo por meio das lentes de suas câmeras. Em Diamantina sobem e descem montanhas filmando as pessoas.

O fotógrafo ou o cineasta são pessoas que aprenderam a arte de ver, de olhar, pesquisar as pessoas e as paisagens dentro das lentes de sua câmera.

Fiquei ali, subindo e descendo ladeiras para sair no filme.

A iniciativa foi muito boa. Vamos ver o resultado.

Bernardo, dono da pousada “Pouso da Chica”, onde estamos hospedadas, é um amigo de juventude do Maurício, e ambos se dedicam atualmente, nas horas vagas, à arte cinematográfica.

Diamantina me surgiu no momento com sua beleza de mais de 300 anos, toda pintada de branco,

para esperar a “Vesperata”, festa tradicional da cidade.

12 de outubro de 2023

PRIMEIRA VISITA AO PAINEL DE AZULEJOS EM DIAMANTINA





Diamantina se preparou para a Solene Celebração Eucarística de abertura da Festa de Nossa Senhora Aparecida, bem como para a inauguração do Retábulo e dos painéis da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, cuja concepção artística foi de minha autoria.

Fiquei emocionada ao ver o painel de azulejos e a minha obra ampliada e repintada pelas mãos cuidadosas de Carla, jovem artista residente no Paraná. Não a conheci pessoalmente, mas lhe envio os meus agradecimentos e os meus parabéns! O trabalho ficou magistral!

A minha primeira visita à igreja do alto da Serra dos Cristais ocorreu às vésperas da inauguração, numa tarde muito linda.

Logo de entrada, o painel se descortinou e o Artur acompanhou meus passos com sua flauta mágica, música de Mozart se estendendo pelas montanhas. Tudo foi muito lindo e me provocou lágrimas de emoção.

Ali, diante do altar da santa, eu agradei as bênçãos recebidas e os milagres que me deram energia para realizar, aos 101 anos de idade, aquela obra monumental.

Fico muito grata pela atuação permanente de minha família, ajudando na realização deste projeto.

Dom Darci, arcebispo de Diamantina, sugeriu algumas mudanças que considerei fundamentais, solucionando o problema de uma porta que existia na parede e que desequilibrava a composição.

Ele interferiu magistralmente, criando duas paredes laterais onde foram colocados os anjos e as flores que eu desenhara. Flores do cerrado e anjos pequeninos foram “salpicados” nos azulejos, que ocupam o primeiro plano, onde também está Jesus Crucificado. De acordo com a liturgia, a cruz deve vir sempre à frente!

Aos poucos fui percorrendo o espaço vazio, ladeada por duas filhas e ouvindo o filho tocar a sua flauta. Muito linda a experiência.

12 de outubro de 2023

A INAUGURAÇÃO DO RETÁBULO A NOSSA SENHORA APARECIDA EM DIAMANTINA











No dia seguinte, subimos o morro mais uma vez, para assistir as festividades do primeiro dia da Novena a Nossa Senhora Aparecida.

Foi numa tarde chuvosa que a Santa subiu o altar.

Para a Inauguração do retábulo a Nossa Senhora Aparecida, Dom Darci idealizou uma performance antes da cerimônia litúrgica. Trouxe um pescador com sua rede, simbolizando aqueles que encontraram a imagem no rio Paraíba do Sul, em São Paulo. A rede de pesca, antes vazia, se encheu de peixes, após a descoberta da Santa. Foi o primeiro milagre de Nossa Senhora Aparecida.

Dom Darci relatou os 5 milagres, apontando cada um no painel de azulejos.

Um cortejo de crianças vestidas de anjo antecedeu a imagem da Santa, esculpida em terracota.

Dom Darci explicou aos fiéis que Nossa Senhora Aparecida é a mesma Nossa Senhora da Conceição, venerada em Portugal e na Europa.

Nesta performance, o manto de Nossa Senhora Aparecida foi trazido separado da imagem, bem como a coroa.

A imagem foi vestida com o manto e eu fui escolhida para coroar a Santa. Antes, Dom Darci informou ao público sobre o meu currículo, exposições, premiações e trabalhos realizados na Índia. Senti que naquele momento ele fazia alusão às minhas reflexões sobre a integração Oriente-Occidente através da arte e da cultura.

Em seguida, já com a túnica e a coroa, Nossa Senhora Aparecida foi colocada no centro da Mandala do painel de azulejos.

Naquele momento, sentimos que uma luz brilhante circundava a Mandala.

Ao ver aquela luz, me lembrei da frase:

“Constrói o teu edifício bem alto e ele falará por ti.”

quinta-feira, 12 de outubro de 2023

AGRADECIMENTOS EM DIAMANTINA

Trechos da fala de Maria Helena durante a inauguração do painel em 3-10-2023:

Eu agradeço de coração a todos vocês.

Agradeço a Nossa Senhora Aparecida.

A minha família me ajudou muito.

Agradeço ao pessoal do Paraná, que realizou tão bem esta ampliação do quadro feito no Retiro das Pedras, em tamanho pequeno.

A Arquidiocese de Diamantina e a Paróquia do Divino Pai Eterno, convidam para a Solene Celebração Eucarística de abertura da Festa de Nossa Senhora Aparecida de 2023, e Inauguração do Retábulo à Virgem Aparecida, concepção artística de Maria Helena Andrés, presidida por sua Excelência Reverendíssima Dom Darci José Nicioli CSSR.

| Data | Local | Horário |
|---------------|--|---------|
| 03 de outubro | Alto da Serra dos Cristais, Igreja de Nossa Senhora Aparecida (Rod. Salto da Divisa, 1237) | 19h |

Maria, ensina-nos que vocação é graça e missão!







Agradeço essa iniciativa extraordinária de realizar esse trabalho aqui na Serra dos Cristais.
O nome cristal dá uma ideia de energia da terra e estamos aqui para esperar a energia dos céus.
O painel é para todos.
Muito obrigado a todos vocês.

sexta feira, 13 de outubro de 2023